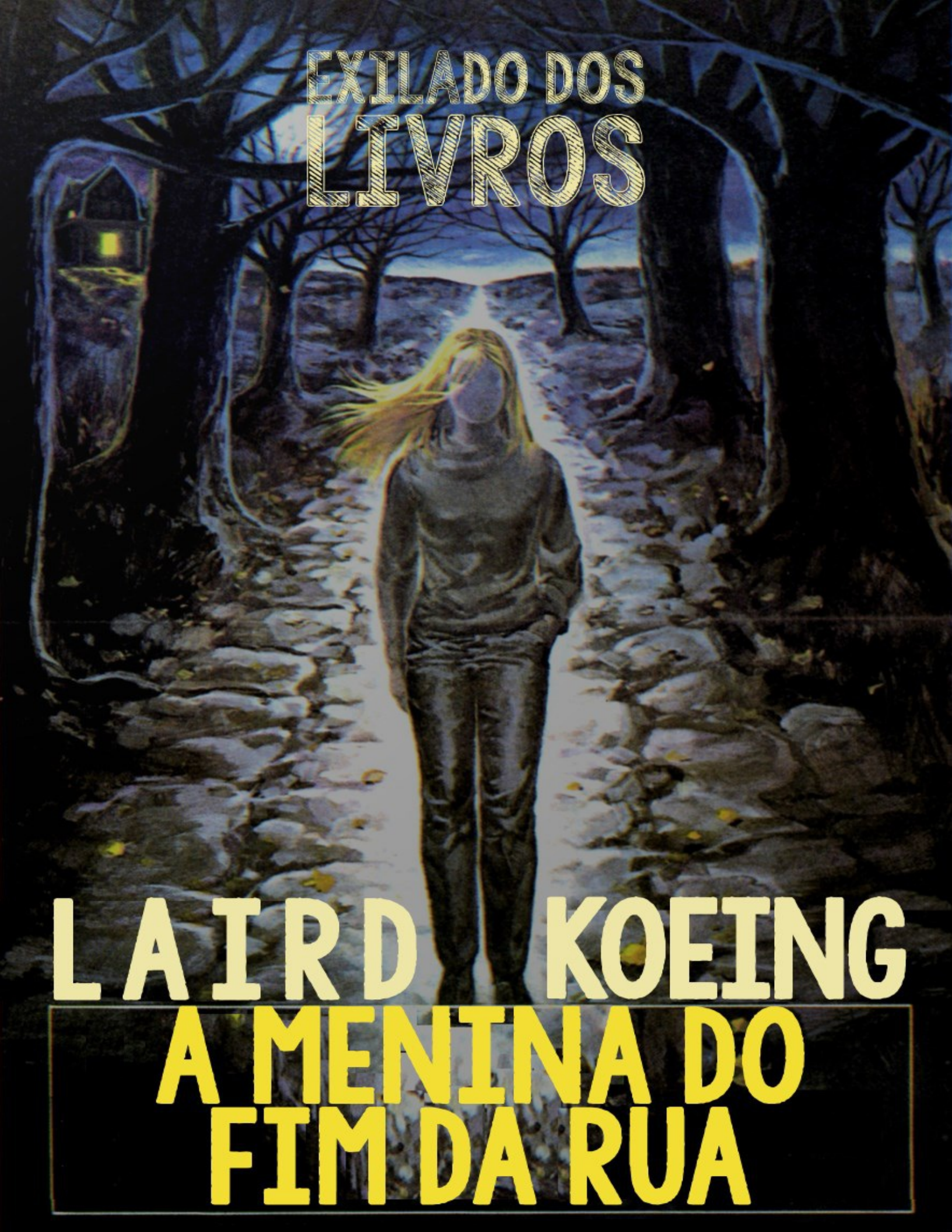


The background of the cover is a dark, atmospheric illustration. It depicts a young woman with long, flowing blonde hair, wearing a dark, long-sleeved top and dark pants, walking away from the viewer down a path. The path is made of large, irregular stones and is flanked by tall, thin, leafless trees. In the distance, a small, brightly lit house is visible through the trees. The overall color palette is dark, with muted blues, greys, and browns, punctuated by the bright yellow of the woman's hair and the light from the distant house.

EXILADO DOS
LIVROS

LAIRD KOEING
A MENINA DO
FIM DA RUA



LAIRD KOENIG

A Menina do Fim da Rua

Tradução de Gabriela de Mendonça Taylor
Título original: The Little Girl Who Lives Down the Lane

**EXILADO DOS
LIVROS**

CAPÍTULO 1

Era uma dessas noites de que a menina mais gostava.

E naquela, do último dia de outubro, ela estava na janela olhando para o mundo lá fora, que já principiava a tremer no começo do inverno. Um vento cortante agitava as hastes das flores mortas no jardim, despindo os galhos das árvores de suas folhas, fazendo-as voar como pedacinhos de papel sumindo na escuridão.

Correu descalça para a lareira de pedra e, pegando o atizador, remexeu a lenha até que a brasa viva começou a crepitar e se transformou em labareda. Estendeu as mãos para o calor do fogo que invadia a sala e a cozinha daquela casa que há cerca de cem anos, talvez menos, fora uma simples fazenda. Seu dono fizera instalar um novo aquecimento a gás junto à parede, mas a menina gostava do aconchego da lareira e do cheiro acre da fumaça que se desprendia dos incandescentes toros de madeira.

Deu mais alguns passos e, contornando a mesa baixa e a cadeira de balanço, chegou junto dos luminosos botões do estéreo. Aumentou o volume e o som, que partia dos alto-falantes ocultos entre as vigas do teto, inundou o ambiente. O *Concerto n.º 1 para piano* de Liszt, executado por uma das grandes orquestras sinfônicas do mundo, cresceu vibrando por todo o ambiente até transformar a pequena casa numa verdadeira orquestra.

Nenhum vizinho telefonaria ou bateria à porta para reclamar do barulho. O mais próximo morava a mais de quinhentos metros, no fim da alameda juncada de folhas mortas.

A menina ficou imóvel no meio do aposento. Esperava na penumbra, enquanto a tênue luz vermelha, palpitando no fogo, fazia novamente tremular as sombras nos cantos.

Esperou. Dentro de alguns instantes chegaria o momento que aguardava há tantos dias.

Naquela manhã, bem cedo, estivera arrumando a casa, trabalho interrompido

apenas para uma rápida ida à aldeia sob a chuva de outono. De joelhos encerara as tábuas de carvalho do chão, além de tirar a poeira e lustrar os móveis simples, que, por duas vezes no mês de setembro, atraíram àquela casa um antiquário, homem vestindo roupa de couro preto e cheirando a cravo. Ao se oferecer para comprar tudo à vista, mostrou-se desconsolado quando seu pai lhe dissera que a maioria daquelas peças não lhe pertencia. Todos aqueles móveis, disse, olhando com devoção os castiçais, a mesa, as cadeiras, o divã e o tapete, constituíam um dos melhores exemplares da arte antiga americana que já havia visto. O assoalho e a mobília, já com a pátina do tempo, agora brilhavam à luz da lareira. Até mesmo o tapete, estendido sob a pequena mesa, recobriria suas cores, desde o dia em que a menina, levando-o para fora, dera-lhe uma boa batida para tirar a poeira. Na cozinha, que um aparador de madeira separava do resto do aposento, os metais do fogão novo e da geladeira brilhavam aos reflexos do fogo.

No aparador da cozinha, a menina abriu uma caixa de confeitaria e, cuidadosamente, com ambas as mãos, retirou um pequeno bolo recoberto de uma espessa camada de glacê amarelo, colocando-o dentro do prato. As claras em neve melaram-lhe as mãos, mas ela não lambeu os dedos; apenas limpou-os com um guardanapo de papel.

Na superfície brilhante e acetinada do bolo, foi lentamente enterrando treze minúsculas velas amarelas, dispondo-as em círculo. Guardou as outras na gaveta. Acendeu um fósforo, o primeiro dos três que iria utilizar, e foi acendendo as velas o mais rápido que pôde, para que todas ficassem vivas ao mesmo tempo, as chamas ondulantes ao reflexo do fogo. Quando sacudiu o fósforo para apagá-lo, as chamas transluziram em sua mão, tornando-a vermelha. Por longo tempo ficou examinando-a, da mesma forma com que olhava tudo mais atentamente naquele dia. Virou a mão lentamente. Seus dedos, vermelhos como sangue, eram quase transparentes nas extremidades, com exceção das pequeninas unhas bem torneadas nas pontas.

Carregou o bolo chamejante, mas, ao invés de levá-lo diretamente à sala de estar, dirigiu-se a um ponto mais sombrio do vestibulo, próximo à porta da entrada, onde, abaixo do cabide, brilhava um espelho. Nem bem chegara àquele canto obscuro e já o clarão das velas o iluminava.

Quedou estática ante o círculo de chamas. À luz tremulante das velas, as mãos e o rosto da menina pareciam muito pálidos, brancos como cera. Seus longos cabelos, que em geral eram da cor das folhas mortas, tinham agora uns laivos de cobre. Olhou-se fixamente no espelho, concluindo que, na verdade, seu rosto, como dissera seu pai em um de seus poemas, *tinha* a forma de um coração. Não havia dúvida, a testa era larga, o queixo, pontudo. O rosto oval era branco, pintado de sardas que pareciam mais escuras à luz das velas, como pontinhos de lápis sobre papel branco. Os olhos brilhavam com um vivo lampejo. Olhos pequenos, pensou.

Verdes, porém pequenos. Certa vez, queixara-se ao pai, dizendo que as outras meninas de sua idade tinham olhos enormes. Interrompendo a tradução de um poema russo que então fazia, o pai afirmou-lhe que seus olhos absolutamente não eram pequenos. Lembrava-se agora de que ele falara por longo tempo, tentando explicar-lhe que ela tinha uma bela ossatura e um rosto já dentro de suas proporções normais. Seus olhos eram agora exatamente proporcionais ao tamanho de seu rosto.

Naquele tempo não compreendeu, pensando que as palavras de seu pai eram ditadas pelo amor que ele lhe tinha. Seus olhos eram pequenos. Em vez daqueles olhos verdes, bem pequenos, mesmo com o fulgor intenso e cheios de vida como agora, desejaria ter olhos magníficos, grandes, enormes.

— Feliz aniversário — disse para a menina refletida no espelho. Cuidou-se para não sorrir, porque o sorriso mostraria o dente da frente quebrado e isso ela não podia suportar. — Feliz aniversário para mim — disse. A preocupação com os olhos — eles eram verdes e disso ela gostava — não se comparava com a angústia que sentia em relação àquele dente quebrado. Estava resolvida, disse a si mesma com a maior seriedade, a não pensar mais no dente, a não permitir que aquilo viesse perturbar um dia tão importante. Lentamente, como num ritual, carregou para longe do espelho aquele esplendor de velas. Por todos os cantos da sala ressoava a música, e o vento da noite, fustigando a casa, em breve encheu-a de uma alegria tão grande, que chegou a fechar os olhos procurando reter aquela felicidade, impedindo que o momento passasse. Aproximando-se da mesa baixa, em frente à lareira, diante da qual se ajoelhou para colocar o bolo, via-se quase a cumprir um ritual, tomando parte em uma peça teatral, ou num dos antigos filmes bíblicos a que assistira na BBC. Podia ver — quase como se estivesse fora dela própria — uma menina esbelta, dentro de um longo cafetã de linho branco que seu pai lhe trouxera do Marrocos. A vestimenta, a mais primorosa que já possuía, tinha um bordado azul na gola e nas mangas, e essa cor, afirmara o lojista, tinha o poder de afastar qualquer mau-olhado. Seus pés descalços estavam pousados no macio assoalho de carvalho. Parecia uma virgem da mitologia que solenemente depositasse uma oferenda no altar.

Sentada sobre os calcanhares, com um olhar fixo na luz das velas, estendeu a mão para trás e começou a balançar a cadeira. Com os olhos cerrados, sentiu-se parte integrante do calor do fogo, da chama das velas, da música, do vento da noite.

Súbito, ao ouvir um ruído, prendeu a respiração. Levantou-se rapidamente e, encaminhando-se ao estéreo, diminuiu o volume.

As batidas ressoavam na porta. Na noite varrida pelo vento, um homem bem alto, usando uma capa de borracha, estava de pé, na porta. Iluminado por uma estranha luz amarelada, seu vulto envolvia-se no brilho ondulante das velas do bolo.

Temendo novas batidas, não pensou em mais nada senão em chegar até a porta

da entrada a tempo de impedi-las. Antes que chegasse ao vestíbulo, elas se fizeram ouvir, três batidas, muito mais fortes do que as primeiras.

— Sim? — perguntou junto à porta.

— Sr. Jacobs? — Ela desconhecia a voz do outro lado, no meio da noite.

— Quem é? — falou com sotaque inglês.

— Frank Hallet.

— Hallet. — O nome não significava nada para ela. Hallet? Então se lembrou da mulher da agência imobiliária que havia alugado a casa a seu pai. Hallet. Devia ser o filho. O que desejaria ele? A menina ficou imóvel. Sabia que o homem não iria embora se ela não abrisse a porta.

— Um momento — gritou.

Correu em direção à mesa baixa e abriu a caixa de cigarros. Tirou um e, segurando os longos cabelos, inclinou-se para a chama do bolo de aniversário. Erguendo-se, virou a cabeça e soprou a fumaça atrás de si. Antes de atirar o cigarro na lareira, soltou baforadas de fumaça por todos os cantos da casa e correu para o vestíbulo.

Torcendo o trinco, abriu a porta para a noite e para o vento, que espalhou as folhas pelo assoalho lúcido.

No escuro, o homem parecia iluminado, pois trazia consigo uma daquelas abóboras douradas e alaranjadas que a menina tinha visto pelos caminhos, ou empilhadas, à venda, ao longo das estradas. O grande globo alaranjado fora cavado no centro e, no interior, uma vela brilhava através de dois olhos, um nariz e uma enorme boca escarninha talhados na espessa polpa da abóbora.

— Peça ou prenda — a voz do homem ressoou. Gritava para ser ouvido, em meio àquele barulho do vento.

— O quê? — perguntou a menina. Interrogou, mas não porque não pudesse ouvi-lo. Olhou fixamente para ele. O vento gélido infiltrou-se pela casa adentro.

O que desejaria ele?

— Peça ou prenda. — Empurrou a face da abóbora na direção da menina, como se o seu pedido pudesse se explicar pelos olhos chamejantes e pelo sorriso faiscante.

— Desculpe-me — disse a menina. Procurou em vão uma maneira de lhe dizer que não compreendia a razão de sua presença e o que desejava. Nem procurou ocultar o tremor que a invadia. Todos os seus esforços, durante um dia inteiro, para conseguir uns momentos preciosos e o aconchego do lar agora se esvaíam com o frio da noite. Naquele instante, o que mais ansiava, e ardentemente desejava, era encontrar um meio de fazer o homem sair da porta, desimpedindo a entrada.

— Halloween! — o homem gritou como se desejasse comunicar-se com um estrangeiro que não falasse a sua língua.

— Hem? — disse a menina, conjecturando se teria coragem de pôr a mão na guarnição da porta, bloqueando o passo que o levaria da soleira da porta para o interior da casa.

Antes que ela fizesse um gesto, já ele dera o passo para introduzir-se no vestibulo, examinando a Sala de estar.

— É aniversário de alguém? — Olhava as velas fulgurantes à roda do bolo. No interior das compridas mangas de seu cafetã a menina cerrou os punhos. — É o seu aniversário? — perguntou o homem. Com movimentos muito lentos, a menina sacudiu a cabeça afirmativamente.

Ela descerrou os punhos, ocultos pelas mangas, apenas para esfregar os braços gelados pelo frio.

— Feliz aniversário.

— Obrigada — respondeu friamente, procurando retirar das palavras qualquer inflexão de simpatia, pois via agora que sua única arma contra o homem era não lhe dar nenhuma demonstração além do mais estrito dever de civilidade. Lembrou-se das velhas senhoras londrinas que nos magazines, como o Harrods, e nas casas de chá, como a Richoux, fulminavam caixeiros e empregadas com uma frieza e um desdém admiravelmente estudados. Se ela conseguisse adotar semelhante atitude, o homem ver-se-ia obrigado a se retirar. — Posso dizer a meu pai a razão de sua visita?

— Esta noite, além de ser a do seu aniversário, é também Halloween — bradou ele.

Será que pensava que ela era surda? Mais uma vez, recordou-se de Londres e de um amigo de seu pai, um velho poeta de cabelos sujos, que, embora vivendo num quarto minúsculo — podia conter apenas alguns objetos velhos, xícaras usadas, sujas de um pouco de chá onde flutuavam pontas de cigarro, livros amarelecidos, manuscritos em frangalhos, o ambiente inteiro recendendo insuportavelmente a gatos —, gritava sempre com voz alta e monótona parecida com a daquele homem. Depois da primeira visita o pai explicou-lhe que seu velho amigo era surdo.

— Peça ou prenda. — O homem repetia as palavras pausadamente, como se temesse que o vento as levasse.

O rosto da menina continuava inexpressivo e pouco animador. Contudo, o homem se sentiu inclinado a dar uma explicação.

— Meu nome é Frank Hallet. Seu pai me conhece. O homem virou-se, procurando perscrutar o interior da noite escura onde as folhas eram espalhadas pelo vento.

— Meus dois garotos estarão aqui a qualquer instante para exigir uma peça ou uma prenda. Neste momento eles estão lá no fim da rua, esperando que as maçãs carameladas endureçam. Vim aqui mais ou menos como um batedor, para reconhecer o terreno e descobrir se nas casas onde eles vão tentar pedir prenda, ou então pregar

peças, não existe fantasma de verdade. — O homem reprimiu uma risadinha.

A menina jamais ouvira um adulto rir de maneira tão idiota.

Com o rosto banhado pelos reflexos alaranjados, o homem voltou-se para ela. Era uma brincadeira que se podia interpretar de duas maneiras. Será que havia compreendido o que ele realmente queria dizer?

— Como aqueles velhos obscenos que tentam oferecer doces às meninas, não é isso?

O homem, mais uma vez, reprimiu uma risadinha.

A menina começou a pensar que era um erro a máscara inexpressiva que ela se impôs. O homem parecia decidido a se fazer entender.

— Você nem pode imaginar — disse. — Existe gente horripilante, mesmo aqui neste povoado.

O vento levantava os fios dos cabelos castanhos do homem, deixando à mostra uma cabeça calva que reluzia como a mobília encerada da casa. Imperturbável diante da atitude impassível da menina, Hallet começou a explicar o significado daquela noite tão fria e com tanto vento

— Na noite de Halloween brincamos de peça ou prenda. Continua sem compreender? Você é inglesa, não é?

— Sim.

— Na Inglaterra vocês não têm Halloween?

— Não!

— Ei! — exclamou — estamos deixando escapar todo o calor da casa. — O homem esgueirou-se pela porta, dando o segundo passo, forçando assim a menina a recuar para dentro do vestíbulo. — Diga a seu pai que vocês têm visita.

CAPÍTULO 2

— Diga a seu pai — exclamou o homem, introduzindo-se na casa com a abóbora nas mãos. — Diga a seu pai — repetiu, como se não precisasse pedir licença para entrar, como se a casa não fosse também da menina, fosse somente de seu pai.

Ela ficou na porta, imóvel, com um ódio tão terrível, como ninguém, homem ou mulher, se lembraria de ter sentido em criança. Silenciosa, trincou os dentes, enquanto o homem, com seus sapatos molhados, ia deixando marcas nas tábuas brilhantes do chão encerado. Chegando à janela, afastou a cortina e, com a mão em concha acima dos olhos, encostou-a no vidro para olhar para fora.

— Seus vizinhos moram longe demais para que os garotos possam escutar minha voz. — O hálito do homem embaçava a janela que a menina lavara de tarde. — Mas posso vê-los daqui. Um está fantasiado de Frankenstein, o outro, de esqueleto verde. — Fingia que tremia de medo, acompanhando a farsa com a indefectível risadinha.

A menina odiava aquela risadinha, como odiava o perfume doce e enjoativo que ele ia deixando atrás de si. Sufocada de tanta raiva, não teve outra alternativa senão fechar violentamente a porta.

Ficou de pé, no vestíbulo, olhando para ele.

Era mais alto do que seu pai. O rosto vermelho e inchado brilhava com o vento frio. Talvez aquele vento cortante fosse responsável por seus olhos azuis estarem lacrimejando; contudo, o aspecto deles era o mesmo dos olhos de um amigo de seu pai, poeta também, e que, segundo diziam, bebia demais. Vendo-se observado fixamente pela menina, o homem colocou a abóbora na mesinha e, com a mão esquerda, onde, no dedo, brilhava uma aliança extraordinariamente larga, alisou o cabelo, enquanto, com a direita, retirava do bolso da capa de borracha um tubo de pomada, passando o unguento brilhante sobre os lábios vermelhos.

"Parece o muco viscoso de uma lesma", pensou a menina.

Voltou a guardar o unguento no bolso da capa de borracha, cujas orelas

estavam engorduradas. As mangas do paletó também estavam enebadas e a calça de flanela branca, amarrotada, caía de leve sobre os sapatos de camurça marrom, que haviam manchado o assoalho. A mão vermelha de frio continuava alisando os fios de cabelo, num crânio que brilhava sob aquela proteção insuficiente. Tudo naquele homem parecia sujo, seboso, vermelho.

— Se você vai morar nos Estados Unidos — a voz ficou alta demais —, você tem que saber o que é Halloween. Esta é a noite em que todas as crianças vêm às casas, fantasiadas, usando máscaras e trazendo abóboras.

A menina, que ainda não saíra do vestibulo, crispou a mão no trinco da porta.

— Chegando à porta da sua casa — continuou o homem —, elas gritam: "Peça ou prenda!", e você tem que fingir que está com medo. Se você não lhes der uma prenda, elas lhe pregam uma terrível peça. — Sacudiu o dedo vermelho em direção à menina e começou a rir. — É uma coisa terrível.

Voltou a apoiar o rosto vermelho na janela para espiar a noite Já fora. Seu hálito tornou a embaçar o vidro.

— Quanto aos meus dois garotos, a peça que eles podem pregar não terá proporções tão horríveis assim, pois não passa de travessura de crianças de quatro e de seis anos.

A menina não podia imaginar que aquele homem grande e vermelho, com uma grossa aliança no dedo, fosse o pai de duas crianças. Comparado a seu pai, ele parecia mais uma criança. Uma criança com cheiro de água-de-colônia.

— Agora você compreende o que quer dizer peça ou prenda?

— O que é uma prenda?

— É pipoca, doce. Qualquer coisa.

— Será que eles gostariam de um pedaço de bolo? O olhar de ambos dirigiu-se para o bolo, rodeado de

velas, brilhando intensamente diante da lareira. Algumas já estavam menores, com a chama extinta. Em outras a chama bruxuleava.

— Mas este é um bolo de aniversário — disse o homem.

A menina retirou-se da porta da entrada e dirigiu-se para a cozinha. Ouviu-se abrir uma gaveta e a batida da porta do aparador. Munida de faca e de um rolo de papel fino, ela se ajoelhou diante do bolo.

— Não, não faça isso — exclamou Hallet.

— Fazer o quê? — respondeu a menina, que já tinha traçado cuidadosamente uma linha com a ponta da lâmina no meio do glacê acetinado.

— Você não deve cortá-lo. Quero dizer, não deve cortá-lo só para eles.

— Acha então que eles não vão gostar?

— Certamente que vão, mas... — A mão vermelha esboçou um gesto de protesto, mas logo se retraiu. — É um bolo bem bonito.

A menina traçou uma linha reta com a faca no meio daquele campo nevado de açúcar amarelo-pálido.

Ele virou-se e olhou pela janela. Súbito, falou: — Onde está sua mãe?

A menina franziu a testa, concentrando-se no corte do bolo. O homem aguardou. Será que ela não ia responder à sua pergunta? A menina já retirara a primeira fatia quando respondeu.

— Minha mãe já morreu.

— Mas seu pai está aqui. — O homem farejava o ar exageradamente. — Ele fuma cigarros franceses, não?

A menina cortou um pedaço de papel impermeável do rolo, alisou-o bem e embrulhou cuidadosamente o primeiro pedaço de bolo.

— Estou certo? Ele fuma cigarros franceses?

— Sim.

Sacudiu o dedo vermelho. — Então, é um homem muito corrompido.

A menina, que cortava a segunda fatia, não levantou a cabeça.

— Cigarros franceses, oh, oh! — O riso vicioso induzia a menina na crença de que era pecaminosa qualquer coisa, até mesmo cigarros, se fossem franceses. — Cigarros franceses, aqui nesta ilha? *Fora* da estação? Nada bom. — A insinuação teria ficado incompleta se não tivesse sido acompanhada de mais uma risadinha cúmplice.

A menina embrulhou o segundo pedaço de bolo. Com a faca, raspou dos dedos o glacê nevado, sem todavia comê-lo.

— Meu pai não é absolutamente um homem corrompido. Ele é poeta.

Olhava para o círculo de chamas das velas.

— Está lá em cima? — perguntou o homem. Ergueu os olhos, por cima do círculo de chamas, para o homem à janela.

— Quem?

— Seu pai.

— Não — disse ela —, está em seu escritório. Está trabalhando.

— Ele é poeta?

— Sim.

— Minha mãe também diz que ele é poeta, e quando ela diz qualquer coisa... bem, forçosamente tem que ser verdade. Ninguém teria coragem de dizer que não é. Minha mãe é a senhora da agência imobiliária que alugou esta casa ao seu pai.

A menina levantou-se do chão e dirigiu-se ao homem à janela, com os dois pedaços de bolo na mão.

Teve náuseas, ao sentir o seu perfume muito ativo.

Estendeu a mão para pegar os pedaços de bolo, dizendo: — Os garotos vão

gostar muito disto. — Suas mãos vermelhas roçaram os dedos brancos e delicados da menina. Ela retirou, rápido, a mão, quase deixando cair as fatias do bolo.

Ele reparou que ela ficara olhando suas mãos por muito tempo. A menina lembrou que seu pai achava que as mãos diziam muito mais sobre uma pessoa do que o rosto, e aquelas mãos eram pequenas e macias como as de uma mulher, e, embora estivessem vermelhas pelo frio, as costas tinham os poros muito abertos, como a carteira de couro de porco que certa vez seu pai ganhara de presente, mas depois se desfizera dela porque o couro nunca perdera o seu cheiro desagradável.

- A menina tinha certeza de que sua carne tremeria até os ossos se aquele homem a tocasse novamente.

— O tempo está melhorando — disse ele. — Esta noite não vai chover mais. Ficarão apenas um lamaçal onde as crianças vão se esparramar.

A menina voltou para junto da mesinha, apanhou a faca e o papel e levou-os para a cozinha.

— Que silêncio — disse ele, e, pela primeira vez, falou baixo: — Escute só. Às vezes, desta casa se ouve o barulho do mar. Hoje à noite só ouvimos o vento.

Da cozinha, a menina observava o homem do outro lado da sala, junto da janela.

— Muita gente pensa que, no inverno, isto aqui fica muito isolado — disse, limpando com a manga da camisa o ponto embaçado da vidraça. — Realmente, você e seu pai têm sorte de estarem aqui nesta época do ano. Logo nos primeiros dias do outono, os veranistas arrumam as malas, fecham as janelas, correm para Nova York e ligam o aquecimento central. Entregam-nos a cidade e se vão. A nós, anglo-saxões protestantes, e aos italianos também.

O homem olhava para as velas do bolo de aniversário que se apagavam uma a uma. — Você tem treze anos?

— Não.

— Então, por que as treze velas?

— Eu só tinha essas.

— Você tem catorze anos?

— Meu pai publicou seu primeiro livro de versos quando tinha apenas onze anos.

— Isso foi na Inglaterra, não?

— Sim.

— É mais fácil ser poeta na Inglaterra. — A mão gorda deslizou sobre os cabelos, arrumando-os em cima da calva. — Aqui na América, aos onze anos ninguém é nada.

Será que ele não compreendia que ela não queria falar?

— Já escrevi poesia — disse ele. — No curso preparatório para a

universidade. Para o jornal do colégio. Você escreve poesia?

— Sim.

— Sobre o quê?

Ela encolheu os ombros. Era a única resposta possível. Por que ele continuava falando? Nada parecia detê-lo.

— Você as publicou? — Não parecia de todo intimidado com o silêncio da menina. — Estou falando das poesias.

Ela assentiu com a cabeça.

— No jornal do colégio?

Na cozinha, a menina fechou uma gaveta, mas não respondeu.

— Nos jornais, nas revistas?

Na lareira, uma tora, acabando de queimar-se completamente, caiu espalhando as brasas. A menina saiu correndo da cozinha para apanhar o atizador.

— Um dia gostaria de ler seus poemas.

Ela empurrou as brasas novamente para o fogo.

— O nome de seu pai é Leslie Jacobs, não é?

— Sim.

— E o seu?

— Rynn.

— R-Y-N-N? Que nome estranho!

A menina empurrou um carvão incandescente para baixo da grade da lareira.

— Você deve ser muito inteligente. — Olhou ao redor da sala. — Só você e seu pai moram aqui?

Ela não respondeu. Levantou a tampa da caixa de lenha e nela jogou o atizador de fogo.

— Só vocês dois? — o homem tornou a perguntar.

— Sim.

Dirigindo-se para a cadeira de balanço, Hallet, com uma das mãos vermelhas, mexeu na cadeira.

— Esta é a cadeira dele?

— Sim.

— E você não gosta que ninguém se sente nela, não é?

A menina deu de ombros, enquanto o homem alisava as mechas de seu cabelo castanho.

— *Vibrações*, eu sinto essas coisas, sabe? — Com as costas da mão, que pareciam couro de porco, ele parou a cadeira de balanço. — Alguns têm superstição de balançar uma cadeira quando não há ninguém sentado.

A menina não se arredou de junto do fogo.

— Vocês têm essa superstição na Inglaterra? Bem, não vai me dizer que os

ingleses não são supersticiosos.

Silêncio.

— Você *tem* de ser supersticiosa — continuou. — Afinal, estamos na noite de Halloween. Você devia também ter um gato preto. Gatos pretos são praticamente obrigatórios nesta noite. — Relanceou os olhos pelo aposento, como se quisesse demonstrar à menina que ele esperava encontrar um gato ali, apesar das negativas de Rynn. — Nenhum gato?

— Nenhum.

— Mas todas as meninas gostam de gatos.

A menina dirigiu-se a um canto onde estava a caixa de lenha para a lareira, e, ajoelhando-se, abriu uma pequena gaiola de arame.

— O que você guarda aí dentro?

O bichinho que ela tinha nas mãos foi o pretexto para ele se aproximar.

— Um rato branco?

Quando Hallet habilmente se moveu para chegar ainda mais perto, a fim de olhar o rato, ela virou o rosto para não sentir o cheiro dele.

— Como se chama? — perguntou, referindo-se ao rato. A menina beijou o focinho rosado do animalzinho.

— *Tem* de ter um nome. Vamos, Rynn. Diga-me qual é.

— Gordon. — Mas era ao bichinho, cujos bigodes freíam, que ela se dirigia, e não ao homem.

— Ele é inglês?

Concordou com a cabeça. Nem mesmo ao pai revelara que havia trazido Gordon para os Estados Unidos, escondido no seu casaco de pelúcia do Marks and Spencer. Beijando Gordon mais uma vez, levou-o para a mesa e o pôs na frente do bolo. O animal levantou a cabeça ao mesmo tempo que seus olhinhos vermelhos examinavam a montanha de glacê em tom amarelo-claro e as chamas das velas bruxuleando. Rynn apanhou um pedaço do bolo e ofereceu ao rato. Os olhos da menina cintilavam à luz das velas, e Gordon levantou-se sobre as patas, enterrando as unhas no glacê.

— Antes que todas as velas se apaguem, você não vai chamar seu pai?

— Quando ele está trabalhando não o interrompo.

Por muito tempo, quedou-se o homem em silêncio, observando a menina juntamente com Gordon. — Já lhe disseram que você é uma menina muito bonita? Cabelos lindos, principalmente à luz das velas. — Fez menção de tocá-los, mas logo se conteve. — Uma menina bonita como você... no dia de seu aniversário... e nenhum amiguinho aparece?

A menina e seu animalzinho de estimação estavam juntos em um mundo à parte que excluía aquele homem. Ela se inclinou sobre a mesa para aproximar seu rosto de

Gordon.

Hallet olhava atentamente para os cabelos brilhantes e para as espáduas e quadris que o cafetã envolvia.

— Vamos lá. Aposto que você tem um amiguinho. Um monte de amiguinhos, linda como você é.

De repente, o homem abaixou-se e deu uma palmada nas nádegas da menina. Rápida, Rynn virou-se, os olhos fuzilando de ódio.

Hallet dava risadinhas nervosas. — Bem, não é nada. Eu tinha de dar umas palmadinhas em você. Uma para cada um dos treze anos. E mais outra para você crescer.

Os olhos verdes de Rynn fixaram-se nos do homem, até que ele desviou os seus.

— Isto é uma brincadeira — desculpou-se. — Uma brincadeira de aniversário. — Sua voz era alta e estridente. De costas, foi recuando para junto da mesinha e quase caiu. — Você está pensando... Ah, não, venha cá, tenho dois filhos, dois garotos. Eles estão lá fora. — Afastou-se e, dirigindo-se à janela, olhou para fora. — Ei, lá vêm o esqueleto verde e o Frankenstein! — O grito era quase de júbilo quando passou pela mesa para pegar a abóbora brilhante. Pôs no bolso da capa de borracha o embrulho de bolo, amassando-o. — Obrigado pela prenda. Garanto que os meus monstros vão se portar muito bem. Não pregarão nenhuma peça. — A passos largos, Hallet aproximava-se da porta. — Diga a seu pai que senti não tê-lo visto.

Pegou na maçaneta e escancarou a porta. Lá fora, duas crianças fantasiadas aguardavam no meio da ventania, que continuava espalhando as folhas caídas.

Sempre com sua risadinha Alvar saiu correndo pela porta afora.

— Feliz aniversário! — gritou, mas o vento dispersou-lhe a voz pela noite escura. A menina fechou a porta e deu uma volta na chave.

CAPÍTULO 3

Aquela sexta-feira podia ser um dia qualquer de primavera, tão suave era o ar e azul o céu sem nuvens. À tarde, entretanto, predominou a atmosfera de outono. A queimada impregnava a floresta de um cheiro acre, e a velha casa da fazenda, atrás de uma cortina de árvores desnudas, era banhada por uma luz mais ocre do que dourada, enquanto as sombras se iam alongando por cima das folhas mortas.

Um majestoso Bentley, imenso, brilhante e de uma cor vermelha tão singular que os camponeses a chamavam de "cor de fígado", aproximava-se no centro da rua, em meio à fumaça esvoaçante, e foi diminuindo a marcha até estacar diante da casa.

No silêncio, apenas rompido pelo crocitar de corvos, abriu-se a porta do carro e uma mulher, bem mais velha do que parecia a distância, desceu carregando uma cesta. Os cabelos, aos raios do sol, brilhavam em tons dourados, mas era um lampejo baço, artificial. Bateu a porta do carro e trancou-a, aconchegando-se em seu casaco de *tweed* marrom. As mãos, mesmo em plena luz do dia, eram lisas e vermelhas como as do homem que viera à casa na noite de Halloween. A textura adiposa e rosada, semelhante à de Frank Hallet, conservava liso o seu rosto, exceto por duas profundas rugas que convergiam para o cavalete do nariz como as linhas pintadas no rosto de um índio. Os olhos, duros e penetrantes, brilhavam no rosto vermelho e macio como pedras polidas.

Enfiando no braço o cesto de vime, a mulher caminhou em direção à casa, calcando com sapatos de camurça as pinhas no chão e espalhando folhas.

Lá no alto, um pássaro revoava nos galhos secos de uma árvore. Muito ao largo, nos campos, ouvia-se o crocitar de um corvo. E ainda muito mais além, as ondas quebravam-se na praia.

No meio do caminho, a mulher diminuiu o passo, ficando à escuta, pois as janelas e as portas da casa estavam abertas como se quisessem aspirar a brisa de outono. Ruídos estranhos fizeram-na parar imediatamente.

Ela podia ouvir o som de vozes, seguido de palavras e frases; porém, mesmo se

esforçando para distingui-las, não conseguia compreender-lhes o sentido, nem em que idioma falavam.

Em vez de dirigir-se à porta principal, a mulher alcançou os fundos da casa, pelo caminho juncado de folhas mortas, até o pequeno jardim maltratado. Ali, a grama já estava grande. Os crisântemos, amarelos e alaranjados, sobreviviam, mas as zínias e as dalias pendiam, negras e podres, de suas hastes frágeis.

Na latada de parreiras, a mulher encontrou um punhado de uvas secas cobertas de mofo.

Um renque de macieiras, encantado na parede da casa, sustentava algumas maçãs amareladas, mas umas estavam corroídas pelos bichos, outras, pretas e podres.

"Eles deviam tê-las pulverizado com inseticida", disse a si mesma.

Apenas os marmelos no emaranhado de um galho pendente eram polpudos na sua coloração verde e ouro. Estendeu o braço e apanhou os melhores frutos'. Logo encheu a cestinha.

Caminhou em direção à casa pela grama ressequida, a fim de examinar o muro de tábuas. Em algumas partes, a madeira, já com a pátina do tempo, estava rachada e desprendendo-se. A persiana de uma das janelas estava presa por um só ferrolho enferrujado. Tomou nota do fato para chamar um carpinteiro do povoado, mas em seguida seu instinto de dona-de-casa ponderou que esses reparos podiam esperar até a primavera.

Pela janela aberta ouviam-se as vozes, mais altas, mais nítidas e mais impenetráveis.

— Ha-u-KHAL luh-tal-PAYN mi POH?

Outra voz, muito mais baixa, repetia:

— Ha-u-KHAL luh-tal-PAYN mi POH?

A mulher espiou pela janela. Para surpresa sua, nunca tinha visto o pequeno vestíbulo e a cozinha tão limpos. A mobília e o assoalho de carvalho brilhavam. Os candelabros de estanho sobre a mesinha luziam aos raios do sol.

— Ha-tu-KHAL luh-tal-PAYN a-vu-Ri?

A mulher compreendeu que a segunda voz, por ser demasiado alta, só podia vir de um amplificador. Mas, e a outra?

— Ha-tu-KHAL luh-tal-PAYN a-vu-Ri?

A resposta vinha de um canto obscuro, ao lado da lareira. Como não podia ver o que estava ali, a mulher voltou à frente da casa, diante das janelas. Avistou a menina sentada, acariciando um ratinho enquanto pronunciava as palavras. Levantou-se, rápida, pôs o animal na gaiola de arame e voltou ao toca-discos.

— A-Va-KAYSH SI KHAH muh-ko-MiT, mis-PAHR.

Quando o som desapareceu, o silêncio ressaltou o grito dos corvos à luz do sol

de outono.

Descalça, Rynn correu para a porta da frente, mas a mulher com o seu cesto empurrou-a para passar, e o casaco de *tweed* grosso roçou na menina quando ela entrou na casa. Apontou para o cesto.

— Marmelos. Sempre os achei parecidos com maçãs pequenas.

Olhando em redor para encontrar um lugar onde os pudesse colocar, resolveu dispô-los na mesinha da sala de estar.

— Como é que vocês dois estão se ajeitando aqui? — perguntou, alisando os cabelos louros, que não precisavam ser alisados pois estavam quebradiços de tanto *spray*. — Tudo em ordem?

— Tudo bem — disse Rynn, conjecturando onde havia visto cabelos com aquele brilho artificial.

— A nova calefação a gás tem aquecido bem vocês?

— Otimamente.

— Muito bem. — Os olhos penetrantes da mulher se detinham em todos os recantos da sala, depois pousaram em Rynn. Ela os achou de um azul muito mais frio do que os de Frank Hallet detidos sobre ela, examinando-a dos pés à cabeça. Se não aprovava o suéter preto de gola alta da jovem, nem os *jeans* ou os pés descalços, nada disse. Sentiu, talvez, que devia apresentar-se.

— Eu sou Cora Hallet. Fui eu quem alugou esta casa a seu pai.

— Nós nos encontramos em seu escritório.

— Certo — disse a mulher, correndo novamente os olhos pela sala como uma proprietária inspecionando seus domínios. Deparando com a cadeira de balanço, inquisidoramente passou a mão no espaldar.

— De onde veio este móvel?

— Pertence a meu pai.

Rápidos, os olhos da Sra. Hallet dirigiram-se para a cadeira, depois para a mesinha.

— Não repare — disse, enquanto arrastava a cadeira, colocando-a a um canto e pondo em seu lugar a mesa que estava junto à lareira —, mas o lugar desta mesa é aqui. — Mais uma vez, relanceou os olhos pelo aposento, na expectativa de encontrar outras alterações nos arranjos que fosse preciso retificar.

— *Não suporto* as coisas fora do lugar. — Sorriu, num esforço para suavizar a forma autoritária com que fizera as alterações. Mas já se aproximava do divã afofando as almofadas e dispondo-as em fila, bem exatas.

Franziu a testa. Um caneco de estanho sobre o consolo da lareira parecia exigir um exame minucioso. Do bolso do casaco de *tweed* tirou os óculos que pendiam de uma corrente de ouro, brilhantes com a luz, e, colocando-os, perguntou: — Inglês?

— Sim.

— É dele?

— É de meu pai.

— Esta peça não é má, porém inadequada para este ambiente.

A menina perguntava-se se a mulher não percebia a raiva que começava a ferver dentro dela. Sentiu que seu rosto devia estar escarlate.

— Esta mesa e o tapete feito à mão, o lugar deles é junto à parede.

Virou-se, sorrindo mais uma vez.

— Eu sei — disse, continuando a sorrir —, você vai me dizer que não se pode exigir que os poetas vivam como todo mundo, não é?

Os olhos verdes de Rynn continuavam fixos na mulher, que, em vez de esperar a resposta, apanhou um livro que estava sobre o consolo da lareira, um volume fino encadernado de cinza.

— Este é um dos livros de seu pai?

— Sim — disse a menina.

Examinou a encadernação, que, aparentemente, não lhe causou nenhuma impressão.

— Sempre me esqueço de lhe pedir para me autografar um.

A mulher folheou o livro. De repente, parou.

— Este já tem. — Ajeitou os óculos. — "Com todo o amor", assinado: "Seu pai". Que simpático!

A Sra. Hallet fechou o livro ruidosamente, colocando-o outra vez no consolo. — É muito agradável ter um poeta famoso no povoado, só que ninguém o consegue ver.

Apanhou um pequeno ramo de flores secas.

— Inglesas?

A menina sacudiu a cabeça afirmativamente. Com a raiva que sentia, não sabia se conseguia falar. Nas mãos da mulher as pétalas desfolhavam-se, caindo sobre o consolo da lareira. — Nunca vimos vocês dois nos supermercados. — Contraiu as sobrancelhas, como um comentário mudo, um julgamento sobre o comportamento daqueles ingleses, pai e filha.

— Eles entregam as compras em casa. — Rynn controlou-se para falar com a maior calma possível.

As sobrancelhas da mulher continuaram erguidas. Falava lentamente, como uma professora que estivesse dizendo algo totalmente novo e de difícil compreensão para uma criança. — Quando alguém pode se dar ao luxo de fazer isso... — Tirou do bolso um maço de cigarros, acendeu um, caminhando para a janela aberta. Franziu as sobrancelhas ao deparar com a latada de uvas.

Rynn sabia agora o que lhe evocavam os cabelos daquela mulher. Uma vez que não restava a menor dúvida de que eram pintados, a menina ficou pensando por que

razão ela escolhera uma cor que não existia na natureza, mas apenas nas cabeleiras amarelas daquelas horríveis bonecas chamadas Barbie Doll.

"A cor é exatamente esta", disse a si mesma. "Cabelo de Barbie Doll numa mulher velha."

— Você pode dar um recado a seu pai?

A mulher continuava olhando para fora da janela.

— É uma lástima que este ano tenha dado tão poucas uvas. Bastava pulverizar um pouco... — Desabotoou o casaco, pondo-se à vontade, como quem tenciona ficar. Rynn, que não ia lhe perguntar se ela queria uma xícara de chá, não ficaria surpresa se a mulher pedisse uma.

Cabelo de Barbie Doll. Pintura de lábios vermelha demais. Os lábios pareciam uma chaga aspirando fumaça de cigarro.

— Não é que eu seja doida por geléia de marmelo, mas o fato é que não suporto ver uma coisa estragar-se. Deve ser o meu lado puritano.

Rynn esperou que a mulher soltasse a fumaça, mas esta, sem dúvida, estava dentro daquela cara vermelha.

— Hoje em dia está na moda falar em *devastação*. Ecologia e poluição estão na ordem do dia. Mas, repare, ninguém faz *nada* para impedi-la.

Como a cinza já estivesse grande na ponta do cigarro, Rynn trouxe um cinzeiro, no qual a Sra. Hallet a atirou.

— Posso dar qualquer recado a meu pai.

— Vim aqui — disse a Sra. Hallet — para buscar os potes de geléia. Há muito tempo que Edith Wilson e eu fazemos geléia dessas uvas. No ano passado guardamos os potes na adega.

Afastou-se da janela e surpreendeu a menina fitando-a insistentemente.

— Seu pai não está em casa?

— Não.

— Não vai me dizer que neste instante ele está no povoado!

— Em Nova York.

— Quando eu estava lá fora poderia jurar ter ouvido vozes. — Aproximando-se do toca-discos, seus dedos grossos suspenderam a capa de plástico. Pegou um disco.

Rynn estava com tanta raiva que foi obrigada a fechar os olhos. Lutou contra um impulso quase irresistível de dizer àquela mulher para tirar os dedos grossos e melados de cima do disco.

Os óculos da Sra. Hallet ficaram pendurados no seu cordão de ouro, mas ela os ajeitou no nariz e se inclinou para ler as palavras no disco.

— Hebraico?

Impossibilitada de falar, a menina sacudiu a cabeça afirmativamente. A Sra.

Hallet jogou com descaso o disco em cima da mesa.

— Creio que francês seria melhor, *ou* italiano. Só Deus sabe *quantos* hoje em dia você encontra por aí e com quem você tem que falar.

A menina admirou-se quando ouviu a sua própria voz dizendo: — A senhora quer escrever um recado para meu pai?

Os dedos rosados folheavam a pilha de discos encostados na parede.

— Ultimamente tem havido tanta gente de fora no povoado. — A mulher suspirou profundamente, depois sorriu. — Peço-lhe desculpas, mas, você sabe, os Hallet vivem aqui na ilha há mais de trezentos anos. — Afastou-se do estêreo para passar a mão sobre o divã de cetim de algodão.

— O lugar desse divã é lá. — Um dedo grosso apontou em direção da janela. Chegando perto da mesinha, a mulher apanhou um jornal. — Inglês?

— Sim.

Novamente, ajeitou os óculos para examinar o jornal.

— Adoro palavras cruzadas.

— Se quiser, pode levá-lo.

Retirando os óculos, virou-se para a menina.

— Mas seu pai já começou a fazê-las.

— Fui eu que comecei.

— É hebraico. Você é muito inteligente. — Folheou algumas páginas do jornal, depois jogou-o em cima da mesa.

A menina tornou a dobrar o jornal com as palavras cruzadas viradas para cima.

— Os garotos do meu filho me disseram que no Halloween você lhes deu fatias de bolo de aniversário.

— Sim.

— Foi muito simpático de sua parte.

— Seu filho disse que o jogo se chamava "peça ou prenda".

A mulher empurrou um dos candelabros de estanho que estavam na mesa, colocando-o na mesma linha do seu par.

— Ele esteve aqui dentro?

— Quem? — perguntou Rynn, embora soubesse a quem ela se referia. A Sra. Hallet ajustou novamente os óculos para examinar melhor o objeto de estanho, como se esperasse encontrar nele alguns arranhões.

— Meu filho — respondeu.

— Esteve — disse a menina —, ele entrou aqui.

— Seu pai... — A mulher se esforçava para demonstrar que se preocupava mais com o objeto de estanho do que com a resposta da menina. — Seu pai estava presente naquela noite?

— Meu pai estava em seu escritório.

— Trabalhando?

— Traduzindo. Quando traduz não quer ser interrompido.

— Naturalmente. — A Sra. Hallet afastou-se da mesa, pousou a mão na cadeira de balanço e fê-la mover-se. — Depois daquela noite ele voltou? — Continuou fingindo que não se interessava pela resposta. Falava de coisas triviais, como quem visita um vizinho.

— Não.

— Ele de fato não voltou?

— Não.

— Se meu filho voltasse na ausência de seu pai... Passava a mão pela superfície polida da cadeira, esforçando-se para falar com naturalidade. — Se ele voltar, nesse caso talvez fosse aconselhável não deixá-lo entrar.

— Naquele dia ele não me pediu licença para entrar.

— Espero — disse a mulher, com a maior frieza — que você não tenha tido a intenção de ser tão grosseira.

Rynn viu que a mulher esperava que ela negasse semelhante intenção, mas esse gosto ela não teria, como não obtivera, também, uma xícara de chá.

— Direi a meu pai que a senhora me recomendou para não deixar o seu filho entrar aqui.

— Não é preciso dizer isso. — Os olhos da mulher fuzilaram de raiva.

— Talvez eu não compreenda o que é que a senhora deseja.

— Uma coisa que *sei* que não desejo é continuar indefinidamente falando de assuntos sem importância. Vim aqui por causa dos potes de geléia. — O silêncio da menina parecia uma acusação. — Vamos buscar os potes agora — disse a mulher.

— A senhora não quer que eu fale a meu pai a respeito de seu filho?

— Já lhe disse que chega de falar nesse assunto. Trata-se de algo que eu não acredito que você possa compreender.

— Ele acha os meus cabelos lindos. Ele lhe falou sobre isso? — Os dedos, que se crisparam no espaldar da cadeira de balanço, ficaram brancos. Foi então que Rynn teve coragem de erguer os olhos e encarar fixamente os da Sra. Hallet. Ela viu que a mulher se interrogava a que ponto a menina havia compreendido tudo aquilo.

Empertigando-se, a Sra. Hallet pigarreou.

— Peço que me dê, agora, os potes de geléia.

— Não os vi.

— Já lhe disse que estão lá embaixo, na adega. — Rynn desviou o olhar. — Vamos empurrar a mesa para que eu possa levantar o tapete e abrir o alçapão. Pelo menos isso você compreende? Fale! — A voz era cada vez mais áspera. — *Os potes estão lá embaixo, na adega.*

Rynn cerrou os punhos, metendo-os por baixo de seu suéter preto.

— Segure a mesa do seu lado.

— Meu pai e eu gostamos da mesa no lugar onde está!

— O lugar desta mesa é junto à parede.

Um silêncio que durou bem um minuto separou as duas.

— Você vai me desculpar — disse a Sra. Hallet, cada palavra impregnada da maior virulência —, mas, quando eu tinha a sua idade, me ensinaram a obedecer aos mais velhos! — Rynn cerrou os olhos para ocultar a raiva furiosa que ela não queria deixar explodir.

— Desculpe-me, Sra. Hallet...

— Vim aqui para apanhar os vidros.

— Eu os levarei mais tarde.

Mas a mulher recusava-se a ouvir qualquer outra coisa.

— *Afaste esta mesa!*

— Esta casa é *minha!*

— Você é uma menina mal-educada que vai fazer exatamente o que eu lhe estou ordenando!

Rynn aguardou. Será que aquela mulher ia agarrá-la pelos ombros e empurrá-la para cima da mesa? O rostinho delicado ficou fulo de raiva. A ira enrijeceu-lhe as veias do pescoço, que se tornaram salientes como cordões escarlates. Naquele instante, Rynn compreendeu que a Sra. Hallet estava impossibilitada de falar. Para grande surpresa sua, viu-se gritando para ela.

— Na semana passada, a senhora levou as únicas uvas boas que tínhamos, eu vi! E agora, os marmelos! A senhora nunca pediu licença, nem antes, nem agora!

A boca da Sra. Hallet crispou-se, mas, recompondo-se logo, replicou:

— As uvas dos Wilson, os marmelos dos Wilson!

— Hoje a senhora não perguntou se podia... a senhora forçou a minha porta!

— A casa dos Wilson!

— A *minha* casa!

— *Alugada!* — A mulher dos cabelos ruivos parecia cuspir a palavra. Contendo-se um instante para tomar fôlego e ainda trêmula de raiva, conseguiu falar com mais calma. — Você *tem* treze anos?

A menina compreendeu que precisava encarar a mulher fixamente.

— Por que não está na escola?

Pela segunda vez, a menina afastou o olhar. Naquele momento, a Sra. Hallet viu que possuía uma arma. Seu silêncio, sua voz, exigiam uma resposta. Quando Rynn falou, sua voz era apenas audível.

— Com treze anos eu não tenho o direito?

— Com treze anos você já devia estar na escola. Atônita, a menina tentou se afastar.

— Olhe para mim quando eu falo!

— Eu estudo em casa.

— O Conselho de Administração das Escolas tomará providências sobre o caso. Agora, você vai segurar este lado da mesa. — Ao ouvir a ordem da Sra. Hallet, Rynn meteu as mãos nos bolsos dos *jeans*. — Acontece que *eu* sou presidente do Conselho de Administração das Escolas.

— E todas as crianças têm de obedecer às suas ordens?

— O lugar de toda criança é *na escola*. — Toda mobília *tinha* que estar em seu lugar certo, e toda criança *tinha* que estar na escola. Tudo, todas as pessoas naquele mundo superorganizado da Sra. Hallet deviam ter o seu lugar certo.

— A escola interfere na minha educação.

— Foi seu pai quem lhe ensinou a dizer isso? — Não obtendo resposta, a mulher teve certeza de ter descoberto a verdade. — Mas que argúcia! Tenho certeza de que você e seu pai têm uma série de coisas inteligentes ou sarcásticas para dizer. Bem posso fazer uma idéia da vida livre e fácil que vocês levam em Londres. Sim, não há dúvida. Mas, *se* vocês pretendem viver aqui... — Ao dar ênfase à palavra *se*, a Sra. Hallet tinha certeza de colocar em dúvida todo o futuro. — É preciso que vocês se lembrem de que alguns de nós, que vivemos neste povoado há muito mais tempo do que vocês, nos sentimos orgulhosos de assumir nossas responsabilidades... sabendo ser bons vizinhos. Mas, assim como sabemos ser bons vizinhos, garanto-lhe que também sabemos fazer os recém-chegados compreenderem que não são bem-vindos.

A Sra. Hallet tirou o maço de cigarros do bolso, encontrou-o vazio e o atirou, amassado, no fogo.

— Não quero mais ouvir seus desaforos. Onde está seu pai?

— Já lhe disse. Em Nova York.

— Mas *onde*, em Nova York? — O tom da Sra. Hallet encerrava a mesma ponta de ironia do advogado que assedia a testemunha com perguntas durante o interrogatório.

— Está almoçando com o seu editor.

— Desejo saber o número do telefone do editor.

— Não tenho.

A Sra. Hallet agarrou o livro em cima do consolo, abriu-o e procurou o nome do editor. O livro, de uma editora inglesa, tinha um endereço em Londres. Fechou o livro e o jogou na estante, aborrecida, sentindo haver esgotado todas as suas armas contra a menina.

— Que o seu pai me procure, logo que chegue a casa, estamos entendidas?

Seria uma ilusão de ótica? Lágrimas nos olhos da menina?

— Fale! — gritou a mulher — para eu saber que você compreendeu!

Muito pálida, mas com a voz firme, a menina disse: — Esta é a minha casa.

A mulher agarrou o cesto de vime que estava em cima da mesa e, rápida, saiu.

Rynn aproximou-se do canto onde Gordon se movia no escuro. Tirando o bichinho da gaiola, sentou-se e começou a falar baixinho com ele.

CAPÍTULO 4

Rynn planejara ir até a cidade na semana seguinte, mas a ameaça da Sra. Hallet de levar o seu caso ao Conselho de Administração das Escolas tornou-se uma preocupação tão grande, que ficou a noite toda acordada, tremendo de pavor. Decidiu que seria mais seguro fazer suas compras nos dias em que as outras crianças também estivessem nas ruas. Aos sábados, ninguém perguntaria por que uma menina de treze anos não estava na escola.

Nos sábados e domingos estava livre para ir e vir como bem entendesse.

Rynn esperava na parada de ônibus, em frente a uma casa onde havia um veado de ferro no gramado. Uma chuva renitente batia no grande guarda-chuva preto que seu pai havia trazido de Londres. Abrigada sob ele, enrolada no casaco de pelúcia verde-musgo e os pés bem secos dentro de botas compridas, sentia-se agradavelmente confortável.

Um ônibus amarelo parou rangendo e espalhando água. Abriu as portas ruidosamente e a menina entrou no veículo, de vidros embaçados pelo hálito dos passageiros.

Sentiu-se sufocar, pois achava o ar dentro dos ônibus, como, aliás, o de todos os lugares públicos dos Estados Unidos, insuportavelmente quente. Então, abriu o casaco de pelúcia e do bolso tirou um livro em brochura dos poemas de Emily Dickinson. Examinou o desenho da capa, o de uma jovem mulher vestida severamente de preto, os cabelos negros repartidos ao meio, o rosto austero, infinitamente sério, os olhos imensos. Em muitos pontos, com exceção dos olhos, Rynn achava que ela e Emily Dickinson eram extraordinariamente parecidas... Rynn e aquela mulher, morta já há noventa anos, que, segundo as palavras de um outro poeta, "escutava às portas do universo".

Virou a capa do livro para examinar o rosto sob um outro ângulo.

Sim, não restava dúvida, *elas* se pareciam.

Seu pai já havia dito.

Começou a ler.

*"Que o amor é tudo o que existe,
É tudo o que sabemos do amor..."*

No banco à sua frente, duas meninas davam gargalhadas estridentes. Levavam bastões com flâmulas de feltro de cores vivas nas quais estavam estampadas caras de gatos com os dentes à mostra e a inscrição GATOS SELVAGENS. Falavam para serem ouvidas pela menina, que fingia ler. O assunto era rapazes e a "partida", e Rynn compreendeu que elas se referiam ao jogo de futebol. Mantinham-se muito juntas para melhor contarem seus segredos, dando risadinhas, falando baixinho e irrompendo a todo instante em novas gargalhadas.

Em dado momento Rynn encontrou os olhos da menina que usava óculos. Logo se pôs a pensar como seria bom se os seus olhos fossem tão grandes como os daquela menina, embora ponderasse consigo mesma que, sem dúvida, os óculos aumentavam-lhes o tamanho. Quando a menina riu, deixando ver o aparelho nos dentes, a inveja de Rynn desapareceu. A outra menina tinha uma pele sem vida e nada que se pudesse invejar, exceto o casaco de lã vermelha, cuja cor lhe lembrava a guarda montada da rainha.

As duas deitavam olhares para aquela menina sentada ali, sozinha, e a de óculos e aparelho nos dentes, sem procurar disfarçar, virou-se para a amiga que se preparava para soprar uma bola rosa de chiclete, para segredar-lhe qualquer coisa. Esta, ao ouvir o que a outra lhe dizia, quase ficou sufocada com o chiclete, enquanto sacudia afirmativamente a cabeça, abafando risadas na echarpe de lã branca da companhia.

Rynn pensou que, se aquilo era o que significava ter uma amiga, então não passava de um estúpido desperdício de tempo.

A do aparelho ainda falou baixinho ao ouvido da outra, e ambas desataram em novas risadas.

Compreendendo que as meninas falavam dela, Rynn sentiu um rubor intenso invadir-lhe as faces e a testa.

Foi virando lentamente as páginas, demonstrando grande concentração na leitura, mas, depois de simular por algum tempo que estava lendo, achou um poema tão belo que fechou os olhos e pensou na aprazível cidadezinha da Nova

Inglaterra onde Emily Dickinson vivera e morrera. Era provável, pensou Rynn, que aquela cidade não fosse assim tão diferente deste povoado em que ela vivia agora: olmos gigantescos, ruas tranquilas, pequenas casas de madeira, um velho cemitério. E ainda, neve no inverno, gramados onde se alongavam as sombras no verão.

Sem dúvida, Emily Dickinson não tinha amigas tolas. Não precisava delas. A bola rósea cresceu tanto, que acabou estourando, e a menina que a soprara aspirou os restos com a maior naturalidade. Para enxugar as lágrimas nos olhos, de tanto rir, apanharam uma folha de papel Kleenex, que serviu para as duas. De repente, aos gritos, puxaram o cordão da campainha com toda a força para fazer parar o ônibus. Precipitaram-se pela porta de trás e, irrompendo em gargalhadas, gritaram:

— *Avante, Gatos Selvagens!*

Sobre o banco deixaram uma revista que Rynn apanhou. Na capa sorria um rapaz, em cores vivas. O rosto era parecido com o de qualquer jovem mulher inglesa muito bonita, que se podia ver nas elegantes lojas de Knightsbridge, ou de pé, mergulhada até os joelhos, nas urzes, anunciando um perfume. Examinou o rapaz. Tinha os olhos enormes (desejava que os seus fossem assim tão grandes), a cutis sem mácula, os cabelos longos e sedosos podiam provocar inveja em qualquer moça. Abaixo do retrato, letras em caixa alta anunciavam que o rapaz com cara de moça havia batido todos os recordes de venda com o seu último disco. Passando as páginas, Rynn encontrou fotografias daquele herói da canção assediado por meninas da idade dela, boquiabertas, contemplando apaixonadas o esguio rapaz com sorriso nos lábios e quase sempre acompanhado do violão. POR QUE — dizia o título do artigo — NOS DIZEM QUE SOMOS MUITO JOVENS PARA O AMOR?

"Realmente, por quê?", pensou Rynn, exagerando um bocejo enquanto jogava a revista para o lado. Passou o resto da viagem pela cidade em companhia de Emily Dickinson.

Na lista do que tinha de fazer, o banco estava em primeiro lugar.

Seu pai escolhera um banco que ficava aberto aos sábados pela manhã. Como chovia muito, surpreendeu-se de ver tanta gente nas ruas, famílias inteiras, com casacos e echarpes de cores vivas e botas enlameadas. Até os cães entravam no banco, inclusive um dalmata, que expressava sua alegria latindo e roçando-a com a cauda.

No guiché dos cofres ela era a única. Apertou a campainha de leve. A moça apareceu, alta e esbelta, com uma maquilagem muito carregada — quase ocre, cor de açúcar mascavo — que mal dissimulava uma cutis manchada. A menina já havia escrito o seu nome e o número do cofre num pedaço de papel, que a funcionária pegou para procurar no arquivo.

— Jacobs, Leslie A.? — perguntou, com voz nasal, olhando Rynn fixamente.

— E Rynn, R-Y-N-N. Aí está a minha assinatura. É o que vocês aqui na América chamam de conta conjunta.

A funcionária comparou as assinaturas. — Você tem a sua chave?

A menina pegou uma chave prateada que retirara de uma corrente ao redor do pescoço. Entregou-a à funcionária, que apertou um botão, e a fechadura da porta ao

lado do guichê se abriu com um zumbido semelhante ao de uma vespa que, certo dia, Rynn capturara num vidro.

No aposento iluminado a luz fluorescente a funcionária abriu uma pequena porta de metal brilhante, afastando-se em seguida para que Rynn pudesse retirar a caixa preta da parede.

— Agora você leva essa caixa para um desses compartimentos — disse, indicando uma fila de cabinas.

— Sim, eu sei.

Minutos depois, quando Rynn pôs novamente o cofre na parede e a funcionária fechou a porta, restituindo-lhe a chave, o subgerente, um jovem de costeletas e dentes amarelos, acercou-se dela e ambos ficaram olhando a menina sair da seção dos cofres e atravessar o saguão de mármore para entrar na fila no outro guichê.

— Você não acha que ela é muito criança? — perguntou o dos dentes amarelos.

— Tem ar de saber o que está fazendo — respondeu a moça da maquilagem carregada.

Rynn escreveu seu nome em dois cheques de viagem de vinte dólares. O caixa, que em vão tentava deixar crescer o bigode, franziu a testa ao examinar as assinaturas. Olhou para a menina, depois para os dois cheques.

Rynn sentiu o coração bater. Por que fazia aquilo? Os cheques eram seus. Ela tinha todo o direito de descontar seus próprios cheques.

— Eles são seus? — O bigode fino do caixa quase não se mexia quando ele falava.

— Por que não chama um dos diretores do banco? — respondeu ela com uma pergunta seca. O homem olhou ao redor, como se estivesse procurando alguém para autorizar a transação. Empurrou uma folha de papel pelo balcão. — Assine outra vez aqui.

Será que ninguém jamais dizia "por favor"?

Sem uma palavra, a menina escreveu seu nome com a mesma letra caprichada do cheque.

O caixa fez sinal a uma mulher roliça, cujo colar fantasia fazia várias voltas balançando em seu pescoço; as contas bateram no balcão quando ela se aproximou dele para examinar a assinatura. Lançou um olhar de suspeita para a menina.

— Tem alguma identidade?

Do bolso de seu casaco de pelúcia Rynn retirou a carteira onde guardava seus documentos, entre estes um passaporte inglês.

— Ela tem apenas treze anos.

A mulher roliça desembaraçou os óculos dentre as contas do colar, a fim de examinar aquela menina que tinha apenas treze anos.

— Está viajando com seus pais?

— Meu pai tem uma conta aqui.

O dalmata passou por Rynn, a cauda roçou-lhe as pernas.

— Jacobs, Leslie A. — disse a menina.

A roliça mulher, mais uma vez, fixou-a demoradamente.

— Está certo — disse.

Parece que as coisas não andavam lá muito bem com o caixa, que manifestou crescente irritação quando Rynn lhe pediu o dinheiro em notas de um dólar. Terminada a transação, fez sinal à menina para afastar-se do guiché enquanto contava o dinheiro, pois havia uma fila de pessoas atrás dela aguardando a vez. Ela, porém não se afastou. — Pode dar-me o papel com a minha assinatura, por favor?

O bigodinho contraiu-se, aborrecido, enquanto o rapaz empurrava o papel por cima do balcão. Ao retirar-se, Rynn o rasgou em pedacinhos, jogando-os na cesta de papéis.

Tanta gente na rua. Tanta azáfama, tantos embrulhos!

A segunda incumbência de Rynn era ir a uma oficina de encanador, um tanto afastada, na parte mais tranqüila da cidade, onde ela era a única cliente da loja àquela hora. Começou a andar, olhando os modelos de aquecedores, os esquemas de aparelhagem de aquecimento central, as maquetes de condutos metálicos que tão exageradamente aqueciam os americanos. Um grande anúncio dizia que o inverno era a estação propícia para instalar um ar-condicionado em sua casa, tendo em vista o próximo verão. Depois de esperar sozinha na recepção, ficou pensando se haveria alguém no depósito, do outro lado do balcão.

— Tem alguém? Silêncio. Chamou outra vez.

Um homem velho, de uma jovialidade fora do comum, correu ao balcão, ainda ligando o ampliador do seu aparelho acústico e mastigando um sanduíche de salame. — Bom dia

— disse, engolindo um grande pedaço. — O que deseja?

— Meu nome é Jacobs. Meu pai e eu alugamos a casa dos Wilson... no fim da rua.

— Aqui na cidade?

— No povoado.

O homem sacudiu a cabeça, mordendo outra vez o sanduíche, deixando ali a marca dos dentes.

— Nosso aquecedor de parede, que o senhor instalou para os Wilson, tem uma etiqueta desta loja.

O homem sacudiu afirmativamente a cabeça. Conhecia os Wilson.

— Algum problema? — Com todo o cuidado, colocou o resto do sanduíche sobre um bloco de papel de escritório.

Rynn explicou que não sabia se havia ou não algum problema, mas, certo dia,

quando estivera limpando a casa, lera no mostrador que durante a noite se deve colocar o regulador de temperatura no ponto em que se lê NOITE.

— É isso mesmo. — O homem sorriu. — Mas por que não deixa que seu pai ou sua mãe se preocupem com essas coisas?

— E por que não eu?

O homem deu de ombros e, sorrindo, disse: — Como disse no princípio, o que posso fazer por você?

— Quando se abaixa completamente o disco de graduação, ainda fica uma chama que continua acesa. Uma chama bastante alta.

— É a luz do piloto.

— Não há perigo nenhum nisso? Afinal, trata-se de gás, e o gás pode ser muito perigoso. — Como se se tratasse de uma acusação que exigia provas, a menina acrescentou:

— Quero dizer, em Londres um de nossos vizinhos foi encontrado morto porque o gás estava escapando.

— Não precisa se preocupar com coisa alguma. —

As palavras saíam ininteligíveis, devido à boca muito cheia. Deu a volta ao balcão, conduzindo a menina até um dos modelos. Era do mesmo tipo do aquecedor de parede da casa de Rynn. — E vou lhe mostrar por quê.

Levantou a capa e explicou como a luz do piloto, a pequena chama azul, acendia o bico de gás. E, o que era mais importante, mostrou-lhe de que maneira o gás era alimentado por meio de um pequeno tubo de cobre. Do bico do gás saía um respiradouro, aberto na parede, que dava para fora.

— Está vendo? — perguntou com um sorriso onde os dentes estavam cheios de pedaços de pão.

— Sim, estou vendo — respondeu a menina, em tom um tanto áspero, próprio dela. — E agora estou muito mais tranqüila. — Encaminhou-se para a porta. — Agradeço-lhe imensamente.

O homem continuava sorrindo e mastigando, enquanto Rynn se afastava pensando que era bem provável que o homem achasse estranho uma menina de treze anos vir à sua loja para fazer perguntas sobre um de seus aquecedores. Por quê? Será que as meninas *não* deviam interessar-se por essas coisas?

A última tarefa fora guardada para o fim, pois era aquilo o que mais desejava fazer. Mesmo agora, na rua, examinando diante da livraria as luminosas lombadas de imensa quantidade de livros exibidos nas vitrinas, com avidez igual à de uma criança faminta diante dos doces de uma confeitaria, ela retardava aquela felicidade máxima, o momento em que iria, finalmente, entrar. Então depararia com um mundo que ela julgava muito mais maravilhoso do que aquele que Alice encontrou na toca do coelho ou os astronautas vislumbraram na sombria vastidão do espaço.

Dentro da loja, cercada de mesas carregadas de livros, estantes de livros, pilhas de livros, mais uma vez repetiu o processo de adiar aquilo de que mais gostava e desejava, o instante mágico de defrontar-se com as prateleiras repletas de pequenos volumes de poesia.

Duas horas depois ainda se via sentada no chão, devorando páginas e páginas dos livros novos que estalavam em suas mãos todas as vezes que ela cuidadosamente lhes virava as páginas. Nem se dava conta dos clientes que transitavam ali dentro. Estava alheia a tudo o que a rodeava.

Ninguém a incomodava. Nenhum vendedor perguntava o que queria, ninguém insinuava que ela devia ir embora. Entretanto, em certo momento, com as faces em fogo, sentiu todo o seu ser embargado por tamanha emoção que, rápida, saiu, precipitando-se na rua gélida.

Passou ainda uma hora numa loja de discos, rodeada de música, imaginando a alegria de poder carregar consigo um monte de discos. Retirando-se da seção de música clássica, encaminhou-se lentamente para a porta, quando viu o rapaz da capa da revista. Do *poster*, seus olhos enormes pareciam fitá-la. Fascinada com aquele sorriso de dentes extraordinariamente brancos, deixou-se ficar por longo tempo.

Sentada diante do balcão de uma lanchonete, Rynn desistiu de tentar comer um hambúrguer cheio de gordura. Procurou engolir uma laranjada insípida, malfeita, que a garçonete negra lhe trouxera depois de grande confusão causada por ter pedido um suco de laranja. Ela ficou olhando para a menina inglesa enquanto bebia o seu refresco.

Na rua, à espera do ônibus, tentou não pensar no que teria de fazer em seguida, porque só de se lembrar ficava apavorada.

Permaneceu no ônibus até a praça do povoado, que ostenta um canhão da Guerra da Independência e pirâmides de balas de canhão. Desceu do ônibus, passou lépida sob os galhos desfolhados dos olmos e dirigiu-se para um edifício de tijolos vermelhos com colunas brancas. A prefeitura.

A porta principal estava aberta. No interior, entretanto, as salas e os escritórios vazios era o que Rynn esperava encontrar no sábado, à tarde. O silêncio era tão absoluto que ela se perguntava se iria achar qualquer pessoa para responder à sua pergunta, completando assim, naquele dia, a sua missão.

Caminhando por uma das salas, ouviu o ruído de uma máquina de escrever. *Havia* alguém lá. Ouvindo passos, virou-se. Uma mulher, vestindo uma capa de borracha, vinha apressada pelo corredor. Parou. Parecia inglesa. O cabelo, que se desprendia da echarpe, era grisalho. Certa de que ela era inglesa, Rynn percebeu que se equivocara quando a mulher falou. Não havia dúvida de que era americana.

— O que está fazendo aqui?

Rynn pensou que a mulher não tinha o direito de se dirigir a ela naquele tom; e,

no entanto, aguardava desesperadamente uma explicação.

Antes que pudesse articular qualquer palavra a mulher perguntou: — Por que você não está no jogo? — Na verdade, por quê? Rynn sabia que teria de responder e, embora visse agora que o rosto sorridente da mulher só traduzia bondade, e que sua pergunta, uma vez compreendida, não era um desafio, mas apenas uma palavra simpática... era preciso dar uma resposta.

— A senhora trabalha aqui? — perguntou.

— Não exatamente — a mulher respondeu com um sorriso. — Procuro ajudar uma das comissões.

— Estou fazendo um trabalho sobre administração — disse Rynn. — Preciso saber quando é que o Conselho de Administração das Escolas se reúne.

— Ajudaria se você assistisse a uma dessas reuniões?

— Na verdade, o que preciso saber é quando o Conselho de Administração das Escolas se reúne.

— Duas vezes por mês, na segunda e na última quintas-feiras, às onze horas. Nesta semana já houve reunião. A outra, só daqui a duas semanas... — Pensou um instante.

— Ah, não, daqui a duas semanas será o Dia de Ação de Graças, portanto, foi cancelada.

A mulher mais uma vez refletiu.

— Posso dar-lhe os regulamentos, acha que ajudaria?

— Foi ao escritório, voltou em seguida com uma brochura.

— Este está bem completo, mas se acha que vai precisar de maiores elementos...

— Não — disse Rynn —, este serve, muito obrigada.

— Mas você não devia estar trabalhando agora. Devia estar no jogo de futebol. Os Gatos Selvagens precisam de uma boa torcida.

A menina balançou afirmativamente a cabeça.

— Para que classe você está fazendo o trabalho?

De repente os olhos verdes de Rynn se iluminaram.

— Desculpe-me — disse com uma excitação raramente demonstrada perante os estranhos.

— A senhora *realmente* acha que seria certo eu deixar o trabalho para depois e ir assistir ao jogo?

Passando os olhos pelo relógio a mulher respondeu: — Se você se apressar, poderá chegar lá dentro de meia hora.

Rynn deu meia-volta e saiu correndo da sala. Sempre sorridente, a mulher encaminhou-se em direção às batidas da máquina de escrever.

Em plena chuva, Rynn foi correndo para casa.

"O Conselho de Administração só se reunirá dentro de quinze dias! E mesmo assim a reunião foi cancelada!" Riu, e o seu hálito formou uma névoa. "Sra. Hallet, a senhora é uma mentirosa! Não passa de uma mentirosa! *Mentirosa! Mentirosa!*"

Entrou como um relâmpago em casa, pegou a lista telefônica e procurou um número. Enquanto discava, olhou para a caixa de papelão cheia de vidros de geléia em cima da mesinha.

— É o Sr. Hallet? Aqui é Rynn Jacobs. Vou muito bem... sua mãe está em casa? Compreendo. Ela queria alguns potes de geléia. Ontem não foi possível arranjá-los. Sim. Estarei em casa...

— Súbito, a voz da menina tornou-se surpreendentemente fria. — Não. Seria melhor que *ela* viesse. O senhor sabe, Sr. Hallet, *talvez* meu pai tenha algum assunto para falar com ela. Muito obrigada, Sr. Hallet.

CAPÍTULO 5

Uma batida seca fez com que Rynn corresse ao vestíbulo. Ainda excitada com a descoberta da mentira da Sra. Hallet, abriu a porta, porém não deparou com a mulher, mas com um visitante inesperado. Reprimiu um grito porque o homem de pé, ali na chuva, era enorme, um gigante assomando com sua corpulência à porta da casa de boneca. Apresentou-se: era o policial Ron Miglioriti.

A menina respondeu que seu nome era Rynn Jacobs, e depois não acrescentou mais nada. Não tinha medo de policiais. Na Inglaterra ela sempre os achava polidos, amáveis, sempre solícitos. Jamais os vira em outra atividade que não fosse andando calmamente pelas calçadas como se tivessem a única ocupação de auxiliar velhas senhoras a encontrar uma condução ou a parada do ônibus. Na América Rynn jamais encontrara um policial, mas não tinha razão para acreditar que fossem diferentes. Aquele estava à sua frente, da sua capa escorria água. Cobria seu quepe um objeto estranho semelhante às capas de plástico que ela punha sobre os pratos com sobras de comida para serem guardadas no refrigerador. Suas costeletas eram de um preto azulado e as sobrancelhas negras e cerradas quase se uniam acima de olhos escuros e brilhantes. O nariz era estranho, como se tivesse sido quebrado, mas tinha dentes perfeitos e um sorriso radioso como o sol da manhã e que iluminava a soleira da porta, mesmo naquele dia chuvoso. Vendo-o ali, em plena chuva, dizendo que desejava falar com seu pai, Rynn não teve outra alternativa senão deixá-lo entrar.

Notou com satisfação que, antes de entrar, o policial sacudira a capa molhada e, uma vez dentro de casa, esforçava-se para não deixar nenhum pinga cair no assoalho encerado.

Para sua própria surpresa, viu-se oferecendo uma xícara de chá ao policial.

Na cozinha lembrou-se de que, embora parecesse muito agradável, seu sorriso nada tinha a ver com o motivo de sua visita.

O que desejaria ele?

Uma idéia horrível ocorreu-lhe. *Teria sido enviado pela Sr a. Hallet?* Contudo,

Rynn sabia que o Conselho de Administração não se reunira. A razão certamente não era aquela. Teria vindo para apanhar os potes de geléia? Qualquer que fosse o motivo, ponderou, o melhor era relaxar, e o nome do policial fê-la acalmar-se. A princípio achou a pronúncia difícil, mas depois descobriu-lhe elementos poéticos. Ao servir o chá, Rynn o pronunciou com um belo sotaque italiano.

— Miglioriti.

O policial sorriu, pois esta parecia ser a sua reação para tudo. Mas, quando se curvou sobre a xícara de chá, suas sobrancelhas cerradas franziram-se. Achava difícil segurar a xícara entre o grosso polegar e o enorme indicador. A xícara vacilava em sua mão.

Rynn olhava fixamente para a mão do homem. Grande, quadrada, forte. Imaginou que em outros sábados iguais àquele, e não há muitos anos, aquela mesma mão teria estado segurando uma bola. Isto explicava o porquê do nariz quebrado.

O sulco marcava-lhe a testa, sem desaparecer; e, executando uma verdadeira ginástica, Miglioriti conseguiu beber uns goles de chá.

— Faz muito tempo que sua família mora neste povoado? — Falava como se estivesse em uma reunião social.

Com um sorriso irônico Miglioriti respondeu:

— Parece que a senhorita andou conversando com a Sra. Hallet.

A Sra. Hallet. Ela o teria mandado? Antes de falar, Miglioriti conseguiu tomar mais um gole de chá.

— Não repita para ela esse meu comentário, mas, segundo ela, é preciso que se cheire a óleo de baleia do primeiro veleiro que aportou por estes sítios, sob pena de passar sempre por imigrante.

— Penso que nós somos os mais novos, meu pai e eu — disse logo Rynn.

— Pelo menos a Sra. Hallet permitiu que vocês ficassem no povoado. Não é todo mundo que ela deixa. Se puder interferir, não deixa. — Miglioriti tentou um terceiro gole, mas derramou chá no pires. Relanceou os olhos pelo aposento. — Ela deve tê-los aprovado para lhes alugar esta casa.

Rynn tomou o chá com tal precisão que, acreditava, o policial estaria achando a própria precisão britânica.

— Creio — disse — que ela nos alugou a casa porque meu pai é poeta. Esse é um de seus livros, ali no consolo da lareira.

Miglioriti aproveitou a ocasião para depositar no consolo a xícara vacilante. Procurou o lenço no bolso da sua capa de chuva, enxugando cuidadosamente as mãos antes de pegar no fino volume.

— Foi ele quem escreveu? — perguntou com reverente admiração. Por cima de sua xícara de chá Rynn o observava. Parecia um enorme urso preto examinando uma flor. Virava as páginas devagar, visivelmente impressionado.

— É pena que meu pai esteja traduzindo agora. Quando ele se tranca em seu escritório para traduzir, tenho ordem expressa para não o importunar, aconteça o que acontecer. — As mãos do gigante folheavam o livro. — O senhor gostaria que ele lhe dedicasse um exemplar?

A face do gigante iluminou-se com mais um de seus radiosos sorrisos.

— Sem dúvida... se ele tiver um sobrando.

Tudo lhe agradava naquele homem, até mesmo o absurdo capuz sobre o quepe. Adorou o modo como pegou no livro: ele deixava bem claro o seu respeito, sabia que se tratava de algo precioso.

— É o primeiro escritor que conheço.

Rynn degustava o seu chá. — Meu pai ficará satisfeito ao saber que nós nos entendemos bem. Ele sempre diz que é bom conhecer a polícia local.

— Sei que essas poesias devem ser maravilhosas, mas você promete que não vai rir se eu lhe disser uma coisa?

— Prometo que não.

— Bem, não consigo acreditar que as pessoas gostem de poesia. Não me refiro aos versinhos nos cartões de aniversário, mas, você sabe. . . poesia. É uma coisa que nem rima tem.

Rynn, esquecendo-se de seu dente lascado, riu descontraidamente, feliz de reconhecer naquele momento maravilhoso o instante em que as pessoas desconhecidas descobrem que estão participando de algo mais além do que apenas uma concordância mútua, quando ambos chegam ao ponto de uma intuição compartilhada.

Ao se lembrar do dente, o sorriso desapareceu-lhe dos lábios.

— Não estou rindo de você — disse. — Eu costumava perguntar a meu pai a mesma coisa. A maioria das pessoas gosta de poesia com rima.

— Então, eu sou como a maioria.

— Não, você é sincero. Meu pai diz que muitos que declaram gostar de poesia fingem que gostam.

— Creio que você gosta, não é?

— Eu gosto muito de poesia. — Seus longos cabelos ondularam quando sacudiu a cabeça para corrigir o que dizia. — Isto é redundância. O verbo "gostar" deve ficar só. A palavra "muito" apenas o enfraquece. Amo as palavras. Muita gente não lhes dá atenção.

— Você devia ouvir certas testemunhas. Só fazem confundir os depoimentos mais simples.

Se a Sra. Hallet tivesse enviado o policial, *o que ele estava esperando para comunicar a razão de sua visita?*

— Ele deve ser bom... o seu pai.

— T. S. Eliot disse que ele era. Meu pai conheceu Sylvia Plath quando ela era casada com Ted Hughes. Entre todos os poetas ingleses vivos, Hughes é de quem mais gosto. Ele também gosta de Emily Dickinson. Entre todos os poetas ela é a minha predileta.

Ao dizer essas palavras, fechou os olhos.

Começou a recitar. Sua voz diferia da de todas as professoras que Miglioriti ouvira dizer poesia na escola. Era natural, clara, não tinha a menor afetação. Não procurava imprimir às palavras suas próprias sensações. Deixava que elas dessem a sua mensagem.

*"Existe algo no declínio da luz
Nas tardes de inverno
Que oprime como o ressoar
Dos órgãos das catedrais...*

*É uma chaga celeste...
Que não deixa cicatrizes
Mas uma alteração interior
Um significado novo...*

*Ninguém pode explicá-la.
Ninguém...
É o selo do desespero...
Uma magnífica aflição*

*Que nos vem das alturas...
Quando ela chega, a paisagem escuta...
E as sombras se retraem
Quando ela vai é como a distância
Na face da morte..."*

Na lareira, uma acha carbonizada caiu espalhando centelhas. Retirando o atizador de dentro da caixa de lenha, Rynn empurrou os restos para cima de um montão de brasas.

— Você também gosta deste trecho?

— "E as sombras se retraem..." É claro que gosto. Rynn sorriu-lhe sem descerrar os lábios.

Miglioriti colocou o livro no seu lugar no consolo. — Parece-me particularmente boa... a sua maneira de dizer os versos.

— Gosto de sua cadência. Como, por exemplo, amo "Miglioriti".

O rapaz corou. Estranho. Seu pai sempre dizia que era impossível intimidar um italiano.

— Como já disse, jamais conheci um poeta.

— A Sra. Hallet tampouco. Tenho a impressão de que a poesia a excita muito.

— Vocês estão aqui desde setembro?

— Desde o dia em que vimos o pátio resplandecente de zínias vermelhas, douradas, púrpura, brancas e alaranjadas... Primeiro, vimos as zínias. Depois, ouvi o bramido do mar. Em seguida, as árvores. Você sabe o que elas falam?

— Fazem muito mais do que muita gente aqui.

A menina riu, demonstrando ter compreendido a ironia. Ele perguntou com um largo sorriso: — Pelo que vejo, você gosta disso aqui, não?

— Eu amo este lugar.

— Dando-se bem no colégio?

Rynn engoliu em seco, tentando controlar o pânico que surgia dentro dela. Deu de ombros.

— Tudo bem.

— Ser novata não é fácil. No princípio, o pessoal aqui é um pouco frio.

— Neste particular, também, tudo está em ordem...

— Quando você já estiver aqui há mais tempo — o policial sorria para mostrar que ainda gracejava —, eles serão ainda muito mais frios.

Sem se lembrar do dente quebrado, Rynn começou a rir. Mas quando viu que Miglioriti a observava atentamente, fechou a boca.

— Você é muito engraçado... para um policial.

Ele perguntou se ela queria dizer engraçado no sentido de esquisito ou de apenas aquele que gosta de fazer pilhérias. Ela respondeu que ele era o policial mais divertido que já vira.

— Os policiais americanos, em geral, também não tomam chá. Já observou isto? — Depois, relanceando um olhar pelo aposento, disse: — Aqui era a casa dos Wilson.

— Não vai me dizer que é mal-assombrada.

— Absolutamente. Jamais existiu gente mais feliz.

— Até que... — A menina levantou sentenciosamente o dedo e falou em tom solene adequado às histórias de fantasmas. — *Até que* foram vítimas de mortes grotescas, misteriosas e absolutamente pavorosas.

— Não. Na verdade, herdaram dois milhões de dólares e foram viver na Riviera Francesa.

— Ótimo! Eu sabia que esta casa dava sorte! — Olhou para aquele homem, de pé, ali junto à lareira, envergando seu impermeável brilhante. — Fico muito

satisfeita em saber que você é o nosso policial.

— Obrigado. — Miglioriti tinha um sorriso de menino. — É muito melhor que ser chamado de "tira". Explico-me: como se sentiria você se a chamassem de "tira"? Hoje em dia as crianças não têm o mínimo respeito pelas autoridades.

Rynn tinha ímpetos de pedir-lhe para tirar da cabeça aquela ridícula capa de geladeira e sacudir o impermeável. Mas, agora que ele terminara de tomar o chá, não ousou pedir-lhe para ficar. Julgou prudente não se afeiçoar muito àquele homem, pois sua presença sugeria uma pergunta ainda sem solução.

Miglioriti pegou novamente o pires. — No todo, o povoado é um lugar bem agradável para se viver. Sobretudo, não permita que a Sra. Hallet a importune. Ela tentará fazê-lo. Como já disse, ela pensa que pode mandar no povoado.

— E ela manda?

— Em algumas partes, gostaria que mandasse.

— Verdade? — Com uma audácia que a surpreendeu, Rynn olhou de frente para o policial, e o seu olhar exigia resposta.

— É só. — Miglioriti sentiu que havia falado demais. Agora, evitava ir mais além. Pegou na xícara.

— Está se referindo ao filho?

— Você já o encontrou?

Muito calma, Rynn falou, dessa vez, porém sem olhar para o policial:

— Ele disse que sou uma menina muito bonita.

— E você é. — O homem falava cautelosamente, escolhendo as palavras. — Ficaria muito melhor se isso fosse dito por alguém de sua idade.

— Ele é um pervertido sexual?

Miglioriti olhou em redor, procurando um lugar para pousar o pires e a xícara.

— Onde coloco isto?

Rynn tomou a delicada porcelana daquelas mãos imensas.

— Ele tem dois filhos — ponderou ela.

— É. . . — respondeu o policial, sem muita convicção.

Rynn se lembrou daquele homem, quando estivera ali, em pé diante dela naquela mesma sala, e como a sua aparência era tampouco a de um pai. Mais uma vez, surpreendeu-se com sua ousadia.

— Os filhos são mesmo dele?

Por alguns momentos julgou que Miglioriti não ia responder. Mas quando o fez, parecia estar se dirigindo a um adulto, alguém que ele esperava iria compreender toda a extensão de suas palavras. — São filhos de sua mulher, do primeiro matrimônio dela.

— Em outras palavras — a menina encarou destemidamente o policial: — o Sr. Hallet é uma espécie de homem que gosta de dar doces às meninas?

Miglioriti tirou o quepe e passou os dedos enormes entre os abundantes cabelos negros, sem, contudo responder. Simulando não compreender, abanou a cabeça. — De onde mesmo você disse que veio?

— De Londres, sobretudo.

— Creio que nas grandes cidades as crianças ficam adultas muito depressa.

Terminando de tomar seu chá, Rynn recolheu pires e xícaras, levando-os para a cozinha. — Meu pai e eu já vivemos em vários países. Conhecemos toda espécie de gente.

Depositou a louça dentro da pia. Acima desta havia uma janela que dava para o jardim dos fundos, coberto de mato já bem crescido e de flores murchas.

— Por que o Sr. Hallet não faz um tratamento?

— Que espécie de tratamento você pensa que deve ser?

— Rynn deu-se conta de que o policial estava deixando a seu cargo toda a conversa.

— Existe a psicanálise. — Agora, era a vez de Miglioriti falar, e seria muito difícil não dizer mais do que desejava, pois os dois compartilhavam aquela insólita intimidade feita de intuição.

— Há dois lugares para os quais os que habitam esta ilha há trezentos anos jamais irão: ao consultório do psicanalista e para a prisão.

Rynn abriu a torneira para lavar a louça.

— Dou-lhe minha palavra de honra de que jamais receberei doces de pessoas estranhas. — Retirou-se da pia, enxugou as mãos e voltou para junto do policial. — Sua visita me deu imenso prazer.

— Só que eu ainda não lhe disse a razão da minha visita.

Rynn gostaria de não ter sentido aquele choque. Esforçou-se para olhá-lo bem de frente, nos olhos. Esperou que ele falasse.

— Você gosta de peru?

— Devo responder que sim?

— Não precisa.

— Se quer saber a verdade, não. Não muito. — Logo sentiu que podia apresentar uma razão àquele homem tão simpático. — Os pássaros são répteis. Quero dizer, biologicamente, se retrocedermos no tempo. Você sabia disso?

— Creio que não. — Colocou o quepe. — Então, você não quer ficar com um bilhete da rifa?

— Você quer dizer que, se meu pai e eu comprarmos uns bilhetes, poderemos ganhar um peru?

— Não há muita chance de ganhar. — Apesar das palavras, via-se que ele estava muito empenhado em passar os bilhetes. — É para o Dia de Ação de Graças. No mínimo, são onze quilos de peru. Convenhamos que, se você não gosta, é peru

demais. — Dirigia-se para a porta com um riso contrafeito. Perguntou: — Seu pai gosta de peru?

— Muito menos do que eu. Compraremos dois bilhetes.

— Perfeito — disse o jovem policial tirando o quepe e passando os dedos pelos cabelos negros e brilhantes. — Você sabe, realmente eu detesto fazer essas coisas. Preferia mil vezes estar assistindo ao jogo desta tarde. Com isso aqui, tenho sempre a impressão de estar fazendo chantagem com as pessoas.

— De maneira alguma — disse Rynn num tom muito sociável. É para uma causa nobre. Na Inglaterra você

ficaria admirado com a quantidade de bilhetes que a rainha tem de passar, para uma infinidade de coisas. — Os olhos de ambos se encontraram, e Rynn sorriu tão descontraída-mente que o dente quebrado ficou visível. — Quanto custam os bilhetes?

— São duas pessoas? Dois dólares.

— Espere um pouco.

Fazendo-lhe sinal para esperar, Rynn subiu as escadas correndo para o segundo andar na direção da porta do quarto, que estava fechada.

Ao se encontrar só na sala, Miglioriti correu ao vestíbulo e, alcançando a porta do escritório, bateu de leve. Ninguém respondeu. Tentou virar a maçaneta, estava fechada. Ouviu a voz da menina que estava no andar de cima.

— Um, dois; dois dólares. — Desceu a escada pulando os degraus de dois em dois e desdobrando as notas, enquanto Miglioriti tirava do bolso um talão com os bilhetes, destacando-os do canhoto.

— No caso de meu pai e eu não termos *muita* sorte, ganharemos um peru de onze quilos?

Riram ambos.

Miglioriti estava radiante: "Por que razão as crianças inglesas são tão bem educadas? Nunca nos chamam de 'tiras' ". Rynn dobrou os bilhetes. O policial continuava sorrindo. — Quem dera que eu encontrasse por aqui mais gente igual a você. Certamente, meu trabalho seria bem mais fácil. — Guardou os talões no bolso do casaco. — Bem, tenho de ir, a fim de empurrar mais alguns bilhetes. Obrigado pelo chá. E pela compreensão.

Ambos sorriram.

— Agradeça também a seu pai.

— Sem dúvida. — Levou-o até a porta. — Nós nos veremos novamente?

— Não é possível evitar-me. Durante o inverno, isto aqui é um lugar muito pequeno. — Abriu a porta.

— Ainda chove.

— Como na minha terra.

Miglioriti pegou o quepe, certificando-se de que o forro de plástico estava no lugar. Colocou-o novamente sobre a cabeleira negra e saiu.

Embaixo das árvores, que deixavam cair pingos de chuva, o policial gritou para a menina — Mais uma vez muito obrigado, Srta. Jacobs. Espero que não ganhe o peru.

Olhando o rapaz moreno que se afastava, sentiu-se subitamente muito só. Ainda tinha os olhos perdidos na tarde nevoenta, mesmo depois que o carro-patrolha partiu pela alameda afora.

Por longo tempo ficou a respirar o ar frio, que o perfume das folhas molhadas tornava pesado, pensando nos dias semelhantes a esse, em Londres, no Hyde Park, quando as árvores desfolhadas pareciam desenhos a bico de pena, em branco e preto, de um livro para crianças.

Um outro carro, vermelho-escuro, veio rodando pela rua, e parou em frente à casa. Ouviu-se a batida da porta e a mulher com seu casaco de *tweed* correu em direção a ela, protegida por um guarda-chuva de listras vermelho-vivas. Rynn esperou que a mulher, com seu casaco velho, chegasse à porta.

— Alô, Sra. Hallet.

A mulher baixou o guarda-chuva. Seus olhos azuis, muito duros, diminuíram, afogados em sua bolsa de gordura, quando avistou a menina. Falou friamente.

— Posso entrar?

— Eu a convidei.

CAPÍTULO 6

A mão de Rynn crispou-se na maçaneta da porta quando os sapatos encharcados da Sra. Hallet enlamearam, a cada passo, a cera do assoalho de carvalho. Ao entrar na casa e postar-se calmamente diante da lareira, a Sra. Hallet parecia declarar formalmente que quaisquer direitos reivindicados pela menina, durante sua última visita, estavam agora definitivamente cancelados.

Batia com a ponta do guarda-chuva na lareira, enquanto o abria e fechava, exibindo suas belas listras coloridas, para deixar cair os pingos de chuva.

"Nunca abra um guarda-chuva dentro de casa." Lembrava-se a menina de uma vizinha em Londres, uma velha senhora desdentada que se alimentava exclusivamente de leite condensado e que, num dia chuvoso como aquele, lhe fizera veementemente a advertência. Entre todos os infortúnios que poderiam advir, avisara-lhe a velha, abrir guarda-chuvas dentro de casa traria os piores. Rynn, lembrando-se do fato, orgulhava-se por não ser supersticiosa. Foi forçada a admitir que a Sra. Hallet não era o tipo de mulher com a qual a má sorte ousaria intrometer-se.

Olhando a chuva lá fora, deixou a porta aberta, para mostrar àquela mulher, sentada ali junto à lareira, que sua permanência na casa devia ser curta, apenas o tempo necessário para apanhar os potes de geléia. Rynn entrou na sala, fechou as cortinas e acendeu a lâmpada. Preparar o aposento para a noite havia sido um impulso, um ato instintivo. A mulher não pôde deixar de notar a mudança. A menina fizera a casa parecer menor, mais aconchegante, mais do que nunca um lugar que lhe pertencia.

Lá fora a chuva batia no telhado, espalhando-se. Rynn sabia que a Sra. Hallet esperava toda a atenção de sua parte para começar a falar. Sabia ainda que aquela mulher, à contraluz do fogo na lareira, ponderava cuidadosamente o que lhe iria dizer. Nenhuma das duas estava preparada, quando a voz da mulher irrompeu estridente, áspera como um galho seco que se parte.

— Hoje de manhã falei com o Conselho de Administração sobre o seu caso. — Como começo de conversa era o suficiente.

Apesar de Rynn estar em sua casa, a mulher deixou claro que se dirigia a uma criança.

Rynn jurara não a desafiar, mas a raiva daquela intromissão em sua vida foi tão grande, tão grande, que precisou lutar para não gritar, para aquela cara vermelha, que sabia que tudo aquilo era mentira, uma mentira estúpida, qualquer um — qualquer criança com um pouco de inteligência — poderia provar, bastando procurar saber quando se reunia o Conselho de Administração.

Contudo, nada disse.

Quantas vezes se surpreendera com a mentira dos adultos. Mentiras tolas, de fácil objeção. Será que não se lembravam de sua infância, de como é difícil enganar uma criança? Será que não sabiam que, no jogo da mentira, as crianças levam sempre a melhor?

O silêncio parecia sem fim, e, contudo apenas alguns minutos haviam passado. A mulher não resistiu e lançou sobre a menina os frios olhos azuis para sentir o impacto causado por sua investida inicial.

— Devo lhe dizer que ficaram muito interessados ao tomarem conhecimento de seu caso.

No íntimo, Rynn exclamava: "A senhora é uma mentirosa, Sra. Hallet. Uma mentirosa!" Ao invés disso, falou:

— Estava pondo a chaleira no fogo. A senhora quer tomar uma xícara de chá? — Esforçava-se para tornar a voz mais agradável, o menos provocante possível. Mas a Sra. Hallet não estava disposta a deixar Rynn abrandar sua investida com gentilezas.

— Na verdade, ficaram muito interessados.

Rynn continha-se a custo para não gritar: "Mentirosa!", na cara daquela mulher. Como também tinha vontade de atirar naquela cara vermelha e gorda que ela sabia que o Conselho de Administração das Escolas se havia reunido na última quinta-feira, e que não se reuniria durante um mês! Ansiava por dizer àquela velha mentirosa que, ao ter de encarar a realidade e não apenas as ameaças, era bastante esperta, inteligente e corajosa para pensar em qualquer meio de se livrar da escola. *Teria de se livrar deles. Jamais se sujeitaria ao jogo deles.*

— Você não quer saber o que disseram?

— Posso oferecer-lhe Earl Grey ou Darjeeling. Que chá prefere?

Fechando bruscamente o guarda-chuva, a mulher fitou aquela menina que a olhava bem de frente com uma expressão nem inocente, nem branda, sequer claramente desafiadora. Seus olhos, que perscrutavam o rosto impassível de Rynn, vacilaram e, naquele rápido instante, sem que pudesse retomar a tempo o seu olhar

firme, traíram-lhe a hesitação. Será que a menina descobrira sua mentira? Fora uma tolice a mentira sobre a reunião, tão fácil de qualquer um verificar. Uma bobagem. Rynn era apenas uma criança, entretanto poderia valer-se de sua arma mais poderosa: a força da idade.

— Vim disposta a esquecer o que aconteceu ontem. Mas quero preveni-la de que sua maneira de ser e o seu tom continuam me desagradando.

— Então, cabe a mim pedir-lhe desculpas. — Rynn deu-se conta de que, mesmo em Londres, sua atitude não poderia estar sendo mais britânica. — Se fiz algo que a ofendesse, Sra. Hallet, sinto *muito*.

Sem dúvida sabia que não eram desculpas o que aquela mulher desejava, nem os potes de geléia eram o motivo de sua presença ali.

A Sra. Hallet enrolou em volta do cabo a seda vermelha listrada do guarda-chuva.

— O que mais me surpreende é o fato de os meninos e as meninas inglesas serem, na maior parte, tão bem-educados. — A fala era arrogante, acompanhada de um olhar muito frio, um olhar que petrificaria qualquer criança, ou a deixaria em lágrimas.

Não notou nenhuma alteração no rosto da menina.

— Mas, afinal, você não é *verdadeiramente* inglesa, não é?

— Já decidiu que chá vai tomar?

— Não vai me oferecer um copo do vinho doce e licoroso que vocês usam nas suas cerimônias religiosas?

Ó rosto de Rynn, brilhante à luz da lareira, continuava imperturbável como uma máscara.

Desviando o olhar dos vivos olhos da menina, a Sra. Hallet aproveitou a desculpa do guarda-chuva para ocultar sua derrota, andando até o vestíbulo para pendurá-lo no cabide de madeira.

— Ou será que você ainda não tem idade para beber vinho? — disse, preparando-se para o interrogatório. Bateu com a porta e, com os pés sujos de lama, voltou à sala roçando na menina quando passava. — Você disse a meu filho que tinha catorze anos. A *mim* você disse treze. Afinal, quantos anos você tem realmente?

— Treze.

— E com muita inteligência. Aliás, como muitos da sua raça têm.

— Sra. Hallet, peço-lhe que aceite minhas desculpas pelo que houve ontem.

Antes de responder, a mulher fez uma pausa, voltou para junto da lareira e retomou sua atitude autoritária.

— Você aprendeu a dizer isso exatamente como no disco? — Estendeu a mão ao calor do fogo e parecia meditar sobre as palavras da menina. — Receio muito

que isso não seja assim tão simples. Quanto mais penso sobre o que aconteceu aqui ontem, mais me convenço de que você e seu pai se sentiriam bem melhor em qualquer lugar onde pudessem, como direi?, falar a língua que vocês parecem preferir.

Retirando o atizador da caixa de lenha, a mulher se pôs a remexer as chamas. Seus cabelos secos e duros brilhavam à luz do fogo como se estivessem incendiados.

— Quando falou com meu filho pelo telefone, você insistiu bastante, dizendo que seu pai desejava falar comigo. Aqui estou. De fato desejo falar com ele. Ele está em casa?

— Sim.

— Chame-o.

— Sinto dizer que agora, neste momento, ele está traduzindo e não pode ser interrompido... até mesmo para falar com o policial Miglioriti.

— O policial Miglioriti trabalha para gente igual a mim — disse a mulher, deixando claro que a menina jamais deveria confundir o poder e a lei com qualquer rapaz amável que ela podia contratar ou despedir a seu bel-prazer. — Já é tempo — disse — de chegarmos à conclusão de que cometemos um erro em relação a esta casa.

O fogo na lareira continuava ardendo. A Sra. Hallet voltou a aquecer as mãos.

— Caso você ainda tenha dúvidas sobre o que estou fazendo aqui, esperarei até você chamar seu pai.

— A senhora ainda não respondeu... a respeito do chá.

A Sra. Hallet continuou por muito tempo examinando a sala, como se as observações do dia anterior a autorizassem a vê-la sob um outro prisma.

— Vocês dois, vivendo aqui nesta rua com tão poucos vizinhos, com o inverno que vem chegando, tendo tão pouco em comum conosco... Não, não creio que este lugar seja adequado a vocês, absolutamente. Por mais que eu queira, não posso imaginar o que nos fez pensar que vocês poderiam se dar bem aqui.

— Meu pai e eu adoramos esta casa.

— É um lugar tão deserto para uma menina que fica sozinha a maior parte do tempo. Não. Acho que devemos fazer outros planos...

— Alugamos esta casa por três anos.

A Sra. Hallet continuava esfregando as mãos vermelhas.

— Contratos podem ser rescindidos. Não. Não me surpreenderia se soubesse que seu pai resolveu ir para outro lugar qualquer onde se sentiria mais à vontade.

— A senhora não precisa se preocupar conosco, Sra. Hallet.

— Já vem você novamente com o seu eterno ar de mofa. E não me olhe com esses olhos tão magoados, dizendo que foi mal interpretada. Você está sempre

procurando mostrar que não desejava dizer as coisas que diz. Mas nós duas sabemos muito bem aonde você pretende chegar.

— Ali estão os seus óculos, Sra. Hallet, na mesa.

— Você está me mandando embora?

Não sabendo o que responder, Rynn ouvia a respiração ofegante da mulher.

— Chame seu pai! — A voz estava rouca de raiva. — *Agora mesmo.*

— Já lhe disse. Ele não pode ser importunado.

A Sra. Hallet afastou-se da lareira e já se encontrava no vestíbulo dirigindo-se para a porta do escritório, onde parou, como se aguardasse uma ordem da menina.

Ao aproximar-se, jamais Rynn falara com tanta autoridade.

— Não abra essa porta!

— Você sabe tão bem quanto eu que ele não está aí dentro.

— Se a senhora abrir a porta, Sra. Hallet, terei de dizer a meu pai tudo a respeito de seu filho. — A voz de Rynn era pausada e calma.

— Meu filho? — A mão da Sra. Hallet soltou a maçaneta da porta; suas palavras ressoavam como o grunhido de um animal preso na armadilha.

— Ainda não contei a meu pai o que aconteceu a noite passada.

Embora Rynn não pudesse ver a Sra. Hallet na escuridão do vestíbulo, sabia que o rosto da mulher estava rubro de raiva.

— Contar a seu pai o quê?

— O que aconteceu aqui.

Rynn esperou, e seu silêncio era uma acusação contra o filho daquela mulher.

— O comportamento dele. Parece que o pessoal do povoado sabe tudo a respeito dele. — Com um salto a Sra. Hallet emergiu da penumbra do vestíbulo.

— Miglioriti! Ele é um mentiroso!

— Não foi o policial Miglioriti, Sra. Hallet. — O rosto apoplético da mulher, sua atitude histérica, contrastavam com a serenidade da menina, com seu crescente domínio da situação.

— O que aquele maldito italiano disse a você?

— Nada, Sra. Hallet.

— Nada? Ele sempre odiou Frank. Miglioriti lhe contou que, antes de Frank se casar com sua atual mulher, ele teve uma ligação com ela? Você não sabe por que ele odeia meu filho?

— Ele nem iria contar-me que os filhos de Frank Hallet não são dele. Eu tive de perguntar.

— O que mais disse ele? Preciso saber o que mais ele contou!

— Mesmo quando perguntei por que não faziam um tratamento psicanalítico em seu filho, ou por que a polícia não intervinha...

Nada que a Sra. Hallet fizesse naquele momento poderia surpreender Rynn. No

entanto, agora era a mulher que, lívida, procurava dominar sua raiva.

— Por que teriam de fazer alguma coisa?

— Quando seu filho oferece doces às meninas... então?

Possessa de raiva incontrollável, a mulher vigorosamente esbofeteou a face da menina. Com o rosto em fogo, Rynn correu para junto da mesa e, pegando na caixa de papelão cheia de potes que tilintavam, empurrou-os bem junto à beira da mesa.

— Leve os seus potes, Sra. Hallet.

— *Você vai sair desta casa!*

— *Minha casa*, Sra. Hallet. — Rynn reprimia as lágrimas que lhe ardiam nos olhos.

— *Com... ou sem seu pai. . .*

Rynn engoliu um soluço. — É verdade, este lugar aqui no povoado é muito deserto. Muitas vezes fico sozinha. Mas isso não me preocupa, Sra. Hallet. Se isso a preocupa, é problema que a senhora poderia resolver junto com seu filho.

— *Maldita menina!*

A chuva batia no telhado.

A Sra. Hallet, junto à mesa, remexeu dentro da caixa.

— Faltam as tampas — disse —, sem as tampas de borracha os vidros não servem.

Rynn espiou dentro da caixa. Sua mão trêmula fazia tilintar os vidros. Por fim, desanimada, fechou a caixa com a tampa.

Os olhos rígidos da mulher não abandonavam a menina.

— Eu quero os vidros, agora! E as tampas! Desta vez não ouse me dizer para voltar mais tarde!

— A senhora não precisa das tampas — gritou Rynn.

— A senhora nem mesmo precisa desses vidros. . .

A mulher se moveu com rapidez e decisão, contudo Rynn jamais esperaria que ela agarrasse a mesa, batendo-a com força sobre o tapete feito à mão. Com desespero agarrou-se ao casaco da mulher.

— *Saia da minha casa!*

As pernas da mesa rangeram sobre o assoalho de carvalho.

A Sra. Hallet levantou o tapete, deixando à mostra um alçapão. Agarrou o ferrolho e abriu.

A menina, trêmula de raiva, não tinha forças para mover-se.

A mulher levantou a porta, virou-a nas dobradiças e, com uma batida brusca, encostou-a na parede.

A fúria de Rynn transformou-se em terror quando, apavorada, viu a mulher caminhar até o alto da escada e olhar para baixo, enquanto se enrolava no casaco para se proteger do frio.

Rynn venceu o medo que a paralisava, para arremessar-se sobre a mulher, contudo os tremores que a sacudiam eram tão violentos que ela não pôde completar o gesto. Então gritou, e aquele grito era impregnado de uma fúria absoluta, chocante em uma pessoa tão jovem.

— *Eu a estou avisando, Sra. Hallet!*

Ao ouvir-lhe a voz, a mulher parou, mas só o tempo suficiente para ajustar o casaco em volta do corpo antes de pôr o pé no primeiro degrau, cuja laje antiga já estava bastante gasta.

Lá em cima, no começo da escada, quase em transe, Rynn observava os cabelos louros da mulher e as ombreiras do casaco de *tweed* desaparecerem à medida que ela ia descendo. Na parte onde teve de baixar a cabeça, a fim de passar por baixo das tábuas de carvalho do assoalho, a Sra. Hallet pôs os óculos para se orientar melhor na escuridão.

Mais um passo, e depois o ruído de pés apalpando o chão cessou.

— Oh! Meu Deus!... — a voz era apenas um sussurro. Depois, ouviu-se um grito.

Como se aquele grito fosse um aviso, Rynn, num ímpeto, avançou em direção ao alçapão, empurrando a porta encostada na parede. Esta, ao fechar-se, caiu, abafando o grito lá embaixo.

Rynn deixou-se cair com todo o seu peso em cima das tábuas de madeira e, agarrando o trinco, empurrou-o.

Batidas surdas faziam eco na porta.

Com grande esforço conseguiu enfiar o cadeado na argola.

Quando, lentamente, Rynn se levantou do chão, as batidas lá embaixo redobravam. Cada batida, como as de seu próprio coração, fazia com que recuasse.

Um grito abafado, distante, foi logo interceptado pelas grossas tábuas de carvalho.

Mais duas batidas.

De repente, quando Rynn, apavorada, afastou-se da porta do alçapão, qualquer coisa atrás dela a tocou, impedindo-lhe a passagem. Sequer ousando respirar, pegou por trás de si na cadeira de balanço vazia, que balançava freneticamente.

CAPÍTULO 7

A menina balançava-se... Não tinha a mínima idéia por quanto tempo. Já se teriam passado muitas horas depois que ela correria à porta da entrada para fechá-la e cerrara ainda mais as cortinas, a fim de que ninguém pudesse ver o interior. Teriam decorrido apenas alguns minutos?

Na lareira, uma acha de lenha caiu.

A chuva batia no telhado...

E a menina balançava-se, balançava-se sem parar.

Como as chamas oscilantes, a sala começava a ficar fria.

Sentada, presa de estupor como se estivesse louca, como um daqueles miseráveis esquecidos em qualquer manicômio, imersos em si próprios, olhando indefinidamente para a pintura descascada da parede ou para qualquer ponto imaginário, a distância — desse modo, ali permanecia Rynn, imóvel. Contudo não estava louca, nem vazia a sua mente. Nunca estivera tão lúcida.

Por longo tempo, procurou imaginar a Sra. Hallet lá embaixo, sob as tábuas de madeira da porta do alçapão. Ouviram-se gritos abafados, inúmeras batidas. Durante horas, ou apenas minutos, Rynn nada escutara, deixando-se tomar de pensamentos. A Sra. Hallet, lá embaixo, naquele porão que cheirava a velhos jornais molhados, cheio de aranhas, será que estava sentada nos velhos degraus de pedra? Rynn achou que a mulher agüentaria, agüentaria e iria esperar. Não importava por quanto tempo.

Era o que Rynn, na sua cadeira de balanço, fazia. Esperava.

Suas mãos estavam frias de um suor gélido que ela enxugava nos *jeans*. Afinal, todos não diziam que ela era uma menina muito inteligente? Se isso era verdade, chegara o momento de prová-lo, e pensava como jamais o fizera antes. Urgia pensar com cautela, a fim de decidir, com um maior cuidado ainda, o que deveria fazer.

Primeiro ponto: Ousaria abrir a porta do alçapão? Ousaria soltar a Sra. Hallet? Balançava-se firmemente na cadeira.

Embora tudo acontecesse num instante, embora aquilo fosse uma coisa que

jamais sonhara ser capaz de fazer, o fato estava consumado.

Poderia ser desfeito?

Ainda que, deitando-se no chão, murmurasse através do alçapão para se fazer ouvir pela escada abaixo que sabia ter cometido uma coisa terrível, ainda que suplicasse àquela mulher que esquecesse o ocorrido, implorasse o seu perdão, desde sua prisão — mesmo assim, o que a Sra. Hallet poderia dizer? Naturalmente, confinada no escuro, não havia nada, absolutamente nada, que a Sra. Hallet não promettesse. É óbvio que ela iria afirmar que jamais, em hipótese alguma, contaria o que havia acontecido.

E não há dúvida de que estaria mentindo.

A mulher jamais a perdoaria.

A Sra. Hallet, com sua grande casa de tijolos vermelhos, oculta por viçosa folhagem no centro de extenso gramado; a Sra. Hallet, com seus amigos poderosos, que contratava e despedia homens como Miglioriti; a Sra. Hallet envidaria todos os esforços, até a morte, para que a menina fosse punida. A Sra. Hallet insistiria para que ela sofresse as sanções legais pelo ato terrível, ultrajante, imperdoável, que havia cometido. Todas as penas previstas na lei lhe seriam aplicadas ao máximo.

E isso significava o quê? Prisão? Na América, como na Inglaterra, enviavam-se para a prisão as crianças cuja culpa era bem menor do que empurrar velhas senhoras em alçapões, e trancá-las dentro. A Sra. Hallet entraria no tribunal com uma meia dúzia de advogados, e perante todo mundo, relataria os horrores por que tinha passado. Ouvindo as provações da velha senhora, todo o tribunal ficaria estarecido. E quando chegasse a vez de a menina se apresentar perante a justiça, acompanhada apenas de um advogado designado por aquele mesmo tribunal, e tentasse explicar *por que* fizera aquilo, quem acreditaria nela? Quem poderia perdoar uma criança dessas?

"Que pena, Sra. Hallet, mas considerando a maneira como a senhora é, jamais poderei levantar a porta, deixando-a subir esses degraus. Agora, não há mais jeito. A senhora *tem* de ficar onde está, Sra. Hallet."

A menina continuava balançando-se na cadeira.

Outra pergunta começava a surgir: O que aconteceria com a mulher lá embaixo? Por quanto tempo sobreviveria? Começou a refletir.

Três dias. Agora, é preciso ir devagar. Refletir. Suponhamos que levasse três dias para a mulher morrer. Durante esses três dias, qualquer pessoa poderia bater à porta. *Eles*. Eles? Quem eram *eles*? Isso não tinha importância. Eles... alguém... bateria à porta. Gente como Frank Hallet e outras pessoas adultas... *eles*. Eles... aqueles que jamais se iriam preocupar em perguntar a uma menina de treze anos se poderiam ir a sua casa. Os passos de qualquer pessoa que viesse seriam ouvidos e, então, a Sra. Hallet bateria freneticamente na porta. Ainda que o tapete estivesse em

seu lugar e a mesa sobre ele, a mulher poderia fazer-se ouvir lá de baixo.

Três dias.

Súbito, encontrou uma resposta. Ficaria ausente por três dias. Trancaria a porta e partiria. Quem poderia entrar? Com as cortinas fechadas, quem poderia enxergar dentro da sala? Então, a quem poderia chamar a Sra. Hallet? Por instantes a idéia de fuga a fez pensar no frio insuportável e no medo que dela se apossaria.

Um frio intenso, como jamais havia sentido, atravessou-lhe o corpo.

Frank Hallet sabia que sua mãe tinha vindo à sua casa nessa tarde. Ela lhe havia telefonado. Ele iria procurá-la ali. Novo arrepio de frio percorreu-lhe o corpo. Ele podia entrar na casa, a agência imobiliária tinha uma chave...

Passou as mãos pelos braços gelados para esquentá-los.

Sem desviar os olhos da porta do alçapão, levantou-se da cadeira de balanço e, cautelosamente, encaminhou-se em direção à lareira e estendeu as mãos ao calor do fogo. Brilhando ao clarão das chamas, seus olhos não se afastavam da porta. Nunca sentira naquela casa esse frio intenso que lhe chegava até os ossos.

Talvez, pensou, não sentisse tanto frio se ligasse o aquecedor.

O aquecedor.

Funcionava a gás. Em Londres, o gás do aquecedor matara um de seus vizinhos.

"Mas isso aconteceu num minúsculo apartamento", comentou de si para si. "O tapete muito grosso não deixava o ar entrar. O aposento estava hermeticamente fechado..."

Olhou para a porta do alçapão com sua madeira polida.

A adega lá embaixo era ainda bem menor do que aquele apartamento de Londres.

Correu à cozinha e, metendo a mão no armário abaixo da pia, remexeu entre caixas de sabão em pó, plásticos com detergentes, verniz de móveis com cheiro muito ativo, e cera, até encontrar o que procurava: um tubo comprido de borracha.

Levantou a tampa do aquecedor como vira o homem da loja fazer, e deixou-a cair com forte ruído.

Exatamente como o homem lhe mostrara, encontrou o piloto... uma luz fraca, porém firme, de um azul desmaiado. Inclinando-se, soprou-o, como fizera com as velas do bolo de aniversário. Na penumbra a chama vacilou e se extinguiu.

Levou apenas alguns segundos para destacar o tubo do piloto, substituindo-o pelo longo cano de borracha. Desenrolou-o para introduzi-lo entre a porta do alçapão e as tábuas do assoalho.

E lá embaixo estaria a adega fechada hermeticamente.

A porta era de carvalho espesso, sólido, sem a menor falha ou fenda. Mas, nos cantos, havia frestas. Teria de colocar alguma coisa em volta desses cantos.

Rapidamente, rasgou em pedaços o jornal com as palavras cruzadas e, com um

pau, empurrou o papel entre a porta e o assoalho.

Sentada sobre os calcanhares, examinou o trabalho.

— E se entra alguém e sente cheiro de gás?— Sacudiu a cabeça em resposta às suas próprias palavras. — Se está hermeticamente fechado, o gás *não pode* escapar. Ficar lá até se desfazer, ou coisa semelhante, não sei o que acontece com o gás.

Para se certificar de que não havia possibilidade de o gás escapar, Rynn empurrou mais uma vez o papel em todos os cantos com o auxílio do pau.

— *Hermeticamente.*

Por que recorrer ao gás? Se de fato o alçapão estava hermeticamente fechado, a mulher ficaria asfixiada.

Rynn examinou o alçapão. Sabia que a porta estava selada, mas o que não podia saber era quanto tempo o gás duraria lá dentro. E se houvesse um escapamento mínimo, uma fissura na parede que desse para fora da casa? Não impediria que o gás entrasse no porão, mas seria suficiente para manter viva a pessoa lá dentro. Não podia correr esse risco. Voltando ao escoadouro do aquecedor, onde o homem lhe mostrara que por ali o ar fluía para fora, verificou não haver nenhuma possibilidade de o gás escapar pelo tubo e pelo cano.

Agora, só havia mais uma coisa a fazer. Ajoelhou-se diante do aquecedor e virou para o máximo o ponteiro do suprimento de gás.

CAPÍTULO 8

Rynn cerrou a porta sem fazer barulho, trancando-a a chave. Enquanto abotoava o casaco de lã grossa até o pescoço, passou a olhar para o céu através da folhagem das árvores. Toda a paisagem estava molhada, como uma aquarela, porém a chuva havia cessado.

As mãos dentro dos bolsos, com a direita fazia tilintar as chaves contra a carteira de notas, enquanto com a outra procurava cuidadosamente a leve e morna presença de Gordon.

O frio ardia-lhe na pele, Rynn aspirava avidamente como se não pudesse obter o suficiente daquele ar úmido e fresco, impregnado de terra e vegetação. Vagando sob as árvores gotejantes, a cada passo suas botas iam calcando e estalando as bolotas do carvalho. Gotas de chuva brilhavam nos castanheiros e as zínias desfolhavam-se com o roçar do casaco.

Retirou Gordon do bolso para que pudesse gozar a frescura do ar. O focinho cor-de-rosa do animal fremia.

— Respire fundo — disse. — Você vai ficar lavado e limpo... — Foi então que ela o avistou. Através dos troncos escuros das árvores, cintilando naquela paisagem cinza... o Bentley vermelho-escuro da Sra. Hallet.

Gordon soltou um grito estridente.

A mão de Rynn segurou firme o rato. Mais um grito e Gordon começou a debater as minúsculas pernas, mas já estava de novo metido no bolso da menina.

Instintivamente, como se, não olhando para o carro, ela pudesse negar sua presença, Rynn começou a correr pela rua.

Só uma vez olhou para trás. Lá estava ele, reluzindo na rua molhada.

Um esquilo esgueirou-se por entre os ramos de um olmo.

Folhas secas se levantavam, tocadas pelo vento.

Procurou não mais pensar no carro e na maneira de se livrar dele. Tinha de ser hoje? Não fizera hoje tudo o que precisava ser feito?

Sim, tinha de se ver livre do carro, agora. Mas, como?

A um quilômetro da casa ouviu buzinas de carros e o clamor de *rock*. Quando o som ficou mais alto e um carro passou rápido pela estrada transversal, ela viu que os passageiros eram jovens de sua idade, que sacudiam flâmulas com as cores dos Gatos Selvagens, gritando com grande excitação. Haviam ganho o jogo. Eram barulhentos, felizes, unidos, sem nada no mundo que os preocupasse.

Nenhum deles conhecia a menina que estava ali sozinha, na estrada juncada de folhas mortas, mas acenaram para ela.

Rynn ergueu a mão numa tentativa de retribuir o gesto, mas desistiu.

O *rock* dissipou-se naquela noite chuvosa.

Alguns minutos depois, lá bem no alto, no ar, o canto quase imperceptível de pássaros fê-la erguer os olhos e ver a revoada de gansos, alinhados em um V, batendo as asas lentamente na direção do sul.

Sentia-se desolada e terrivelmente só diante daquela garotada tão alegre no carro. Será que alguma vez se sentiram sós, indefesos? E por que se sentiriam assim? Tinham família e amigos. Se um dia um medo terrível se apossasse deles, sempre encontrariam alguém para quem apelar, com quem pudessem falar. Se um deles desejasse passear com um carro, bastaria pedir a um irmão ou irmã, ou telefonar para um amigo, qualquer um, do seu círculo de amizades.

Rispidamente, Rynn disse consigo própria que a auto-comiseração não resolvia nada.

Mas a quem podia chamar?

Apenas uma vez na vida tivera aquela sensação de estar totalmente só no mundo. Tentou abafar as lágrimas, mas os soluços irromperam. Cega pelas lágrimas, sacudida pelos soluços, saiu correndo pela rua em direção à casa.

Ao precipitar-se pelo pátio, resolveu olhar de relance para o carro. Lá estava ele, aquele miserável Bentley cor de fígado, resplandecente com a água da chuva.

Na sala de estar, lá estava a pequena mesa sobre o tapete que cobria a alça do alçapão. Ainda com o casaco de pelúcia, Rynn se dirigiu para a mesa da cozinha, onde encontrou uma lista telefônica, e, buscando nas folhas amarelas, achou o número de uma oficina de atendimento ao público.

Discou, e ao ouvir uma voz do outro lado, interrompeu-a com crescente irritação.

— . . .um vizinho devia dirigi-lo — explicou —, pois meu pai está contando com o carro na estação para esperá-lo. Como o senhor deve saber, nunca se acha um táxi quando se precisa. Não, é exatamente isto que estou dizendo, o motorista não precisa ser mecânico. Qualquer um em sua oficina que saiba dirigir serve. Vai mandar o mais rápido possível? Muito obrigada.

Ja desligar quando, ao ouvir as palavras do homem da oficina, ficou gelada.

— As chaves?

A voz de Rynn não denunciava o seu pânico.

— Estão no carro — disse. — Estarei esperando.

Desligou, e ficou de pé, estática, ainda gelada, junto à prateleira da cozinha. Teve de munir-se de toda a sua coragem para se precipitar pelo vestíbulo e ganhar o jardim.

O reluzente Bentley estava com as quatro portas trancadas.

Com passos incertos voltou para dentro de casa e fechou a porta da frente com todo o cuidado. À passos lentos, agora também deixando as marcas dos pés molhados no assoalho, atravessou o vestíbulo, cerrando bem as cortinas. A seguir, acendeu a lâmpada e, olhando para a mesa pequena e para o tapete, passou a mão pela madeira envernizada como se jamais a houvesse visto antes.

Súbito, agarrou com toda a força a mesa pela beirada, arrastando-a para fora do tapete, as pernas rinchando pelo assoalho. Retirou com violência o pesado tapete de cima do alçapão. Os dedos trêmulos porfiavam para abrir o trinco, até que este cedeu.

Por muito tempo a menina se deixou ficar ajoelhada, imóvel, armando-se de toda a coragem para levantar a porta do alçapão.

Mais uma vez, graças a uma força súbita que lhe venceu o medo, conseguiu levantar a porta, empurrando-a de encontro à parede.

Aspirando fundo e retendo a respiração, desceu correndo os degraus de pedra. Em menos de um minuto, como um mergulhador que chega sem ar à superfície, subiu apressada as escadas com as chaves na mão. Ainda ofegante, retirou os pedaços de jornal que tapavam os orifícios da porta, atirando-os, esvoaçantes, na adega.

Fechava o alçapão quando ouviu um leve toque na porta.

Sentiu parar o coração.

Não era um murro, nem uma batida forte. Um simples toque.

Nervosamente, fechou o trinco e estendeu o tapete no chão.

Mais uma leve batida. Ficou tensa.

— Espere um minuto!

Empurrava a mesa pelo assoalho encerado para colocá-la sobre o tapete, procurando assim amortecer o ruído da batida. Com a movimentação da mesa os vidros de geléia tilintaram dentro da caixa.

Soavam outras batidas, insistentes. — Já vou!

Rynn olhou para o chão. Será que, ao arrastá-los, os móveis deixaram marcas no assoalho? Ajoelhou-se e esfregou o chão com uma ponta de seu casaco de pelúcia, a fim de apagá-las. Afastou-se para examinar a sala.

Tudo havia retomado seus lugares.

Foi à janela, e espiou através da cortina. Daquele ângulo da porta nada viu. Já se encontrava na sala, com a mão no trinco da porta, quando deparou com o guarda-chuva de listras coloridas da Sra. Hallet, pendurado no cabide.

A pessoa lá fora bateu outra vez.

Depois de pegar o guarda-chuva, arremessá-lo atrás do divã e respirar profundamente, abriu a porta.

Não esperava absolutamente ver o que viu. Lá estava um homem de cartola de seda preta, capa da mesma cor e uma bengala na mão.

— Oi! — a figura de preto exclamou, prazenteira. Muda, nada fez senão olhá-lo com espanto. Um bigode

postiço, descolado de um lado, pendia abaixo do nariz. Não era um homem, era apenas um rapazinho. Quantos anos teria? Dezesseis? O rosto era de menino, pequeno e alegre, com olhos muito pretos. Batendo na cartola com a bengala, parecia a raposa de um desenho animado que havia visto.

O menino meneou a capa com um gesto teatral, como o prestidigitador que, terminando seus passes de mágica, aguarda a ovação da platéia. Erguendo lentamente a cabeça, seus olhos brilharam e um sorriso descobriu uma fileira de dentes pequenos e muito brancos. O sorriso assemelhava-se bastante ao do rapaz da capa da revista. Bonito demais para um rapaz.

— Meu nome é Mario Podesta. A menina não respondeu.

— Sou a pessoa encarregada de levar o carro de seu pai até a estação.

A mão de Rynn continuava na maçaneta. — Por que você está vestido assim?

Fez um floreio com a capa, batendo na cartola de seda com a bengala.

— Eu — interrompeu-se o tempo suficiente para ajeitar a capa sobre os ombros como a de um matador — sou mágico!

Rynn olhou para a bengala: — E esta é sua varinha de condão?

— Bastão — respondeu o rapaz. — Sou aleijado.

Rynn nada fez para impedi-lo quando ele, claudicando, entrou na sala.

— Acho que tenho de dizer que sinto muito — disse Rynn.

— Por quê? A culpa não é sua.

Olharam-se. Ela de casaco de pelúcia e *jeans*, ele em sua roupa preta brilhante.

— Seu bigode está torto — disse Rynn. E, muito rápida, acrescentou: — Gosto de sua capa e do chapéu.

— Ah, é? — disse o rapaz, com um belo sorriso. Não, o rosto não parecia tanto com o da raposa, mas com o rosto de um elfo. Tratava-se com certeza de uma criatura mitológica vivendo nas florestas. Talvez um fauno. Apenas as olheiras escuras e as rugas empanavam a beleza do rosto. As rugas eram profundas, desagradavelmente marcadas em um rosto que, de outra forma, seria impecável.

Ele bateu no chão com o bastão. — Sábado à tarde, quando todos os meus

irmãos estão jogando futebol, eu estou indo para os meus números de mágica na festa de aniversário de algum menino rico.

— Ah, é mesmo? Então você é mágico de verdade?

— Seria um imbecil para andar de um lado para outro como ando se não fosse um mágico de verdade. — Mais uma vez, fez uma reverência com a capa. — Claro; como Houdini, Thurston, Blackstone...

— Então prove-o. — Em seu entusiasmo Rynn sorriu e percebeu que o rapaz vira seu dente quebrado. Falou quase com a boca fechada ao dizer: — Faça alguma mágica.

— Todos os meus apetrechos estão na minha bicicleta. — Estendeu a mão em direção a ela.

O que será que ele desejava?

— Ora, as chaves do carro! — Rynn teve um choque ao se dar conta da razão da presença daquele menino chamado Mario em sua casa.

Deixando-as cair nas mãos do rapaz, ela disse: — Eis as chaves, Mario, o Mágico!

O rapaz, mancando, dirigiu-se para a porta. — O que tenho de fazer é deixar o carro na estação. Evidentemente não com as chaves dentro. Alguém poderá abafar as chaves se eu as deixar dentro do carro.

Olhou para a menina, cujos olhos verdes o examinavam atentamente. As sardas eram muito escuras no seu rosto pálido. Sacudiu a cabeça para trás, espalhando os longos cabelos sobre os ombros.

— Você não compreende, não é? — Mario repetiu a palavra "abafar". — Quer dizer "roubar".

— E como é que meu pai vai fazer para conseguir as chaves?

O rapaz deu um suspiro que significava: "Como pode alguém ser tão burro?"

Era evidente que estava lidando com uma estrangeira, que também não era muito inteligente.

— Você é o seu pai, certo? A menina anuiu com a cabeça.

— Você sai do trem. Vê o carro. Mas... ele está trancado. Então o que é que você faz? Pergunte-se o seguinte: "Suponhamos que eu seja a chave do carro. Onde devo estar neste momento?"

— No guiché?

— Abracadabra!

Rynn sorriu, lembrou-se do dente quebrado e parou. — Você é um mágico!

— Ah! Eu sou até capaz de fazer desaparecer um frango inteiro! — Quando fazia a reverência a capa ondulava.

— Sei de onde você tirou o seu nome.

— É?

— Mario, o Mágico.

— É?

— Um conto — disse Rynn — de Thomas Mann.

— Mario é o meu nome verdadeiro.

— Então trata-se de um duplo passe de mágica. Prove então que você gosta do conto tanto quanto eu.

— Nunca o li.

Saiu pela bruma da tarde, levando o bastão à guisa de taco de golfe, para afastar as castanhas de seu caminho.

Rynn seguiu-lhe os passos, as mãos enfiadas nos bolsos do casaco de pelúcia, calcando as folhas sob os pés.

— Olhe — disse ele —, tenho de ir andando ou chegarei atrasado; de modo que vou ter de pôr a bicicleta dentro do carro para partir direto da estação.

Rynn olhava o pequeno bigode descolado. Ele ia falar, mas parou e franziu o lábio superior para fixá-lo no lugar. Pela primeira vez Rynn baixou os olhos para suas mãos. Eram pequenas, delgadas, não muito maiores do que as suas. Detestava unhas roídas e as dele iam até o sabugo.

— Você quer ir comigo até lá?

— Aonde?

— Até a estação.

— Tenho de ficar aqui.

— Muito bem. — O rapaz deu de ombros. Balançou o bastão, seccionando as corolas secas das zínias.

— Quanto você cobra para dirigir o carro?

— Meu pai disse que isso ficava por conta das boas relações com os clientes.

— Isso é muito gentil da parte dele.

— Não, não é. É como eu disse, relações com os clientes. Ele pode reaver isso com um novo carburador ou um outro troço qualquer. — Olhou para os galhos lá em cima. Ela teve a impressão de que ele queria perguntar mais alguma coisa e esperou.

— Sabe que você tem um dente quebrado? — Isso foi dito sem que Mario procurasse, com um simples sorriso, suavizar aquelas palavras. Declarou-o como um fato, sem dissimular, da mesma forma que havia dito ser aleijado.

— Como é que eu nunca a vi na escola?

— Eu não freqüento a escola.

— Não?

— Nunca fui à escola.

— Você tem alguma doença ou algo que a impeça?

— Por que diz isso?

— Se você tem uma doença incurável, ou outra razão qualquer? O que eu

quero dizer é que você precisa ter uma desculpa.

— Por que não vou à escola? — disse, tirando os cabelos do rosto. — A escola anula a personalidade.

— Se você nunca foi à escola, como é que pode saber? — Com a bengala espetou uma folha dourada, suspendendo-a para examiná-la melhor. — Para mim a escola faria muita falta.

Rynn também apanhou uma folha e ficou olhando para ela. — A única coisa de que eu *gostaria* é de assistir a um curso de educação sexual. Seria divertido ouvir como é que os americanos vão arrasar com o assunto.

Rynn ria, com as maiores precauções para não mostrar o dente quebrado. De repente, quisera não ter feito referência aos americanos, porque Mario se afastara dela. O coração bateu quando ele voltou. — Você quer saber de uma coisa? Se você não é mesmo inglesa, o seu modo de falar e tudo o mais, você é uma boba.

O rapaz foi mancando pelo meio das árvores, até chegar junto ao Bentley. Rynn o observou examinando o carro. Ele se voltou e acenou-lhe para ir até onde estava.

Qualquer coisa a impedia de passar por cima das folhas molhadas para chegar onde estava o carro.

— Venha até aqui — ele chamou.

Com os punhos enterrados nos bolsos do casaco, Rynn correu até o carro. Mario franzia o bigode, que pendia cada vez mais torto.

— Você disse que era o carro de seu pai.

— O que eu *disse* é que meu pai precisava dele na estação.

Os olhos negros de Mario fixaram-se nos dela. Rynn sustentou o olhar. O rapaz foi o primeiro a falar.

— Este carro é dela.

— O que quer dizer com isso? — Ela seguia com os olhos o seu hálito que se espalhava em névoa, como se quisesse mostrar a Mario que ela não dava nenhuma atenção ao que ele estava dizendo.

— Este carro é da Sra. Hallet.

— Ahn? — ela respondeu. Não era uma forma muito boa de esquivar-se ao que fora dito, mas, a seu ver, havia dado provas de total indiferença.

— É o Bentley da Sra. Hallet. Apenas cinquenta mil quilômetros rodados. Eu sei, porque é meu pai quem conserta o carro.

— Ela nos emprestou seu carro.

— Não, ela não o emprestou. — O rapaz não estava sorrindo. Sua tez tinha uma cor olivácea, muito comum à maioria dos italianos. Por que razão tinha ele aquelas olheiras escuras, tão fundas?

A menina olhou para o outro lado com o pretexto de tirar uma folha vermelha caída sobre o carro.

— Não — disse ele, insistindo na acusação.

— Você não pode ficar dizendo *não* assim. Você não sabe...

— Você pensa que está me enganando, não é? Mas o fato é que você não está.

A voz de Rynn tornou-se muito britânica, muito distante. — Se você não acredita em mim, entre e telefone para ela. Pergunte a ela. — Acrescentou, com atitude superior, como se estivesse habituada a dar ordens: — *Agora mesmo!*

— Ela nem deixa aquele seu filho nojento dirigir o carro. Nem mesmo o meu pai, nem quando ele acaba de consertar o carro.

— Bem, a meu pai ela deixa — disse Rynn, petulante. De repente mudou de tom. — Olhe aqui — disse —, você é realmente muito burro.

— Diga-me, você não sente dor na garganta falando assim?

A menina ficou rubra.

— Eu é que sou burro: e o que é que você pensa que é, se é você quem está me pedindo um favor?

A menina pegou a carteira no bolso do casaco e retirou algumas notas. — Tome aqui, cinco dólares.

O rapaz virou-lhe as costas, encaminhando-se para a árvore onde encostara a bicicleta.

— Já estou atrasado para o meu número de mágica.

— Seu pai lhe disse para dirigir o carro!

Com as mãos no guidão da bicicleta Mario levantou lentamente para ela os seus olhos pretos. — O que há com você?

— Nada. — Rynn teria dado tudo para que sua voz não parecesse tão desesperada.

— A que horas chega o trem de seu pai?

— Neste instante.

— Você está vendo? — Os olhos negros a fitavam com insistência. — Não há trem antes das seis horas.

— Escute só. Se o ofendi a respeito do dinheiro, peço-lhe desculpas. Mas o que estou dizendo sobre o carro é verdade.

— Não, não é verdade.

Desencostou a bicicleta da árvore. Ajustou a correia que segurava a bolsa de lona com a inscrição MARIO, O MÁGICO, dentro da qual estava o seu equipamento de prestidigitador.

Lá ao longe, em meio à névoa, um corvo se lamuriava.

Mario, atravessando a bengala no guidão, montou na bicicleta.

— Tenho que fazer meu número.

Rynn colocou o pé na roda da bicicleta para impedi-la de mover-se. — Depois você volta? Mario encarou-a frontalmente.

— Como?

Ela viu que o rapaz esperava que ela lhe contasse a verdade.

Estendeu a mão para lhe endireitar o bigode, mas ele desviou a cabeça.

— Vou endireitá-lo quando chegar lá.

Rynn fitou-o, por longo tempo, depois teve coragem de murmurar: — Preciso muito da sua ajuda.

Mario baixou os olhos para o guidão. Naquele momento parecia uma criança.

— Pode ser... quero dizer, depois do meu número.

— Você promete?

A bicicleta passou pela rua calcando sob as rodas as folhas juncadas no chão.

CAPÍTULO 9

O fogo crepitava na lareira. A pequena mesa estava posta para duas pessoas. Enquanto separava as folhas de alface, colocando-as uma a uma na travessa, Rynn, junto ao aparador da cozinha, olhava para a capa de Mario pendurada no cabide do vestíbulo e para a bicicleta encostada na parede. Carregando o telefone com o seu comprido fio para junto da lareira, o rapaz falava com a mãe. — O novo número de mágica foi um estouro. Ainda estou aqui na festa de aniversário. Convidaram-me para jantar. Apenas hambúrguer e Coca-Cola. Alguns garotos da minha classe estão aqui também.

Rynn cortou os tomates em rodelas na travessa. Olhava para a silhueta do rapaz que se destacava junto ao fogo. Não lhe havia pedido para não dizer onde estava, e ficou satisfeita porque ele nada disse.

— Diga a Tom que, para variar, ele *pode* levá-la para assistir àquele filme horroroso. De qualquer maneira, esta é a vez dele. Até logo.

Desligou, trazendo o telefone para a mesa da cozinha junto a Rynn.

— O chato de uma grande família é que você tem sempre de convencer seu irmãozinho a levar a chata da sua irmã para ver um filme idiota.

Com rapidez, segundo o rapaz, comparável a um passe de mágica, a menina cortava os pepinos em rodelas.

— Você não tem irmãos e irmãs?

— Não. — Pegou o azeite e o vinagre.

— Ah! Isso é algo que nem posso imaginar!

— Por favor, acenda as velas.

Havia esquecido o defeito físico de Mario, e só se lembrou dele quando o viu voltar mancando para junto da mesa. Pegou os fósforos na carteira de cigarros.

— Você fuma?

— Às vezes — disse ela, provando o tempero da salada.

— Não tem medo de câncer?

Ela não respondeu. Junto à mesa Mario acendeu as velas, colocando-as nos castiçais de metal. As duas chamas cresceram, refletindo-se nos copos.

Com os pés descalços a menina carregou a bandeja para a mesa. Vestira um cafetã branco, bordado de azul no pescoço e nas mangas, e, ao sair da sombria cozinha para aparecer na sala iluminada pelas chamas da lareira, sabia que estava linda. O orgulho a invadiu quando percebeu que Mario a contemplava com a maior admiração. Quando o fósforo começou a queimar-lhe a mão, ele a sacudiu rapidamente.

— Vestiu-se para jantar — disse.

— Tirei os *jeans*, foi só isso.

— Sua roupa é muito bonita.

Ela baixou os olhos para olhar sua túnica branca como se até então não soubesse que era muito bonita.

— Meu pai e eu a compramos no Marrocos.

— Eles lá fumam muito haxixe.

— Fazem muita coisa por lá. — Procurou mostrar-se uma pessoa muito vivida, aos olhos de Mario.

— Você já fumou haxixe?

A menina colocou a travessa na mesa.

— Inúmeras vezes.

— Realmente? — Mario não podia esconder sua admiração.

Julgando o pasmo e a admiração do rapaz excessivamente ingênuos, ela sacudiu a cabeça.

— Isto é, na verdade, não.

Rynn achou que sua sinceridade o poria à vontade. Ele se mostrava tão preocupado em parecer educado, esforçando-se de todas as formas para agradar e para fazer tudo certo... Bem-educado demais.

Suas maneiras eram tão forçadas que, lembrando-se do modo como pedira à mãe permissão para ficar na festa de aniversário, Rynn conjecturava se aquela noite não seria a primeira em que ele jantava fora do ambiente de sua enorme família italiana.

— Vamos, sente-se — disse Rynn correndo para a cozinha.

Entretanto Mario ficou de pé, como Rynn sabia que ficaria até que ela trouxesse as costeletas de carneiro, os brócolos com manteiga e as batatas com salsas. Afastou a cadeira de Rynn e, após várias manobras desajeitadas, que ambos esperavam que passassem despercebidas com as risadas, Mario conseguiu instalar a menina à mesa.

De frente um para o outro desdobraram os guardanapos e sorriram com algum constrangimento. Ela apontou para a gravata preta do menino.

— Você é muito formal.

— E você não é? — Apontou para o vestido longo.

Iluminados pelos candelabros, ambos se sentiram ingressando em um universo novo e excepcional de homens e mulheres que se vestiam para jantar, e o faziam à luz de velas.

— Precisamos de um pouco de música — disse Rynn. Correu ao estêreo e, quando o violão de Julian Bream

repercutiu pelo ambiente, Mario olhou deslumbrado para o ponto acima de sua cabeça, de onde partia o som. Rynn apagou todas as luzes, ficando a sala iluminada apenas pelas chamas da lareira e pelas velas.

— Quer vinho?

— E você, quer?

— Eu detesto vinho.

— Eu também.

Percebendo que Mario esperava que ela se sentasse e começasse a comer, Rynn deixou-se cair na cadeira antes que ele a auxiliasse. Fingiu que comia para que ele se servisse de brócolos e batatas. Eram mais fáceis de comer com garfo e faca do que as duas costeletas de carneiro. Rynn sabia que ele a observava, fascinado pela sua maneira de segurar a faca e o garfo, a qual, segundo os americanos, estava errada. Rynn estava encantada em demonstrar-lhe que, como uma boa inglesa, não tinha a menor dificuldade em separar a carne do osso.

Por longo tempo ficaram sentados sem se falar, num silêncio invadido pela música do violão. Mario conseguira afinal espetar com o garfo um pequeno pedaço de carneiro.

— Está muito bom — disse.

— Obrigada.

Rynn pegou no osso e começou a dar-lhe pequenas dentadas. Novamente, Mario a observou com atenção. Depois, seguiu-lhe o exemplo. Ela notou que ele desfrutava melhor do jantar agora que conseguia partir pedaços de carne maiores.

— Você é realmente uma excelente cozinheira.

— O que há de admirável nisso?

— Eu apenas queria dizer. . . pelo fato de você ter treze anos, e tudo o mais.

Rynn jogou no prato o osso de carneiro e o menino percebeu que dissera algo que a contrariara. Mas o que seria? Rynn olhou furiosa para ele. Mario parou de chupar o osso de carneiro.

— Você é tão ruim como todos os outros. Mario, prudente, nada disse.

— Quantos anos precisamos ter para que as pessoas nos tratem como gente? Cozinhar não é um trecho literário que a criança, pondo-se de pé, recita, ou um jogo de salão que realizamos para os adultos. Naturalmente que sei cozinhar.

— O que eu queria dizer é que nem todos os adultos sabem cozinhar.

— Qualquer um que saiba ler sabe cozinhar. Rynn tirou outra costeleta.

A crise teria passado?

— Minha mãe não sabe — disse Mario. — Ela *compra* molho de espaguete italiano. *Congelado!*

Olhou para a menina. Será que estava sorrindo? Gostaria que ela sorrisse.

— Por exemplo, nós temos as nossas piadas na família.

— Olhou-a por cima das luzes dos candelabros. — Você e seu pai se divertem contando piadas?

— Naturalmente.

— Bem, a nossa é a seguinte: Quando mamãe está na cozinha fazendo o jantar, costumamos dizer que o "jantar está degelando". E logo acrescentamos: "Mas mamãe não está".

A menina não riu.

— Falamos assim por causa da quantidade de comida congelada que ela usa.

— Compreendo.

O menino colocou a carne em seu prato, limpando no guardanapo os dedos engordurados.

— Essa piada é considerada daquelas de morrer de rir.

— Olhou para ela: — Os ingleses têm alguma lei proibindo o riso?

— A piada é muito engraçada — disse Rynn sem nenhuma convicção.

Mario jogou o guardanapo em cima da mesa.

— Merda.

O violão de Julian Bream evocava uma noite de verão na Espanha.

Por longo tempo Rynn ficou-se em silêncio, enquanto Mario comia os seus brócolos sem vontade. Então falou, e sua voz era quase um sussurro: — Mario, o Mágico?

— Sim?

— Obrigada; quer dizer, a respeito do carro.

— Está bem.

— Então coma a sua costeleta.

— Está excelente. Mas ela não comeu.

— Você não gosta de sorrir, não é? — Era evidente que agora era ele que desejava ser cruel. — Receia mostrar o seu dente partido?

— Sobre isso a preocupação é só da minha conta.

— Você pensa que eu ligo? Meu irmão mais velho quebrou *todos* os dentes da frente jogando futebol, e ele sorri, sorri todo o tempo, como um bobo.

— Coma sua costeleta.

— Está bem.

Pegou a carne com a mão.

— Eu não tinha certeza se você voltaria. — Rynn tirou um pedaço de cera que havia escorrido da vela.

— O seu grande complexo — disse Mario mastigando a carne — é que você não confia nos rapazes.

— E por que razão você agiu assim?

— Você está perguntando por que voltei?

— Não, a outra coisa.

— O carro?

— Você não era obrigado.

— Ah! Você sabe que não.

Mario reclinou-se na cadeira. Imaginava seu pai naquela mesma posição, à mesa do jantar, pedindo silêncio a fim de preparar a grande declaração do Homem Importante. Mas seu pai tinha uma vantagem, o charuto.

— Se você deseja saber mesmo, é, sobretudo, porque você pode ser muito inteligente: mas é boba. Escute, se você quisesse realmente tirar o carro dela da frente de sua casa, por que toda aquela confusão de levá-lo para a estação? Preste atenção, o golpe de magia é fazer algo tão simples e tão óbvio que ninguém repare.

— O que é simples e óbvio?

— Haverá coisa mais simples do que levar o carro para o lugar de onde veio? Você me disse que ela partira de carro do seu escritório.

Rynn sabia que não tinha meditado sobre essa particularidade do plano. Não, não se tratava de plano, mas de uma emergência, e ele a auxiliara. Ele fizera o que ela lhe pedira para fazer, o que achou que *podia* fazer. Entretanto, ela odiava não possuir um plano, não estar na posição de comando, não saber dos mínimos detalhes daquilo que havia sido feito.

— Alguém viu você deixar o carro no escritório da Sra. Hallet?

— Meu Deus! Você pensa que eu gostaria de ir em cana por ter abafado o mais precioso bem da velha Hallet? Se eu fosse tão burro para me deixar prender, ela me poria na prisão por oitocentos e vinte e sete anos. — Cruzou o talher sobre o prato, fazendo barulho. — Se não confia em mim, por que diabos não o fez você mesma? — Cruzou os braços. — Mas você não confia em mim o bastante para dizer-me *por que* eu fiz isso.

— Você fez para me ajudar.

— Foi... — O menino deu de ombros. De certo modo, a simples verdade agora não parecia mais suficiente para obscurecer o grande risco que correria. E depois, havia ainda uma outra verdade sobre a qual ele não falara, a de que ele não conhecia nenhuma menina que lhe pedisse para fazer qualquer coisa.

— Você devia ter introduzido as chaves pela caixa de cartas à porta do escritório.

— Não, não devia.

Rynn espetou a carne, depois pousou o talher no prato.

— Lá estava eu — disse Mario —, sentado no Bentley da Sra. Hallet em frente ao raio de seu escritório, num escuro dos diabos, procurando como um doido não ser visto por ninguém. Procurando não fracassar, dizendo com os meus botões: "Seja natural". É muito fácil de dizer e, de repente, uma idéia me ocorreu. Muito bem. Então, eu posso não saber por que a Sra. Hallet não voltou com o seu carro, mas de uma coisa eu sei: a Sra. Hallet jamais poria as chaves do carro em uma caixa de cartas. Não as poria lá para o nojento do seu filho as apanhar. Ela guardaria as chaves consigo, onde quer que estivesse.

— Ao partir você trancou as portas do carro?

— Todas. — Pôs a mão no bolso, tirou as chaves, sacudindo-as aos olhos da menina. — Elas estariam onde quer que ela estivesse, e, uma vez que você não me diz *onde*. . . pode pegar o raio das chaves.

Tilintaram no prato da menina, onde ele as deixou cair.

— Entregue-as a ela na próxima vez em que a vir.

Rynn pegou as chaves, balançando-as como se quisesse sentir-lhes a presença, e guardou-as na mão fechada. De repente, como se não mais suportasse aquela conversa de chaves, empurrou a cadeira e levantou-se.

— Estou com muita vontade de tomar vinho.

— Eu também — disse Mario, enquanto ela corria para a cozinha.

— Tinto ou branco?

— Qualquer um, exceto o tinto muito grosso.

A porta do armário bateu. Rynn correu para a mesa com uma garrafa de vinho.

— *Voilà!* Seja o anfitrião e abra-a.

— Muito elegante. Não tem uma cobertura de papel metálico. Apenas a rolha de cortiça.

Ela lhe deu o saca-rolha.

Ao introduzi-lo na garrafa, Mario parou de rir. Agora que não precisava olhar para ela, podia fazer-lhe a pergunta que ela não lhe tinha permitido fazer.

— Rynn...

— Com referência ao vinho, existe uma regra. Não se pode falar de coisas sérias.

Mario não se deixaria interromper com tanta facilidade assim.

— Você não disse por que. . .

Afastando-se da mesa, seus pés descalços deram uns passos de dança, enquanto suspendia os cabelos, empilhando-os no alto da cabeça.

— Querido — sua voz aflautada era uma paródia da mulher inglesa da classe alta, que a fizera rir, quando assistia a uma peça de televisão em Londres. — Este

vinho é de uma safra *extraordinária*, portanto sirva-o com *a maior, a mais* requintada devoção.

— Como é que se explica ela não ter voltado no carro?

Rynn insistia em continuar o jogo. Acenou na direção da garrafa. — É da safra de 1902.

— *Rynn?*

De repente, deixando cair os cabelos, sua voz se tornou surpreendentemente áspera e mordaz: — Já lhe *disse*. Você o fez porque lhe pedi.

— A julgar pelo seu tom, era uma questão de vida ou morte. Você disse que não teríamos tempo de falar sobre o assunto... naquele *momento*!

— *Você não era obrigado a fazer!* — A voz era estridente.

— Eu arrisquei a merda desta carcaça por sua causa!

Rynn considerou-o friamente: — Você apenas levou o carro de volta.

— *E por que não ela?* — Mario jamais se mostrara tão autoritário: — Olhe, é melhor você me dizer que diabo está acontecendo; porque se eu tivesse deixado o carro na estação, como você me pediu para fazer, todos na cidade o teriam reconhecido.

— Pensariam que ela tomara um trem para Nova York!

— Não, eles não pensariam isso. Todo mundo sabe que a Sra. Hallet detesta Nova York. — Percebeu o olhar fixo sobre ele. — Você não sabia disso, não é?

Rynn arrebatou a garrafa das mãos de Mario, derramando vinho na sua túnica branca. Encheu o copo e bebeu sofregamente.

— Tenho horror disto. — Pousou o copo na mesa com toda a força.

— Você não confia em ninguém, não é?

— Em meu pai.

O rapaz encolheu os ombros, tomando um gole de vinho. — Sim? Muito bem, boa sorte. — Olhando-a de relance, percebeu que ela não havia compreendido o sarcasmo. Deixou morrer a conversa, absorta. Encontrava-se a milhas de distância. Mario pegou a garrafa de vinho.

— Mais?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não gosta de vinho?

— Está muito ácido.

Como um desafio, ele bebeu mais.

— Mais uma costeleta de carneiro? — ela perguntou.

Ao responder, ele prestou atenção no efeito de suas palavras.

— E se guardássemos um pouco para seu pai?

— Já lhe disse. Ele só chegará a casa muito tarde.

— De qualquer modo, não vamos guardar um pouco para ele?

— Já disse, ele vai ficar em Nova York.

— Você nunca disse isso.

Os olhos de Mario não se desviaram dela. Levantando-se, Rynn foi à cozinha e trouxe mais carne. Espetou uma costeleta com o garfo, colocando-a no prato de Mario.

— Estou contente por você estar aqui — disse. Ficou em pé, atrás da cadeira dele. Mario não se virou para falar. Seus olhos se detiveram no osso já sem carne.

— Você já ficou sozinha antes?

— Centenas de vezes.

— Como todas as vezes em que fumou haxixe?

O estéreo parou. A um canto as garras de Gordon, mínimas e afiadas, prendiam-se nas grades da gaiola.

— Você não tem medo?

— De quê?

— De ficar só.

— Você nunca ficou só?

— Com onze irmãos? Ela sentou-se.

— Sua casa deve ser grande.

— O que nós temos — disse ele — é um punhado de quartos que costumavam ser um motel nos fundos da garagem. A única hora em que nos reunimos é ao redor da mesa, para comer os horrorosos jantares de mamãe. Queria que você nos visse. É verdade. Uma coisa sórdida!

— Doze meninos, mais a mãe e o pai enchendo a barriga? Tenho horror dessas coisas!

Ele pegou uma costeleta de carneiro e começou a comer até chegar ao osso.

— É melhor do que ficar só. — Rynn levantou-se e foi até a lareira. — Nunca menos ocioso do que quando não se faz nada, nunca menos só do que na solidão total.

Não parecia estar conversando com ele, e sim tentando se tranquilizar. Mario deu de ombros e começou a examinar o osso, como se quisesse demonstrar não estar impressionado.

— Foi Cícero que disse isso — declarou ela.

— Ah! sim? Eu não perguntei o que Cícero disse. Minha pergunta foi à seu respeito.

— Cícero e eu estamos de acordo.

— Quanto a ficar só?

— Isso mesmo.

Mario voltou-se um pouco na cadeira. A menina tinha os olhos fixos nele. — Não acho que isso seja normal.

— Talvez não seja para você.

— Suponha que você esteja aqui sozinha e alguma coisa aconteça...

— O quê, por exemplo?

— Coisas, coisas acontecem. Como aquela velha em Sag Harbor que foi encontrada morta, estrangulada com uma meia-calça.

Mario olhou Rynn, para ver se ela estava sorrindo. Não havia nenhum sorriso naquele rosto pálido que fitava intensamente o fogo.

Dirigiu-se para a janela da frente e através das cortinas olhou para a noite escura.

— Você tem uma lâmpada lá fora. Sabia disso?

— Nunca reparei.

No vestibulo Mario encontrou um painel de interruptores. Mexeu neles, até surgir lá fora um foco de luz.

— A partir de hoje deixe esse foco de luz aceso durante a noite, está bem?

— Sim, *está bem*. Mario voltou para a sala.

— Muito obrigada.

— De quê?

— Por se preocupar.

— Como já disse, tudo bem. — Foi à janela e olhou para fora. — Você tem um revólver?

— Não.

— Devia ter.

— Meu pai diz que ter um revólver é muito mais perigoso do que não ter.

— O meu tem um revólver.

Rynn foi até o canto onde Gordon arranhava a gaiola.

— Vocês, americanos, são muito violentos.

— O que é que você quer que eu faça?

— Acabe o seu jantar.

Mario dirigiu-se para a mesa, mas, em vez de voltar para o seu prato, pegou o guardanapo, enrolando-o na mão fechada. Com o dedo cheio de cinza da lareira traçou dois olhos e uma boca sobre as falanges, criando assim uma marionete que ele aproximou do rosto de Rynn. A boca se abriu e uma voz de velha falou com um sotaque francês: — *Mademoiselle*, o jantar estava delicioso. *Merci*.

Rynn inclinou-se e falou com a marionete: — Só que a comida não era francesa, e sim inglesa.

A voz da mulher sofreu uma total transformação, o rosto se modificou, a boca desdentada começou a falar com um acento inglês tão perfeito, que Rynn aplaudiu.

— Ah! Ah! Não diga! Mas agora sou *eu* quem diz que você está *absolutamente* maravilhosa!

A menina desatou a rir. No entanto, Mario ainda teria de esperar muito tempo até vê-la irromper em gostosa gargalhada.

— Você é extraordinário — disse ela aplaudindo.

— Faz parte do meu número. O chefe do espetáculo sou eu.

Ela correu à gaiola e pegou o rato. — Você precisa de uma platéia maior: apresento-lhe o Sr. Gordon.

— Muito prazer em conhecê-lo, Gordon — disse o punho de Mario no papel de dama inglesa.

Rynn beijou o bichinho. — Você não acha Gordon um amor?

— Um amor! — O punho de Mario acenava para Gordon. — Eu amo Gordon.

Mario desenrolou o guardanapo da mão, jogando-o em cima da mesa. Limpou a cinza das costas da mão e estendeu-a para pegar Gordon.

— Posso?

Rynn, hesitante, segurava o rato.

— Pelo menos você pode me confiar o bichinho... Ela entregou o ratinho a Mario. — Você tem algum bichinho de estimação?

— Só meus pais.

— Ótimo! — disse ela rindo.

— A quem regularmente dou de comer e de beber.

— Isto lhe dá senso de responsabilidade.

Ambos riram e Rynn beijou o focinho róseo de Gordon. O rapaz levou o rato para a mesa. Os bigodes do animal fremiram quando Mario pegou uns pedacinhos de carneiro. Lado a lado, observando Gordon, que mordiscava tudo o que encontrava, tiveram consciência de sua intimidade. Nenhum deles fez o mínimo movimento.

— Se eu lhe disser por que sou aleijado, você me conta o que houve com o carro?

A menina não desviou os olhos de Gordon.

— Não — disse.

— Eu tenho tantos irmãos que minha mãe até se esqueceu de quem havia tomado vacina contra a pólio.

— Isso é para rir?

— Agora você precisa me dizer o que houve com o carro.

Rynn se afastou do rapaz. Já criava uma outra personalidade. Não era mais a grande dama londrina, mas uma criatura do povo, uma *cockney*.

— "Nunca tive irmãs ou irmãos. Meu pai era tão pobre que tínhamos de usar jornais e até velhos manuscritos à guisa de fraldas."

— Você faz tudo para não contar a verdade, não é?

— Você quer tomar sorvete? Tenho um delicioso, de pêssego.

— Não agüento comer mais nada.

— Gordon também não. Olhe só para ele. — As patinhas rosadas arranhavam o tampo da mesa até as bordas, os olhos fixos na menina. Rynn estendeu a mão e pegou o bichinho. — No carro.., — começou, com ar despreocupado.

— O carro *dela*? — Mario estava determinado a não permitir que ela se esquivasse. — Um carro todo estofado de couro. O que eu quero dizer é que você não encontra a qualquer momento um carro daqueles.

— No carro dela... — Ela punha Gordon na gaiola, e não permitiu que Mario a interrompesse: — ...você deixou suas impressões digitais? — Quando Mario saiu mancando para buscar a capa no vestíbulo, ela, mais uma vez, Viu-o chocada. Já se tinha esquecido de que ele usava bengala, viu-o calçando as luvas que tirara do bolso. Agitando as duas mãos enluvadas, veio claudicando até onde estava Rynn.

— Rápido! Nada de impressões digitais!

— Mario, o Mágico!

Abriu os braços como um artista no palco apresentando-se à platéia. — Em carne e osso! — Deu uns passos de toureiro atirando a capa sobre os ombros. Rynn aplaudiu animada.

— Faça um passe de mágica!

— Senhoras e senhores, farei agora um automóvel desaparecer!

A menina deu umas pancadinhas nos lábios para reprimir um bocejo, suspirando aborrecida. — Mas você já fez esse.

— Então olhe. Vou desaparecer!

— Você acha que pode?

— O maior mágico do mundo? Feche os olhos e conte até três.

— Muito bem — disse Rynn. O rapaz não se moveu.

— Feche-os bem. Pronta? Rynn assentiu com a cabeça.

— Um — disse Mario olhando em redor e vendo o jogo. Dois — gritou, enquanto corria em volta do divã, desaparecendo em seguida. — Três. — Sua voz sepulcral e desencarnada ecoou no aposento. — Pode abrir os olhos.

- Rynn olhou em volta. Ria e batia palmas, aplaudindo.

Súbito, estacou o riso.

— Mario? — Tinha leve apreensão na voz. Não se moveu — Você não vai reaparecer?

Por alguns instantes a sala ficou em silêncio, mas logo um grito agudo e temeroso se fez ouvir.

— *Mario*?

Olhou por todos os cantos da sala. Correu até a escada que dava para o segundo andar.

— Mario?

Chegara à porta do escritório e já ia virar a maçaneta quando Mario, pulando de

trás do divã, abriu o guarda-chuva da Sra. Hallet, erguendo-o bem alto.

— Mary Poppins em pessoa!

Para Rynn toda aquela brincadeira de fingir que estava com medo, a excitação de alguns momentos, tudo acabara num instante. Precipitou-se sobre o rapaz. Sua voz era um grito lancinante.

— *Dê-me isso!*

Entretanto Mario, ainda imbuído da excitação daqueles minutos, não percebeu que para Rynn o jogo terminara e riu ao ouvir seu grito. Quando ela lhe pediu o guarda-chuva, ele achou que ela se preparava para uma nova brincadeira. Provocando-a, apontou-lhe o guarda-chuva e o abria e fechava bem junto dela. Escarnecia e zombava.

— Venha buscá-lo!

A menina correu ao divã, agarrando o guarda-chuva com ambas as mãos, porém Mario o sacudia, tirava-o do seu alcance. Andando aos trancos por cima do divã, ela procurava agarrá-lo.

— Basta! — A voz era dura, os braços estendidos.

Como um animal selvagem em luta encarniçada, as pregas listradas do guarda-chuva se abriam e fechavam diante dela.

Descendo do divã, empurrou o rapaz para junto da lareira, onde estava a gaiola de Gordon, que arranhava as grades. Quase irrompendo em lágrimas, Rynn agitava os braços e as mãos no ar, como uma criança num jogo de esconde-esconde, cansada, frustrada, procurando agarrar, arranhar, num paroxismo de raiva.

— *Dê-me isso!*

Com uma gargalhada Mario conseguiu escapar do canto onde estava, passando rápido diante de Rynn em direção à mesinha do café. Naquele instante a bengala escorregou e ele se estatelou no chão. Rynn precipitou-se sobre ele e pegou o guarda-chuva. Agarraram-se e, lutando, conseguiram se levantar. Levando os braços da menina para trás, Mario imobilizou-a de encontro ao seu peito, impossibilitando-a de qualquer movimento. A capa de Mario caiu em cima deles, enquanto Rynn se contorcia freneticamente numa tentativa desesperada para pegar o guarda-chuva.

O fogo crepitava na lareira e as velas, reluzentes, impeliam as sombras para os cantos da sala. Através das cortinas via-se lá fora o foco de luz iluminando a janela da frente.

Rynn lutou para se livrar dos braços de Mario, que a retinham, porém nada se movia além do fulgor ondulante das chamas.

Rynn foi a primeira a ver. Mario sentiu-a tensa nos seus braços, o corpo gélido. Uma sombra perpassou através das cortinas.

— Psiu... — sussurrou Rynn. — Escute.

— Há alguém lá fora!

Depois que Mario a soltou, ela agarrou o guarda-chuva e, sem qualquer ruído, levantou a tampa da caixa de lenha e o atirou lá dentro. Sem fazer ruído fechou a tampa. Ambos se afastaram rapidamente da janela.

Mario se esforçava para ouvir o que havia lá fora, o que fizera com que a menina, e depois ele próprio, ficassem transidos de medo.

Ela tornou a falar baixinho: — Apague as velas! — Aproximando-se da mesa Mario apertou as chamas. Agora apenas o fogo na lareira iluminava com luz vermelha e fraca a sala imersa na escuridão. Deixou-se cair no chão ao lado da menina, e os dois ficaram encolhidos diante do fogo.

Ambos não tiravam os olhos da janela.

Então viram aquilo que mais temiam ver.

CAPÍTULO 10

Quanto tempo ficaram assim encolhidos, agachados — minutos, horas —, com a respiração opressa, os olhos fixos nas cortinas? À medida que os minutos passavam e que as batidas do coração se normalizavam, tendiam cada vez mais a acreditar que aquelas sombras eram apenas fruto de sua imaginação.

Rynn foi a primeira a levantar-se. Mario, em seguida, pôs-se de pé e o único ruído que se percebeu, quando se dirigiam para a janela, foi o da bengala. O rapaz ergueu a mão para afastar as cortinas.

— Cuidado. — A voz de Rynn era velada. Encostaram o rosto no vidro frio da janela.

— Conseguiu ver alguma coisa? — perguntou ela.

Seu hálito embaçou o vidro, que ele limpou com a capa.

— Lá, na rua.

— O que é? — Ela se esforçava para enxergar através dos galhos secos. O rapaz afastou Rynn de junto das cortinas, que retomaram sua posição normal.

— É o carro da polícia.

Rynn deixou-se cair contra ele com um suspiro de alívio. Mas logo depois, como se não ousasse acreditar no que ouvia, afastou-se para espiar novamente lá fora.

Mancando, Mario foi até o vestíbulo e acendeu a luz.

Rynn correu para junto 'dele. Na porta, reteve um grito, pois no momento em que estendia a mão para o trinco uma batida ecoou do outro lado da porta.

— Você vai abrir ou quer que eu o faça? — Mario perguntou.

— Pode abrir.

— Será melhor você abrir, quero dizer, a casa é sua...

— Você tem certeza de que é a polícia?

Mario sacudiu a cabeça afirmativamente.

Rynn esperava ver alguém fardado. Quando deparou com aquele homem alto,

de blusão xadrez preto e branco e calça cinza, não o reconheceu.

— Ei! — gritou Mario, que estava atrás da menina.

— Você sabe quem é este? Meu tio Ron!

Quando o policial Miglioriti sorriu, Rynn se certificou de que era realmente ele. Sorria com aquele mesmo sorriso que, no rosto de Mario, ficava ainda mais bonito.

— Olá! — respondeu a menina estendendo a mão para o homem. Sem se voltar para Mario ela explicou: — Já nos conhecíamos. — Ao fazer sinal para que entrasse, afastando-se da porta, mudou-se logo em anfitriã.

— Não quer entrar?

O olhar de Miglioriti dirigia-se também a Mario, que ainda usava a capa preta. Admirando profundamente sua segurança de uma pessoa adulta, Mario observava Rynn.

— Estávamos neste momento tomando um pouco de vinho. — Falava com o tom da mais perfeita anfitriã inglesa.

— Não quer nos acompanhar?

Miglioriti correu os dedos pela basta cabeleira negra.

— Não, obrigado.

Mario, que havia tirado a capa, perguntou ao tio: — Você está de folga, não está?

Vendo a mesa posta para dois, Miglioriti olhou para o menino.

— O que aconteceu? — Mario falava com o ar de troça que nos Estados Unidos, como Rynn observara, a mocidade usava ao falar com os mais velhos, um tom de familiaridade que raramente se ouvia na Inglaterra. — Quero dizer, é sábado de noite... — O tom do rapaz era quase de mofa. — Sua coleguinha dos fins de semana lhe deu o bolo?

Miglioriti, sem mostrar-se chateado, declarou simplesmente: — Ela está me esperando lá fora no carro.

Ao lado de Rynn, Mario fazia um gesto com a mão, descrevendo curvas. — O tipo que ele gosta são aquelas que parecem ter sido enchidas com bomba de bicicleta.

— Convide-a para entrar — disse Rynn.

— Não posso demorar. — Miglioriti olhou outra vez para o rapaz. Será que ele estava aborrecido por não poder ficar a sós com a menina?

— Talvez só um pequeno gole de vinho?

— Só meio copo.

— Você pensa que a Srta. Belas Curvas vai esperar? — disse Mario com um risinho irônico.

Os três caminharam para a mesa, onde Rynn serviu a Miglioriti um copo cheio de vinho; ele agradeceu.

Por uns dez bons segundos fez-se silêncio, enquanto o policial olhava para os pratos na mesa, os ossos de carneiro, os brócolos frios.

— Ela me convidou para jantar — explicou Mario. — Foi realmente extraordinário, foi ela quem fez tudo.

Miglioriti pegou a garrafa de vinho. Olhou para ela como um investigador dos romances policiais procurando um indício de algo que o pudesse orientar.

— Você gostou do vinho, não gostou? — o oficial perguntou ao rapaz.

— O que você vai fazer? Pôr a gente em cana por não termos idade para tomar bebidas alcoólicas?

A observação foi dirigida apenas a Mario:

— Você tem sorte por eu não sentir cheiro de "erva".

— Você tem alguma aí? — Mario ria, mostrando os dentes, virando-se para Rynn com um olhar cúmplice.

Agora Miglioriti se dirigia também à menina: — É como eu ia dizendo, não é? Nenhum respeito pela lei.

O menino jogou a capa no divã. — Olhe só quem fala de respeito, quem está sempre usando o carro da polícia para seus negócios particulares. — Mario, sabendo que estava levando a melhor, permitiu-se um riso largo.

— Vá se queixar da corrupção da polícia! — disse Miglioriti, que, bebido o vinho, colocou o copo na mesa. Notou os dois lugares.

— Só vocês dois?

— O pai dela está dormindo — respondeu Mario, talvez um tanto rápido demais: os olhos de Rynn se fixaram nele por uma fração de segundo.

Mais uma vez Miglioriti falou de uma maneira que mal ocultava o tom inquiridor do detetive diante de uma pessoa suspeita. — Você conheceu o pai de Rynn?

Como se quisesse deixar bem claro que o rapaz podia responder por si mesmo, que era livre de responder à pergunta do tio como bem entendesse, Rynn se afastou da mesa e foi para o divã.

Mario pegou a garrafa e encheu um copo de vinho.

— Claro que sim.

Rynn sentiu o coração apertado.

— Ele jantou com vocês?

— O que lhe parece? Aonde quer chegar com tudo isso? — Sentou-se e bebeu. Sabia que o policial esperava uma resposta mais direta.

— Ele não jantou?

— Estava tão cansado que foi se deitar.

— Imaginei que você havia dito que ele estava no seu escritório trabalhando.

— Eu não disse isso, disse que ele estava dormindo.

Miglioriti voltou-se para Rynn. — Muito bem. Foi Rynn quem disse que ele estava trabalhando.

Ela acrescentou: — Isso foi hoje à tarde. Quando terminou sua tradução, foi levá-la à cidade.

— Duas viagens no mesmo dia — acrescentou Mario. — É muito fatigante.

Miglioriti estava agora diante do estêreo. Leu o nome dos discos. Virou-se e passou a vista pela sala. — Jantar para dois, à luz de velas. Vinho. Muito romântico.

Por cima do copo de vinho Mario olhou para o tio, mas foi com Rynn que ele falou.

— Porque ele é praticamente um maníaco sexual, ele pensa que um cara ainda nem bem terminou o jantar com uma menina e já tem de lhe saltar em cima.

Miglioriti voltou-se para Rynn com seu maravilhoso sorriso.

— São palavras... — A observação de Mario, com ares de homem cético e vivido, foi dirigida a Rynn, na expectativa de que o tio a ouvisse caso já não estivesse muito velho para aprender: — . . .os italianos falam *muito* em sexo...

Miglioriti ergueu a mão. Bastava de brincadeira.

Rynn percebeu que o homem estava muito sério. Enquanto esperava que ele falasse, preparava-se para mais perguntas sobre seu pai. O policial certamente gostaria de saber por que razão ela estava sozinha. Estava preparada. Mas não para o que Miglioriti falou: — Frank Hallet telefonou.

Aquele homem enorme andou até a lareira para aquecer as mãos.

— Mais ou menos à seis horas. Estava muito preocupado por causa da mãe. Disse que ela não havia voltado para casa. Tornou a telefonar às oito.

— A velha Sra. Hallet — disse Mario — provavelmente está alcovitando pelas casas.

Miglioriti olhou para Rynn. — Mario não gosta dos Hallet.

— Será que alguém gosta?

— Os outros Hallet — respondeu o homem.

— Não é verdade. Conte-lhe por que ele teve de se casar.

— Não seja estúpido.

Mario caminhou para o divã levando o seu copo de vinho. Voltando-se para Rynn, disse:

— Pergunte-lhe a respeito da época em que ele tentou prender Haliet porque levava meninas para o mato. Depois disso, sua mãe se livrou dele casando-o com uma empregadinha de bar com dois filhos. Para provar que ele era normal.

— Você é um estúpido.

— E o que ele tentou fazer com aquela garota do ginásio, aquela com umas tetas enormes!

— Se você contar essa história mais uma vez, eu quebro a sua cara.

Com o copo de vinho na mão Mario estourava de tanto rir.

— Normal, ele? Ah, ah! Tão normal como uma nota de três dólares!

Miglioriti obtivera de Mario tudo o que queria. Deixou isso bem claro ao dirigir-se somente a Rynn.

— Quando Hallet telefonou às seis horas para dizer que não conseguira encontrar sua mãe, pensei que ela estivesse ocupada, como disse aqui esse malandro do Mario, mostrando uma casa a algum cliente. Quando ele telefonou às oito, comecei a achar que algo estava errado.

— Como é que você sabe que ela ainda não chegou a casa? — disse Mario, que não desejava se ver excluído da conversa.

— O Bentley dela está em frente ao escritório.

— Talvez tenham saído no carro do cliente.

Rynn teve vontade de virar-se para Mario a fim de demonstrar-lhe a confiança que aquela resposta lhe dera.

Entretanto as palavras de Miglioriti vieram dissipar aquele sentimento.

— Se você conhecesse a Sra. Hallet, saberia que ela nunca anda no carro de um estranho. Sempre usa o dela. Pergunte-me a razão e eu posso dizer qual é.

— Tem medo de ser violentada? — Mario falou com ironia.

— Ela leva o seu próprio carro porque, a seu lado, no assento da frente, ela traz um Magnum 45.

Mario deu de ombros, mostrando que não se impressionara. — Ela tem licença? Aposto como não tem. Prisão para ela!

— *Zitti!*

— "*Zitti*", em italiano, quer dizer "cale-se". — O rapaz bateu no ombro de Rynn. — Está vendo? Que brutalidade a da polícia! — E, virando-se para o tio, disse: — Tenho uma testemunha.

Novamente, Miglioriti procurou ignorar o sobrinho e falar apenas com Rynn. — Hallet me disse que você telefonou. Falou-me em qualquer coisa relacionada com a vinda de sua mãe até aqui para apanhar uns potes de geléia.

Tanto Miglioriti como Mario aguardavam a resposta.

— Aqui estão eles, à espera dela. — A menina dirigiu o olhar para a caixa encostada na parede. Miglioriti pegou a caixa, abriu a tampa. Os vidros tilintaram quando ele empurrou a caixa com o pé.

— Depois de telefonar — disse a menina —, não saí de casa. — Procurou recapitular. A verdade é que apenas saíra de casa para um pequeno passeio. Não, ninguém a vira, exceto os meninos que vinham do jogo, e o carro deles não passou tão perto para que pudessem lembrar-se dela. A mentira pegaria. — Fiquei aqui o tempo inteiro.

— Há mais ou menos meia hora — continuou Miglioriti —, liguei para Hallet.

A mulher dele me informou que a Sra. Hallet ainda não chegara a casa.

— Então você veio procurá-la aqui? — perguntou Mario.

Por muito tempo nenhum dos dois pensou que o policial fosse responder à pergunta.

— Não, vim aqui porque temi que Rynn estivesse só.

Agora era Mario que se perguntava em quê os dois estavam pensando.

— Você acreditou que aquele crápula pudesse vir até aqui?

Miglioriti passou os dedos grossos por entre os cabelos. — Então tomei o carro-patrulha. Está satisfeito, seu chato?

Mario estendeu as mãos como fazem os mágicos para mostrar que não escondem nada. — Só que ela não está sozinha.

— Talvez eu não passe de um policial, mas tenho olhos.

— Obrigada — disse Rynn.

Miglioriti pôs mais um pouco de vinho no copo.

— Tudo em ordem?

— Tudo — disse a menina.

— Tio Ron?

O policial bebeu o vinho e colocou o copo na mesa.

— Já sei. Você não quer que eu diga à sua mãe e ao seu pai que você esteve aqui.

— Se você não disser — o rapaz riu —, isso significaria o imediato colapso da civilização ocidental?

— Se precisa de minha ajuda, não seja atrevido.

Mario espalmou a mão de encontro ao peito... como o inocente acusado injustamente.

— Quem é o imbecil?

O policial dirigiu-se a Rynn: — Não sei. Talvez *you* possa lhe ensinar boas maneiras.

Súbito, Mario parecia uma criança falando: — Você não vai contar nada a papai e mamãe. Eles pensam que estou na festa de aniversário...

— Foi isso o que você lhes disse? Você já se denunciou. — Miglioriti já sorria novamente, mas o sorriso era unicamente para Rynn.

— Tenho em vista evidentemente uma causa justa. Quero dizer, sobre a Sra. Hallet, gostaria muito de ter sua colaboração na medida do possível.

— Eu sei — disse Rynn, tão séria quanto ele. — Só desejaria *poder* ajudar...

Satisfeito ou não com a resposta, Miglioriti nada mais tinha a dizer. — Obrigado pelo vinho.

Encaminhou-se rápido para a porta e saiu.

Rynn correu ao seu encalço, gritando do alpendre: — Boa noite! — No frio da

noite sua voz virou névoa e Mario puxou-a para dentro. Fechou a porta, colocando um dedo nos lábios em sinal de silêncio. Ficariam assim o tempo suficiente para o policial chegar até o carro e partir.

Quando ouviu o barulho do motor, Mario então deu vazão ao seu temor.

— Que coisa! Como é que você se sentiu? Com muito medo, não? Quero dizer, não era...

Mas Rynn se afastou dele e, aparentemente calma, serviu-se de um copo de vinho. Estendeu-o a Mario, que o agarrou e sorveu o vinho avidamente.

— Como é que um camarada vai saber quem está lá fora? Como?

A menina pegou de cima da mesa os pedaços de cera que haviam caído dos candelabros.

— Não havia razão para ter medo.

Pestanejando, Mario meneou a cabeça, querendo mostrar que não acreditava na absoluta calma dela.

— Agora você diz isso, mas que medo você teve! Você estava completamente sem jeito de tanto medo.

Por que razão não desejava ela compartilhar com ele a emoção daquele momento? Mario jogou a capa sobre os ombros e pôs a cartola na cabeça enquanto balançava o bastão mágico.

— Você gostou do modo como fiz seu pai desaparecer?

— Você mentiu.

— Não seja besta. O que queria que eu fizesse?

Não podia compreender por que ela se negava a compartilhar seu entusiasmo, por que não lhe dava crédito pela maneira como suportou o interrogatório do tio.

Irado, ajeitou a capa, colocou a cartola de lado, batendo com a bengala no chão. Caminhava em direção à porta quando Rynn disse: — Aonde pensa que vai? — Talvez procurasse dominar o pânico, mas a voz não traía essa vontade.

Ele nem se voltou para responder. Sabendo que estava sendo observado em seus mínimos passos, valeu-se da bengala para andar da melhor maneira possível diretamente até a porta.

Rynn correu atrás dele.

Mario virou-se, os lábios abertos em amplo sorriso.

— Eu a estava apenas testando. Você não deseja realmente que eu me vá, não é?

Rynn balançou a cabeça, não queria que se fosse.

— Perfeitamente — disse Mario com o tom de voz o mais inglês possível. Quando seu braço a enlaçou, Rynn deitou a cabeça para trás e irrompeu em risadas que se transformaram em sonoras gargalhadas. Sabia que ele via seu dente quebrado, mas continuou a rir. Então Mario também irrompeu em franca risada e ambos riram

até caírem nos braços um do outro, ficando assim estreitamente unidos.

Mario foi o primeiro a se recompor.

— Ouça!

Rynn também ouviu uma batida na porta. — Deus! — disse num sussurro — ele voltou.

Rynn parou na porta com a mão no trinco. Fez um sinal a Mario para deixá-la lidar com o policial.

Abriu-a de par em par.

Frank Hallet estava em pé na soleira da porta.

CAPÍTULO 11

Na tentativa louca para controlar o medo Rynn procurava compreender o que havia acontecido. O policial entrara por aquela mesma porta e saíra com o carro pela rua. A sombra que viram no jardim não era a de Miglioriti. Durante todo o tempo que estivera na casa, tomando vinho na companhia dos dois, Hallet já se encontrava nas imediações. Estivera esperando.

O homem à porta ajeitava as longas mechas de cabelo sobre a calva reluzente.

Os olhos azul-desmaiados traíam surpresa à vista da bicicleta no vestíbulo; dirigiram-se à sala e fitaram o rapaz de capa de seda preta.

Mantinha-se imóvel. Atrás dele, lá fora na noite escura, os galhos secos balançavam ao vento e se chocavam com fortes estalidos.

A menina rezava para que o homem não percebesse o tremor de suas pernas sob o vestido branco. Ela, normalmente tão rápida nas ações, tão calma, tão inventiva nas respostas, se sentia paralisada, incapaz de dizer qualquer coisa. Ao ouvir o barulho da bengala de Mario no assoalho, e lembrando-se de que, ao contrário de todas as outras noites, ela não estava só, abençoou-o em silêncio.

Mario, auxiliado pela bengala, foi caminhando até se pôr ao lado dela.

Hallet agiu primeiro.

Não fez nenhum sinal, nenhuma ameaça, não pronunciou nenhuma ordem; mas à medida que seus passos avançavam no vestíbulo, Rynn e Mario iam recuando. Hallet estava ali. Nada mais precisava fazer para demonstrar a eles que era o dono da casa. Ao forte cheiro de água-de-colônia Rynn reprimiu um gesto de náusea.

As mãos de Hallet, normalmente róseas, estavam agora vermelhas e brilhantes com o frio intenso. Esfregava-as procurando aquecê-las. Olhou intensamente para a bicicleta, como se jamais houvesse visto tal objeto dentro de uma casa.

Rynn e Mario recuavam para o interior da casa, moviam-se quando o homem se movia, e tropeçavam ao avanço dele.

Ao pisar o tapete ele parou. Retirou do bolso o pequeno tubo de pomada e

untou os lábios grossos. Da mesma forma que olhara para a bicicleta, repassou os olhos pelo aposento, focalizando primeiro o divã, depois a cadeira de balanço, a caixa de lenha e a mesa como se fora a primeira vez que via tais objetos. Quase inconscientemente alisou com os pés uma dobra no tapete. Um passo mais, já estava junto à parede onde se encontrava a caixa de papelão. Tocou-a com a ponta do sapato de camurça. Os potes tilintaram.

— Potes de geléia? — perguntou sem se voltar para olhar a menina.

Rynn meneou a cabeça, confirmando.

Junto à mesa pegou um dos candelabros de metal, enquanto um dedo vermelho esmagava a cera ainda quente. Examinou atentamente o objeto antes de recolocá-lo em seu lugar na mesa ao lado dos pratos, copos de vinho, guardanapos manchados e amarrotados.

— Jantar apenas para dois?

Desabotoou e retirou o impermeável, jogando-o para o rapaz, que ficou surpreso. O paletó era do mesmo tecido grosso do casaco de sua mãe. A gola alta do blusão olímpico fazia uma dobra debaixo da papada. A calça de flanela estava bem mais amarrotada do que a da noite de Halloween e os sapatos de camurça bem mais enlameados.

Nenhum dos jovens respondeu à pergunta. Aparentemente não esperava resposta, pois se inclinou para a mesinha de café e para a caixa de cigarros. Com um gesto lento tirou um Gauloise e o segurou entre os dedos. Deliberadamente estendeu a mão na direção de Rynn, até que ela se viu obrigada a recuar para evitar que o cigarro lhe tocasse o rosto.

O que desejava o homem? O que esperava dela? Hallet farejava o ar. Virou a cabeça mas não conseguiu descobrir o que buscava.

— Seu pai não estava fumando?

Essa pergunta seria igual à primeira, ou agora esperava uma resposta?

Hallet sentou-se na cadeira de balanço. Estalou os dedos em direção ao rapaz.

Mario, ainda segurando o impermeável, caminhou, mancanelo, até a mesinha. Encontrando a caixa de fósforos, entregou-a ao homem. Ele sacudiu a cabeça. *Não.*

O menino acendeu um, levando-o até onde estava Hallet.

Hallet inalou a fumaça, deixando-a subir em lentas espirais que lhe envolviam o rosto, imóvel como o de um ídolo diante do qual ardia incenso. Balançava-se devagar.

No exato momento em que Rynn se perguntava se o homem não ia falar, ele se ergueu da cadeira de balanço.

— Está frio — disse, dirigindo-se para a caixa de lenha a fim de retirar uma acha e queimá-la na lareira. As mãos pousaram na tampa. Reprimindo um grito, Mario olhou para Rynn. Viu que a menina, rígida de frio, olhava para a caixa,

temendo o instante em que o homem levantaria a tampa e encontraria o guarda-chuva listrado.

Adiantando-se, Rynn empurrou Hallet e acercou-se da lareira.

— Deixe-me pôr uma acha no fogo. — Sua voz não deixava transparecer as emoções, Mario bem o sabia.

Hallet deu de ombros, e ouvindo o ruído das unhas de Gordon arranhando as grades da gaiola, aproximou-se do canto da sala.

Mario se postou diante da lareira para impedir que Hallet visse a caixa. Apanhando as achas com a ajuda de Rynn, atirou-as na lareira; remexeu as brasas para reativá-las. Rapidamente, a menina fez uma manobra para passar diante de Hallet, indo sentar-se sobre a caixa de lenha. O cheiro de fumaça era forte.

O homem tirou de dentro da gaiola o rato, que se debatia.

— Gordon?

Rynn fez que sim com a cabeça.

— Você ama Gordon?

Rynn, da mesma forma, tornou a concordar.

— Fiz uma pergunta.

— Sim.

— Sim o quê?

— Sim, eu amo Gordon. — A voz era amarga e fria como a noite lá fora.

De Gordon só se via a cabeça, emersa da mão vermelha que o segurava com firmeza. Hallet levantou o minúsculo animal à altura dos seus olhos azuis, até que o focinho rosado do animalzinho estremeceu ao receber a fumaça do cigarro e os olhinhos vermelhos, trêmulos, procuraram desesperadamente meios de escapar.

— Creio que Gordon ama você — disse Hallet.

Com a mão livre sacudiu a cinza do cigarro, e o levou aos lábios brilhantes, aspirando profundamente, até que a ponta ficou incandescente. Com a mão prendendo firme o cigarro, dirigiu a ponta chamejante na direção do rato.

Rynn abafou um grito desesperado.

Hallet aproximou a brasa de um dos olhos do rato, que guinchava com estridência. Rynn tapou a boca para não gritar.

— Meu Deus — disse Mario num murmúrio.

Como o rato continuava a guinchar, guinchar cada vez mais, sem parar, a menina agarrou-se a Mario e escondeu o rosto em sua capa. O braço trêmulo do rapaz envolveu seus ombros.

Hallet aspirou o cigarro mais uma vez, até que o fogo brilhou. Quando a ponta virou brasa viva, ele a empurrou para o outro olho do rato, que guinchou desesperadamente. Por um segundo ficou olhando Gordon, que se debatia dolorosamente em sua mão, e atirou-o ao fogo.

Jogou o cigarro na lareira.

Levando a mão para bem junto do rosto da menina, Hallet parecia querer mostrar-lhe os arranhões na palma carnuda por onde o sangue corria.

— O filho da puta me arranhou.

Pediu ao rapaz para lhe arranjar um desinfetante.

— No armário dos remédios, lá em cima? — perguntou Mario. Rynn estava trêmula, incapaz de responder.

Mancando, Mario atravessou a sala, pendurou a capa no vestíbulo e subiu as escadas. Examinando os arranhões em sua mão, Hallet se postou diante da menina com o ar de um homem satisfeito com o trabalho realizado. Depois deixou-se cair na cadeira de balanço, sacudindo-se com toda a força até chegar tão perto de Rynn que ela sentiu o hálito dele em seu rosto.

— Agora, fale, onde está seu pai?

A menina apenas murmurou uma palavra.

— Não consigo ouvi-la!

— Dormindo — conseguiu dizer.

— Lá em cima?

Ela sacudiu a cabeça.

— Perguntei se ele estava lá em cima.

— No quarto ao lado. — Sua voz era um sussurro.

Hallet levantou o punho do casaco e olhou o relógio de pulso.

— Ele se deita cedo.

— Ficou acordado toda a noite. Traduzindo.

— Ah, sim? — A inflexão de sua voz significava que, embora a declaração de Rynn pudesse ser verdadeira, ele sequer por um momento acreditava nela.

— Onde? Nesse quarto? — Com a cabeça indicava o escritório.

— Sim.

— Quantas pessoas havia para o jantar?

Rynn se mantinha sem poder olhar para o homem.

— O senhor está vendo.

— Estou perguntando.

— Duas.

— Só vocês dois?

Rynn assentiu com a cabeça, e antes que o homem fizesse outra pergunta, que ela já adivinhara, respondeu que sim.

— Seu pai?

— Não.

— Não o quê?

— Meu pai não jantou... — Reprimia a custo as lágrimas.

— Você disse que ele estava cansado.

— Sim.

Mario descera e silenciosamente entrou na sala. Com o vidro de remédio na mão, caminhou claudicando na direção de Hallet.

Hallet se voltou.

— Estava bom o jantar?

— Sim. — A voz de Mario não ia além de um sussurro. Hallet arrebatou o vidro de suas mãos.

— Sozinhos?

O rapaz olhou desesperadamente para Rynn, como querendo adivinhar no seu rosto o que ela havia dito, mas Rynn se afastou.

— Não.

— Sós, mas não sós, como? — O homem passou o mercurocromo nos arranhões na palma da mão. — Se vocês não estão sós, onde está ele?

— Quem?

— De quem estamos falando? — Hallet estendeu a mão para bem perto da luz. — O pai dela.

— Ele está no cômodo ao lado — disse repentinamente Rynn, que já havia sentido o cheiro do mercurocromo.

— Ele não está lá em cima?

— Não.

— Você disse lá em cima.

— Não, eu não disse.

— Então, lá em cima não está. — Hallet acabara de passar o remédio na mão. Fechou o vidro, entregando-o ao rapaz.

— Ele trabalha lá?

— Sim.

— Agora não está trabalhando. Está dormindo.

A menina abanou a cabeça e, rápida, respondeu: — Sim.

— Mas *não* lá em cima. — O homem acentuou a palavra como se quisesse tornar absolutamente claro que não desejava cometer enganos.

Hallet levantou-se da cadeira, que ainda balançou com um rangido. Aproximando-se da lareira, apanhou o atizador e remexeu o fogo. Dirigiu-se à menina, que estava sentada sobre a caixa de lenha. Com um movimento de cabeça em direção a Maio, perguntou:

— E ele, quem é?

— Sou Mario Podesta.

Hallet não olhou para o rapaz. Encarava Rynn. — Eu perguntei a *você*.

— Ele é Mario Podesta. Lentamente voltou-se para o rapaz.

— É verdade?

O rapaz aquiesceu com a cabeça, porém num átimo acrescentou: — Sim.

— Já o vi por aí.

— Meu tio — disse o rapaz — é policial.

— Sim.

— Há pouco ele esteve aqui.

Hallet estalou os dedos para que Mario levantasse os olhos e o encarasse. — Bem...?

— Ele vai voltar.

— Não lhe perguntei isso.

— Diga-lhe — falou Rynn.

— Sim, conte-me — disse Hallet.

— Ele disse que veio aqui porque o senhor lhe telefonou perguntando por sua mãe e indagando por que razão ela não viera para casa. Então pensou que o senhor viria procurá-la aqui.

— E por que razão ela estaria aqui? — A mão manchada de mercurocromo fez sinal a Rynn para não responder. Desejava ouvir a explicação do rapaz.

— Foi por causa daqueles potes de vidro. Ela devia vir buscá-los.

— E lá estão eles — disse Hallet.

— O policial Miglioriti vai voltar — disse Rynn.

— Ele falou isso?

— Sim.

— Tenho certeza — disse Hallet, instalando-se confortavelmente na cadeira de balanço — de que um dia ele virá.

CAPÍTULO 12

Hallet relanceou os olhos pelo relógio.

— Onde vocês pensam que minha mãe esteja metida a estas horas da noite?

Como ele se balançava, Rynn pensou que bem podia ser uma impressão causada pelo tremular das chamas na lareira, mas tinha quase certeza de que o homem estava sorrindo. — Naquela noite — disse, o rosto brilhante com os reflexos do fogo — você declarou que não tinha amiguinhos.

A pergunta não foi feita diretamente a Rynn e ela estava resolvida a só responder quando o homem insistisse. Ao invés de insistir com ela, Hallet transferiu a pergunta para o rapaz.

— Você é amiguinho dela?

— Sim.

Hallet volveu-se, fulminando a menina com o olhar.

— Você me disse "nenhum amiguinho". — Os olhos do homem envolveram a mesa, os dois pratos. — Parece-me que você até recebe seus amiguinhos para jantar, com vinhos e à luz de velas.

De repente Hallet fitou Mario com insistência. — Ela é muito jovem. Quantos anos ela disse que tem?

— Treze.

— Catorze, treze... mais moça do que você, não é? Mario inclinou a cabeça, confirmando.

— Você não conhece meninas de sua idade? Ou as de sua idade não gostam de dançar?

— Os potes de geléia — disse a menina corajosamente. E continuou: — No telefone falamos sobre os potes de geléia. Estão prontos para o senhor os levar.

— Não agora.

Rynn ponderava todas as palavras daquele homem. Queria ele dizer que não os levaria naquele momento e, portanto, os potes podiam esperar, ou que sua mãe nunca

mais faria uso deles? Ela não precisava perscrutar aquela cara vermelha junto à lareira para saber que o homem se comprazia na sua intencional ambigüidade. Seu pai tivera um amigo em Londres, um advogado, que gostava dos emaranhados da lei e do labirinto que ele podia criar com meias respostas, da mesma forma que seu pai se esforçava para se tornar preciso dando a cada palavra seu sentido exato e claro.

— Talvez minha querida mãe tenha vindo, mas você não estava em casa.

— Eu estive aqui todo o tempo.

— Você não foi ao futebol?

— Não.

— Nesta época do ano, aos sábados à tarde todo mundo vai ao jogo. Hoje os Gatos Selvagens ganharam. — Hallet olhava para Mario: — Você sabia?

— Sabia.

— Hoje à tarde quase não havia ninguém no povoado. — Ainda encarava Mario. — Não é mesmo?

Entretanto, Mario olhava para Rynn.

— Você vai aos jogos de futebol? — Hallet perguntou.

— Não.

— Você joga futebol?

Antes que Mario respondesse, Rynn falou: — Eu não podia ter-me desenhado da Sra. Hallet.

O homem dirigiu-se exclusivamente a Mario: — Não ouvi a sua resposta.

— Não, eu não jogo futebol.

— Eu também não jogo. Aos sábados à tarde ouço a transmissão do Metropolitan Opera. Pelo rádio. No escritório. Mas. . . vejo que vocês estão em trajes de recepção!...

— Ele faz números de mágica — disse Rynn.

— Então somos dois no povoado que não jogamos futebol. — O homem olhou outra vez para Rynn. — Você disse que esteve aqui todo o tempo?

— Sim.

— Estranho. . .

— Agora o senhor pode levá-los para ela — disse a menina.

— Os potes de geléia?

— Posso colocá-los dentro do seu carro — disse Mario.

— Pode?

— Posso fazê-lo agora.

— Você não pode.

Lá vinha ele novamente. Hallet os empurrava para aquela ambigüidade alucinante, aquela confusão sutil.

— Eu não me importo — disse o rapaz, e com isso ele queria dizer que tanto

podia como queria levar os potes, e que estava pronto para fazê-lo imediatamente.

— Eu já disse que você não pode. — O homem estalou os dedos na direção do maço de cigarros e Mario o trouxe até ele. A seguir, colocando a caixa sobre a mesa, acendeu um fósforo e levou-o a Hallet. O homem aspirou profundamente. Ao exalar a fumaça Rynn teve a impressão de que ele não a soprava, mas deixava que ela escapasse em espirais azuis flutuando ao redor do rosto vermelho e inchado.

— Não pode — disse o homem. — Estou sem carro. Vim a pé. Minha cara esposa ficou com a camioneta. O imponente Bentley vermelho-escuro de minha mãe está majestosamente estacionado diante do escritório. — Aspirou mais uma vez a fumaça do cigarro. — Minha querida mãe está com as chaves.

Naquele momento Rynn pensou que não poderia suportar o olhar de Mario. Hallet parecia distraído em olhar o cigarro aceso, procurando decifrar-lhe o mistério.

Uma faísca despregou-se da chaminé e, cintilando, caiu na lareira. Depois se extinguiu.

O vento de outono gemia ao redor da casa. Os galhos das árvores batiam uns contra os outros.

A todo instante Rynn tentava romper o silêncio, até que chegou a duvidar se seria capaz de emitir uma única palavra. Afinal, quando falou, pediu a Deus para que sua voz não traísse o seu pânico.

— Já é muito tarde, Sr. Hallet. — Sua voz era clara e serena. Ficou surpresa com a clareza e a calma com que falou. Quando o homem não deu demonstração de ter ouvido, embora evidentemente esse não fosse o caso, ela viu que não podia perder a segurança que as primeiras palavras lhe haviam dado, e prosseguiu: — O que é que o senhor deseja, Sr. Hallet?

O homem fumava. Olhou por cima dos ombros para o rapaz que ainda se apoiava na bengala.

— O que é que *você* quer?

— O que é que o senhor quer dizer com isso? — balbuciou Mario.

— Quero dizer exatamente o que estou perguntando: o que é que você deseja?

— Será que todo mundo tem que desejar alguma coisa? Com os dedos avermelhados Hallet levou o cigarro aos

lábios brilhantes. — Naturalmente. Neste momento estamos esperando. Estamos esperando para saber o que é que *você* quer.

— Eu também estou esperando. — O rapaz fez um esforço para pronunciar as palavras.

— Então temos todos que esperar juntos. — Hallet deixou que se restabelecesse o silêncio. Era um daqueles silêncios totais, como uma presença que se podia quase sentir, igual à água que enche sem ruído a cisterna. Com o tempo essa espécie de silêncio pode matar.

— Você quer o que todos os namorados querem. — Hallet continuava fumando.
— Não é isso que você quer?

— Não.

As sobrancelhas de Hallet se elevaram na testa brilhante.

— Você não gosta de meninas?

— Sim, mas...

— Então, você não sente desejo por Rynn?

A menina ansiava por terminar com aquele interrogatório, para auxiliar o rapaz; mas sabia que Hallet não lhe daria atenção. Ou pior ainda: o homem tomaria tudo quanto ela pudesse dizer como uma tentativa de ajudar Mario, ou então ele deturparia tudo, a fim de prendê-la ainda mais em sua trama.

— Pequeno mágico — disse Hallet —, por que você não faz a mágica de que mais gostaríamos? Por que você não desaparece?

Rynn viu que os olhos de Hallet brilhavam ao fixar-se nela.

— Diga-lhe que vá para casa.

— Ele é meu amigo.

— Mas não é seu namorado?

Satisfeito, Hallet aspirava a fumaça do cigarro, soprava-a lentamente para o alto, deixando-a fluir em círculos azulados. Apontou para a menina com a ponta do cigarro.

— Posso dizer-lhe o que é que *você* quer? Rynn não conseguiu erguer os olhos.

— Bem, deixemos isso para lá. Em primeiro lugar, vou lhe dizer o que é que eu quero.

Hallet levantou-se e, aproximando-se da lareira, ficou de pé, olhando para Rynn, sentada na caixa de lenha.

— Desejo saber o que está acontecendo. Aqui. . . nesta casa. Quero saber o que *tem* acontecido. O que aconteceu hoje.

— Não aconteceu nada — a menina conseguiu dizer.

Hallet olhou para ela, quase como um professor olharia para uma aluna. Seu tom era condescendente como o de um professor, um tom que evidenciava a descrença de tudo quanto a menina pudesse dizer.

— Um dia inteiro é muita coisa para que nada aconteça.

Rynn balançou a cabeça: — Nada.

Sempre com a atitude de quem manda, ainda representando o papel de quem se encontra no caminho da verdade, deliberadamente fazia a minuciosa enumeração dos fatos para que nada escapasse, tanto ao professor como à aluna.

— Agora comecemos. A polícia esteve aqui. *Isso* aconteceu.

Rynn sacudiu a cabeça, mas o professor não permitiria ao aluno silenciar.

— A polícia esteve aqui. Sim ou não?

Rynn balançou a cabeça.

— *Sim* ou *não*?

— O policial Miglioriti disse que o senhor telefonou dizendo estar preocupado por causa de sua mãe.

— Sim? — Essa única palavra era uma ordem para ela continuar falando.

— Ele disse que o senhor pensou...

— Sim?

— Ele disse que o senhor pensou que ela pudesse saber aonde sua mãe tinha ido.

— Tinha ido? Desde quando?

— Desde a hora em que deixou o escritório.

— Muito bem. — Hallet sentou-se na caixa de lenha, ao lado da menina, que reteve a respiração.

— Então, o que o policial achava que eu estava pensando?

— Que se o senhor pudesse saber aonde sua mãe tinha ido, sem dúvida o senhor saberia onde ela está.

— Você pensa que o policial está certo?

Rynn tentou mover os ombros em sinal de incerteza, mas o cheiro ativo de água-de-colônia lhe dava náuseas.

— Sim ou não?

— Sim. Hallet fumava.

— Isso é uma *parte* do que desejo.

— Há os potes.

Hallet não precisou olhar para a caixa encostada na parede. Os potes já eram uma presença na sala, tanto quanto qualquer um deles.

— Com efeito, lá estão eles.

— Esperando por ela.

— O que significa...

— Que ela não esteve aqui.

— Engano. Você está tirando conclusões apressadas. — O tom era novamente professoral. — Tenho de corrigir a sua lógica. Todos esses potes aí provam... o quê? Que esses potes ainda estão aqui.

— Desse modo, sinto dizer-lhe que não posso ajudá-lo.

— Você deseja ajudar?

A menina virou o rosto para não sentir o cheiro da água-de-colônia e da fumaça do cigarro.

— Sim.

— Pois bem, o que acha que devemos fazer?

— Chamar a polícia.

— Isso já foi feito. Parece-me que precisamos de *mais* ajuda. — Hallet dirigiu o olhar para Mario. — Você quer ajudar?

— Sim.

— Vá então pedir ao pai dela para nos ajudar.

O rapaz, sobressaltado, gaguejou: — Ele está dormindo.

— No quarto ao lado?

— Sim — disse o rapaz, com energia.

Hallet virou-se para Rynn. — No vestibulo. Seu escritório é lá?

Ela anuiu com a cabeça.

— Ele também dorme lá? — Hallet se pôs de pé.

— Prometi não o acordar — disse a menina.

Hallet andou em direção à porta que dava para o vestibulo.

— Vamos acordá-lo para lhe pedir que nos ajude a encontrar a nossa querida mãe. — Lentamente deu outro passo, como se esperasse que a menina pudesse tentar detê-lo.

— Este quarto... tem certeza?

Mario, com sua capa esvoaçante, precipitou-se para o vestibulo e, tropeçando diante de Hallet, procurou obstar seu caminho.

— Rynn, pegue o telefone!

De onde estava, junto ao telefone, a menina viu Hallet adiantar-se e avançar sobre o rapaz. Abandonando o jogo de gato-e-rato, ele vociferou:

— Já lhe disse para dar o fora!

Sem ousar encará-lo, como se os olhos de Hallet o fizessem vacilar, Mario abanou a cabeça.

— *Saia, seu carcamano, você com suas mágicas idiotas, vá para o infernal*

— Rynn... fuja! Corra para a casa dos vizinhos!

A menina pôs o fone no gancho, correu para o vestibulo, mas diminuiu o passo quando avaliou as chances de evitar Hallet.

— Vá — disse este último. — Corra!

— *Corral* — suplicava Mario.

Hallet não fez nenhum gesto para interceptar a porta da frente. De repente o sorriso, sublinhado pela pomada brilhante, reluziu na penumbra.

— Correr para onde? — Com a mão assinalava-lhe que ela estava livre para abrir a porta.

— Os vizinhos nem estão em casa. Todos os judeus foram para a Flórida.

— Chame a polícia! — gritava Mario.

Hallet caminhou para a mesa da cozinha tirando o receptor do gancho. Enrolou o fio na mão.

— Arranco ou não?

— Se o fizer, vão pensar que o telefone está com defeito — disse a menina.

— Quem irá telefonar a estas horas da noite?

— *Ponha o telefone no lugar!* — A voz imperiosa partia de Mario: para grande surpresa de Hallet e Rynn, pois o rapaz parecia arder de extraordinária coragem, que nenhum dos dois suspeitava pudesse existir por trás do seu riso suave. Apertou fortemente a extremidade da sua bengala, que se abriu ao meio com um estalido. Do interior tirou uma lâmina longa e brilhante.

Ao ver o punhal, Hallet colocou o telefone no lugar.

Dando vazão à raiva que estivera contida, Mario, largando a bengala, investiu contra o homem, empunhando a arma. — Sou um maldito carcamano e os carcamanos carregam facas, não é mesmo?

Afastando-se do rapaz defeituoso, Hallet contornou a mesa da cozinha e se dirigiu para a porta. A mão rosada levantava-se pedindo trégua.

— Afaste-se! — A voz de Hallet ecoou num grito estridente carregado de temor e raiva.

— Carcamano, não é? — Feroz, o rapaz avançava, mancando, em direção ao homem.

Hallet rodopiou para evitar que o rapaz o alcançasse. Recuava, esforçando-se para rir.

— É um truque! É um punhal falso!

— Ah! é? — Dando mais um passo, Mario aproximou-se.

O rosto vermelho de Hallet estava inundado de suor. Recuou em direção ao vestíbulo. O rapaz brandia a faca diante dele.

Caindo sobre a bicicleta, Hallet conseguiu a custo recuperar o equilíbrio.

Abriu a porta e se foi.

Correndo para a porta, Rynn bateu-a com força e deixou-se ficar ali, encostada. Olhou para Mario, que lhe fazia sinal para permanecer em silêncio absoluto. Balançou a cabeça, aliviada por não ter de falar nada, exausta demais para se mover.

Mario apanhou a outra metade da bengala, recompondo-a com os dois pedaços. — Chame a polícia.

Na penumbra Rynn se deixou cair de encontro à porta.

— Melhor não arriscar.

Um pensamento rápido fez o rapaz atravessar a sala e dirigir-se à caixa de lenha. Só quando ia levantar a tampa é que entendeu que Rynn o havia antecedido.

Rynn sentara-se em cima da caixa.

— Você não quis que ele olhasse aí dentro, não é?

A menina sacudiu a cabeça, afastando dos olhos seus cabelos longos.

— Você não quer que eu pergunte o que há aí dentro. Ele a empurrou, mas não foi sua força que a afastou.

Ela saiu de cima da caixa, deixando Mario levantar a pesada tampa. Procurando entre as toras de madeira, ele tirou o guarda-chuva.

Abriu-o com um ruído seco.

— O guarda-chuva dela?

Rynn estendeu a mão e pegou o guarda-chuva. Fechou-o, arremessando-o sobre o divã. Depois encaminhou-se para a mesa, onde esperou por Mario, fazendo-lhe sinal para ajudá-la a levantar o outro lado do móvel.

Retiraram juntos a mesa de cima do tapete.

Descalça, Rynn enrolou-o, ajoelhando-se para abrir o trinco da porta do alçapão. Suspendeu-a até ficar em posição perpendicular. Deixou-a cair de encontro à parede.

Levantou-se e foi para a frente do alçapão, ficando de pé no alto da escada.

Fez sinal a Mario para pegar o candelabro, acender a vela e segui-la.

Mario carregou o candelabro e Rynn se inclinou por cima dos degraus. Imóvel, esperou que Mario desse o primeiro passo.

Sentiu que ele hesitava. Sabia que seu instinto lhe dizia para voltar sobre seus passos, ir-se dali, deixar tudo, correr para qualquer lugar, contanto que não tivesse de descer aqueles degraus para chegar até as trevas.

Por cima das chamas hesitantes, seus olhos encontraram os de Rynn. Olharam-se por um segundo apenas. Os dele se desviaram.

Rynn esperou que Mario descesse as escadas.

Finalmente Mario deu o primeiro passo.

Rynn seguiu atrás.

CAPÍTULO 13

— É para esquentar o bule — disse a menina quando viu que Mario a observava entornando água fervente no bule de chá.

— Lá em casa quase nunca tomamos chá.

— Se você puser os biscoitos no prato, podemos levá-los na bandeja com os outros apetrechos.

O rapaz arrumou os biscoitos em duas camadas, examinou seu trabalho e pareceu satisfeito.

— Rynn?

— Hum?

— Há quanto tempo foi... com sua mãe?

A menina despejou na pia a água fervente do bule de chá.

— Dezesete de outubro.

— Ah! Mas então. . . — Olhava Rynn colocando um punhado de chá no bule.

— Mas o que eu quero dizer é... será que os corpos... A menina pegou a chaleira e despejou a água nas folhas:

— . . .se decompõem? — completou Rynn. Incapaz de dizer a palavra, Mario sacudiu a cabeça.

— Rynn tirou do armário a louça do chá e pediu a Mario para arrumá-la na bandeja. Mario atendeu-lhe o pedido, mas esperava que ela lhe explicasse como é que se faz para evitar que os cadáveres entrem em decomposição.

— Pode-se colocar remédio — disse, abrindo o refrigerador e tirando o bule de leite.

— É mesmo?

Encheu o pequeno bule de leite e entregou-o a Mario.

— Muito bem, mas como é que você aprendeu a fazer tudo isso?

— Agora a bandeja está pronta; se você quiser, pode levá-la para junto da lareira.

— Está bem. — Agradeceu-lhe no íntimo por não lhe perguntar se ele podia carregar a bandeja e a bengala ao mesmo tempo, e segurou-a com o máximo cuidado enquanto a menina tirava duas colheres de chá da gaveta. — Rynn?

Ela saiu correndo da cozinha e entrou na sala para arranjar na mesinha um lugar para a bandeja. Com todo o cuidado Mario levou a bandeja para junto do fogo, onde ela já o esperava.

— Como foi que aprendi a lidar com cadáveres? É isso que você quer saber?

O rapaz, que segurava a bandeja, não respondeu.

— Já lhe disse. É exatamente a mesma coisa que cozinhar. Acontece que eu sei ler.

— A biblioteca tem livros sobre essas coisas?

A menina pegou o atizador, empurrando uma acha de lenha para dentro da lareira.

— A biblioteca tem tudo.

— Eu faço uma idéia.

Mario pôs a bandeja na mesa. Apanhou no chão o guarda-chuva de listras coloridas da Sra. Hallet.

— Nós temos que nos livrar disso também.

Rynn parecia absorta a contemplar o fogo na lareira.

— Você reparou? Eu disse *nós*.

— Eu reparei. Obrigada.

— Ele vai voltar; quero dizer, Hallet...

— Eu sei.

— Eu ajudarei você.

Rynn jogou o atizador na caixa de lenha, que estava aberta. O rapaz segurou o guarda-chuva.

— Naturalmente você tem o direito de saber o que aconteceu.

Ao se deixar cair relaxadamente no chão, envolta na túnica branca, Mario comparou-a, no íntimo, a uma bailarina cheia de graciosidade. Ajeitou os pés nus sob as pernas. Mario aprumou o corpo, apoiou-se na mesa e sentou-se no chão, diante dela.

Levando a mão à gola bordada de azul de sua roupa, Rynn retirou uma carta dobrada e a entregou a Mario.

À luz das chamas ele viu, em tinta preta no papel cinza, a grande caligrafia do pai de Rynn na carta que lhe escrevera na última noite que passaram juntos em Londres.

Enquanto Mario lia, a menina arrumou as duas xícaras, colocou um pequeno coador sobre uma delas, pegou o bule e cuidadosamente começou a despejar o chá.

Mario leu a carta duas vezes, dobrou-a e, sentindo que não devia colocá-la na

mesa, como também em nenhum outro lugar senão nas mãos de Rynn, conservou-a nas suas.

— Em Londres meu pai estava fazendo um tratamento para o que nós pensávamos que fosse úlcera do estômago. Uma noite, na primavera, quando a luz do dia se estendeu até bem tarde, uma dessas noites em que os pássaros ainda cantavam, fomos a um restaurante indiano que, antes de meu pai adoecer, era o nosso predileto. Ele pediu *curry*. Olhei-o espantada. Comer um daqueles *curries* temperadíssimos com úlcera de estômago? Inclinou-se sobre a mesa, beijou-me e me disse então que nada mais tinha importância.

Terminara de encher as duas xícaras.

— Leite e açúcar?

Mario sacudiu a cabeça. Os gestos da menina eram precisos. Duas pequenas colheres de açúcar, a quantidade exata de leite para encher a xícara, e um jeito de mão tão hábil que não deixou derramar nem uma única gota. Quando Mario pegou a xícara, ela tilintou.

Na sua xícara Rynn colocou apenas uma pitada de açúcar, ergueu-a lentamente à altura da boca, mas, ao invés de beber, pegou a colher e mexeu o chá.

— Quando terminamos de jantar, meu pai e eu saímos para andar, e fomos caminhando, pela noite suave de Londres. Juntos, planejamos cuidadosamente o que deveríamos fazer... logo que ele morresse... para evitar que minha mãe, que morava na Itália, viesse me agarrar com suas unhas pintadas.

A xícara e o pires tiniram quando Mario os depositou na mesa. A menina pegou a carta e meteu-a na gola do vestido.

— Quando digo a palavra "mãe", ela é destituída de sentido para mim. A única lembrança que tenho dela são umas unhas de um vermelho vivo. Há muito que nos havia abandonado, o que foi muito bom, pois uma vez foi presa por me haver espancado. Certo dia meu pai chegou a casa e encontrou-a cambaleando, completamente embriagada, e eu cheia de equimoses. Imediatamente enxotou-a de casa e passou a me criar. Só uma vez tornei a vê-la, e foi antes de vir para cá, na ocasião em que meu pai ganhou o prêmio de poesia e ela cheirou dinheiro. Fora isso, meu pai não tinha muitos recursos, porém o suficiente para que, uma vez sabendo-o morto, ela aparecesse para me prender em suas garras. Quer um?

O rapaz pegara um biscoito coberto de amêndoas.

— Eu teria procurado um advogado.

— Não, você não teria feito isso. O tom áspero o surpreendeu.

— Para que gastar tanto dinheiro com advogados, para, no final, fazer o que o juiz mandar? Tudo o que ela faria seria decidir de que maneira eu seria educada; o que queria dizer: em que escola eu seria trancada.

— Você teria um tutor.

— Um padrinho?

— Estou falando sério.

— Mas quem? Meu pai não tinha nenhum parente vivo. As únicas pessoas que conhecíamos eram poetas loucos. Todos os poetas que conhecíamos, com exceção de meu pai, podiam ser extraordinariamente talentosos, mas não seriam bons pais.

— Além disso, você não precisa de ninguém, você é tão inteligente. — Ela olhou para Mario. Ele deu de ombros: — Foi uma brincadeira.

— Mas acontece que é verdade. Essa é a razão por que meu pai vendeu tudo, apurou todo o dinheiro que pôde e saiu da Inglaterra sem dizer nada a ninguém. Isso foi na primavera passada. Durante toda a primavera e o verão alugamos um carro e fomos por aí, saindo da Carolina do Sul, onde morava Carl Sandburg, até o Maine, à procura de um lugar que me agradasse.

— Então encontraram este!

— Você já acabou de brincar com esse guarda-chuva?

Mario baixou os olhos. Estava segurando o guarda-chuva do mesmo modo como, algumas vezes, segurava a bengala; como uma vara mágica.

— Desculpe-me.

Abriu a tampa da caixa e atirou lá o guarda-chuva, fechando-a a seguir.

— Isso foi logo depois de maio. Todo mundo estava arrumando as malas para voltar à cidade. Chegamos a esta rua, com suas árvores copadas que pareciam erguer os galhos para se entrelaçarem lá no alto. Depois vi um jardim cheio de zínias, de cores gloriosas. Ao descer do carro, olhamos através da janela. Era evidente que não havia ninguém morando na casa. Meu pai então me perguntou se eu tinha certeza de poder viver aqui nos próximos três anos de minha vida, tal qual havíamos planejado. Não deixou que eu decidisse naquela semana. Fez-me pensar por longo tempo, quando então soubemos pela agência imobiliária que ela estava para alugar. Ele alugou a casa por três anos e pagou adiantado.

Ergueu a xícara, mexeu o chá com a colher, mas não bebeu.

— Este chá é muito bom — disse Mario.

— Muito bom — disse. — Ainda faremos de você um inglês.

Olharam-se. Mais uma vez, algo havia sido dito que os unia... no futuro.

— Durante todo o mês de setembro meu pai parecia muito bem, e, se as dores que sentia eram ou não terríveis, ele se calava. Entrava naquele quarto, fechava a porta e tomava qualquer coisa. Todos os dias, até o fim, dávamos longos passeios pelas alamedas ou pelas praias. Andávamos quilômetros e mais quilômetros. Um sábado à noite, quando fazia um calor sufocante, ficamos sentados aqui nesta mesma sala, na penumbra. Ele ligou o estéreo. Liszt. Ficamos sentados ouvindo a música. Nenhum de nós disse uma palavra. Ele me pegou pela mão e nós dois saímos para o jardim. Com voz pausada e calma disse que eu era diferente de qualquer pessoa no

mundo e que muitos não iriam compreender isso. Não iriam se conformar que fosse assim, e tentariam me modificar, dar-me ordens e me transformar na espécie de gente que desejariam que eu fosse. Como eu ainda era uma criança, nada poderia fazer para me opor, exceto trancar-me na minha torre de marfim.

— Sozinha? — Mario pronunciou a palavra como se ela fosse apenas um conceito, algo que ele pudesse imaginar com alguma clareza: que isso certamente não era um modo de vida.

— Nós dois examinamos o problema em todos os seus aspectos e sabíamos muito bem que não ia ser fácil. Meu pai disse: "Faça tudo o que você tem de fazer. Se for preciso, lute contra, de todas as maneiras possíveis. *Sobreviva*". Depois me beijou. Estávamos sob uma latada de uvas; e ele saiu andando por entre as árvores pela alameda.

— Nunca mais voltou? — Mario ficou muito vermelho, demonstrando que não tivera nenhuma intenção de lhe perguntar aquilo. Naturalmente sabia que seu pai não tinha voltado.

— Nesta sala, nesta escrivaninha, encontrei mapas oceanográficos e gráficos das correntes, tanto da baía como do oceano. Ele estivera, na verdade, estudando o movimento das marés. Jamais será encontrado.

— Você chorou muito?

— Depende do que você chama de muito. Não, creio que não.

— Você acredita em Deus?

— Seria tão bom acreditar.

— Então você não acredita.

— Não sei.

— Eu também não sei.

Mario comeu outro biscoito e bebeu um pouco de chá.

— Você não devia deixar dinheiro em casa — disse.

— Meu pai e eu abrimos uma conta conjunta. Eu tenho montes de cheques de viagem.

— As crianças podem usar cheques?

Por cima da xícara de chá seu olhar era resoluto. — Já lhe disse que eu posso.

Procurou dentro da roupa, onde guardava a carta. Mas retirou uma corrente de ouro e balançou uma chave. — Guardo a maior parte no cofre do banco.

— Nunca ouvi dizer que crianças tivessem cheques de viagem.

— Eu já disse que tenho *montes*, mas, na verdade, tenho de fazê-lo durar por três anos. — Tornou a guardar a chave e a corrente dentro do corpete do vestido. — Agora você sabe de tudo.

— É. — Os olhos de Mario estavam fixos no chá. — Rynn?

— Hum?

— Teria sido assim tão horrível se você tivesse de fazer o jogo?
— Mas nos organizamos justamente para isso...
— Eu sei — disse ele. — Não, realmente não sei. O que eu não compreendo talvez seja o que você e seu pai querem dizer por "fazer o jogo".

Ela deu um suspiro profundo, como se quisesse dizer que ele não estava tentando compreender.

— O jogo é fingir, é fazer os movimentos da vida, mas não é *viver*.

— A escola é a vida.

— Não. — Rynn balançou a cabeça com tanta força que foi preciso afastar dos olhos os longos cabelos. — A escola é ter pessoas lhe dizendo o que é viver, sem deixar que você descubra por si mesmo.

— Mas é preciso ir à escola.

— Para quê?

— Para aprender alguma coisa.

— Tais como...?

— Ler e escrever. E...

— E eu não sei ler, eu não sei escrever?

— Muito bem, porque seu pai lhe ensinou. E o que diz de quem não tem um pai como o seu?

— Alguma vez me referi a outra pessoa, além de mim mesma? Se você gosta da escola, tanto melhor para você.

— Exceto que eu não acredito que você esteja dizendo o que pensa.

— Por que teria eu de querer que todos fossem iguais a mim, quando eu não quero ser como todo mundo?

— *Eu* não sou como todo mundo — protestou Mario.

— Estou me referindo a *elas*.

— Quem?

— Todos, com seus chicletes, sua música vulgar e seus jogos de futebol.

— Não é tanto assim. . .

— A escola foi feita para aqueles que, quando adultos, jamais vão escrever um poema ou cantar uma canção, ou *fazer* qualquer outra coisa. — Ela acreditava piamente no que estava dizendo. — Como fazer mágica! À escola lhe ensinou a fazer mágica?

— Não.

— Está vendo? — Cruzou os braços sobre a túnica branca. — O jogo é para gente que deseja regulamentos, porque temem acreditar em coisas diferentes daquelas em que todo mundo acredita. Têm medo de sair do lugar onde moram para *fazer* alguma coisa de suas vidas. O jogo é para gente que necessita que lhe *digam* o que devem fazer. Está bem, bom proveito para eles, se é isso que querem.

— Nem todo mundo pode ser como você.
— Ninguém é igual a ninguém! Já lhe disse, ninguém precisa viver da maneira que eu vivo!

— Viver dessa maneira... Bem, eu quero dizer...

— O quê? — perguntou no mesmo tom áspero e de desafio.

— O que eu quero dizer é que as pessoas se *ajudam* mutuamente.

— Você tem uma família.

— *Outras* pessoas. Eles querem isso — acrescentou sem convicção.

— No meu caso não havia ninguém. Você está querendo dizer que meu pai e eu não pensamos longamente sobre isso? Você pensa que resolvemos isso de um dia para o outro? O que eu quero dizer é que, para mim, isso significaria uma horrível escola cheirando a giz e a repolho...

— Você poderia encontrar uma boa escola.

— Uma escola! Uma escola, para me dizer como devo viver e pensar, o que fazer pelo resto da minha vida. Uma escola, e meu dinheiro gerido por um advogado qualquer, até que *eles* decidam se já tenho idade para cuidar daquilo que me pertence. Além disso... — Começou a mexer o chá. — Eu vivo assim somente neste momento. Tenho de tomar cuidado até chegar o dia em que eles *achem* que já estou na idade de fazer o que bem entender.

— Quem são *eles*?

— Todo mundo!

— Olhe, você está me compreendendo? Eu acho que você fica repetindo *eles* como se todo mundo estivesse pronto para lhe saltar em cima.

— Talvez estejam.

O rapaz bebeu o chá. — Você tem que confiar em alguém!

De repente Mario notou que não podia mais olhar Rynn nos olhos, nem ela podia suportar diretamente o seu olhar, quando só agora, tendo revelado ao rapaz coisas que jamais dissera a ninguém, os dois começavam a compreender o que ela, o que eles, haviam cometido.

Mario olhou para o chá que ela não havia tomado.

— Como foi que ela... sua mãe... encontrou você?

Rynn colocou o pires na mesa e ficou olhando fixamente para as chamas. — Na verdade, a culpa foi minha. Eu publiquei um poema. Minhas sensações sobre este lugar. Os amigos dela leram o poema, publicado na Inglaterra, e o enviaram para ela, na Grécia. As pessoas que conhecem Long Island reconheceram os lugares que descrevi. Certo dia um táxi parou aqui na rua...

Mario se perguntava se ela pretendia continuar. Talvez já tivesse ouvido tudo o que ela desejava compartilhar com ele. Sentiu que se lhe pedisse para revelar outras coisas, talvez ela se mantivesse em silêncio. Entretanto ela falou.

— A porta da frente estava aberta e ela entrou imediatamente, as unhas mais vermelhas do que nunca. Era com horror que eu fingia estar contente de vê-la. Meu Deus, que coragem de vir aqui... Era o tipo de mulher que pensa que todo mundo vai lhe perdoar qualquer coisa. Sentou-se logo naquela cadeira, fumou o cigarro com a ponta dourada e começou a falar, indefinidamente, como era horrível a poluição no Mediterrâneo, como detestava os gregos e como seria maravilhoso viver aqui.

Rynn se afastou de perto do fogo para ver a cadeira de balanço atrás de Mario.

— Tomamos chá, naturalmente. Ela queria bebidas alcoólicas, mas eu não tinha nenhuma. Só havia chá e esses mesmos biscoitos de amêndoas.

— Que são deliciosos.

— Ela também gostou.

O rapaz comeu mais um. O gosto de amêndoa era muito forte. Depois de uma pausa perguntou:

— Dentro do chá?

Ela confirmou com a cabeça.

Mario, que naquele instante tomara um gole, parou de repente, sem saber se poderia engolir.

— Cianeto de potássio.

O rapaz procurava se controlar para manter a mão firme e para que a xícara não trepidasse com o tremor que passava a tomar conta dele.

— Os Wilson transformaram o escritório em câmara escura. Encontrei o cianeto quando meu pai e eu arrumamos os produtos químicos relacionados com o material fotográfico. Como disse antes, eu sei ler. Li o aviso no rótulo.

Na xícara brilhava o chá que ela ainda não havia tomado. Os olhos de ambos se encontraram. Muito calma, Rynn falou: — O seu chá está muito quente. Eu não misturei leite frio.

Mario gostaria de saber se ela reparara que ele estava começando a transpirar.

Ela, porém, tinha o pensamento voltado para os acontecimentos relacionados com sua mãe.

— Ainda vejo suas unhas vermelhas segurando a xícara. Alguns goles depois ela disse que o chá estava com gosto de amêndoa.

A xícara de Mario tremia tanto que ele teve de colocá-la na mesa.

— Naturalmente que tinha gosto de amêndoa. — A menina retirou o cabelo dos olhos. — Você sabe o que foi que eu disse então?

O rosto de Mario brilhava à luz do fogo. Sentia a camisa empapada de suor, as axilas e as costas molhadas.

— "É o biscoito de amêndoas", disse-lhe. Ela acreditou. Conte-lhe que eram de Fortnum e ela declarou que eram ótimos. E, na verdade, ela gostava daqueles biscoitos, pois apreciava tudo quanto viesse das casas de luxo. Prendia nos seus

casacos as etiquetas dos melhores costureiros e usava sempre as bolsas mais elegantes. No mínimo, as de Harrods. — Rynn estava absorta em seu mundo, falando consigo mesma.

Mario sentiu um aperto na garganta. Tinha cada vez mais consciência de sua própria respiração. Era com grande esforço que conseguia aspirar um pouco de ar.

— Quanto tempo durou? — conseguiu perguntar.

— Na verdade, foi bem rápido.

— No princípio fica-se sonolento?

— Aparentemente muito sonolento.

A mão de Mario procurou tocar o chão. Estava firme. Sentiu-se febril. Continuava transpirando. Respirar constituía um esforço para ele.

A xícara de chá que Rynn deixara intacta tremulava à sua frente.

— Está cansado?

Mario sacudiu a cabeça, negando o cansaço que, em vão, procurava vencer.

— Não. — Sua voz era rouquenha.

— Não me surpreende que você esteja cansado — disse Rynn. — Já é tarde. — Sua mão procurou a de Mario, mas ele se afastou.

— Você sabe o que eu acho? Creio que seria muito bom se você telefonasse para seus pais. Diga-lhes que ainda está na festa de aniversário.

— Mas eu não estou. — Começou a tossir.

— Mas antes você disse à sua mãe que estava. Mario sacudiu a cabeça. Não queria telefonar.

— Eu realmente acho que você deve telefonar à sua família. Quer que eu lhe traga o telefone?

— O que adiantaria para você?

— Para *nós* — corrigiu-o.

— Meu tio Ron sabe que eu estou aqui.

— Ele não dirá nada. Telefone para eles, diga-lhes que você ainda está na festa.

— Então, o que aconteceu? Quero dizer... a ela. — De qualquer jeito Mario procurava se desvencilhar daquele emaranhado de palavras, da confusão, daquela rede na qual, estava convencido, ela procurava enredá-lo.

— Minha mãe procurava respirar, com dificuldade.

— E depois?

— Depois? Finalmente ela... sucumbiu, naquela cadeira.

Mario raciocinava rapidamente. Ele telefonaria. Diria a ela que estava telefonando para sua família, mas ao invés disso ligaria para o hospital e pediria que mandassem uma ambulância.

— Ela ficou ali na cadeira por muito tempo, enquanto eu pensava o que iria fazer com ela. Não me ocorreu a porta do alçapão que dá para a adega. Não me veio

à cabeça. Como você diz com relação à mágica, nunca pensamos em fazer o óbvio. Pelo menos no princípio.

Mario a viu pegar o bule de chá.

— Um pouco mais?

Debilitado, temeroso, fez um gesto negativo.

— Creio que vou telefonar.

— Muito bem. — A menina levantou-se. — Espere, vou buscar o telefone para você. — Correu, descalça, pelo assoalho encerado.

Pôs o telefone ao lado de Mario.

— Você está *cansado*.

Mario fez um esforço para se erguer.

— Você quer que eu disque?

Era aquele o seu plano. "Ela sabe que eu vou pedir socorro, e não vai deixar que eu chame ninguém, a não ser minha família, para arranjar seu álibi... *Que farei? Poderei pegar no fone e ligar para o hospital?...*"

— Você está passando bem?

— Muito bem — conseguiu murmurar. *O que fazer?...*

O pensamento andava rápido. Aventava a hipótese de sair correndo da casa com sua maldita bengala. Até onde poderia... De repente a menina estendeu a mão e aquele movimento fez cessar qualquer pensamento de fuga. Só podia ficar, sem desviar os olhos.

Rynn apanhou a xícara e começou a tomar o chá em pequenos goles. Com a mão desocupada pegou um biscoito de amêndoas, comendo-o aos pedacinhos. Uma língua pequena e rosada como a dos gatos passava pelos lábios para tirar as migalhas.

— Escute — disse, mas não parecia estar dando uma ordem. Mario retesou-se para ouvir o que chamara a atenção dela.

— O vento — disse o rapaz.

— Criaturas rindo nos telhados e sibilando no ar.

Novamente Rynn procurou pegar-lhe a mão. Desta vez ele não se afastou. Ela começou a falar e Mario conjecturava se aqueles versos não teriam sido tirados do poema de seu pai.

Uma terrível tempestade esmagava o ar...

As nuvens sombrias e esparsas...

Tão negras como o manto do espectro

Ocultando o céu e a terra.

As criaturas rindo nos telhados...

E sibilando no ar...

E brandindo seus punhos

E rangendo os dentes...

E balouçando seus desvairados cabelos.

Rynn levantou-se, apanhou a bandeja e levou-a em silêncio para a cozinha.

Apoiando ambas as mãos na borda da mesa, Mario viu que podia erguer-se.

— E balouçando seus desvairados cabelos. Ah!

— Você não sente um arrepio?

— É a mesma coisa que uma lixa que lhe esfregassem nas costas quando a ópera é realmente boa.

Mario esperou que ela virasse de costas, para levantar-se. De pé, certificando-se de estar ainda vivo, seus lábios se entreabriram em seu belo sorriso, largo e ensolarado. A menina lavou as xícaras e os outros utensílios do chá, e os colocou no secador. Terminava de enxugar o bule.

Mario esticou os braços até sentir os músculos de seu corpo jovem agradavelmente doloridos e o sangue pulsar pelos membros. Espreguiçava-se, gozando a boa sensação de calor.

Quando Rynn, com o bule na mão, se voltou para encará-lo, ele deixou subitamente cair os braços e ficou imóvel. Apesar do imenso alívio que o invadia, e de todo o amor que nutria pela jovem, não ousava demonstrar coisa alguma. Tinha que ocultar aquela imensa alegria, senão aquela mudança abrupta trairia todas as dúvidas por que passara apenas alguns momentos atrás.

— Foi seu pai quem escreveu isso?

— Emily Dickinson.

— Você tem mais outras coisas escritas por ela?

— Sei a maioria de cor.

Mario se dirigiu para a cadeira de balanço.

Rynn observava o rapaz sentar-se. Atravessou lentamente a sala. Ao chegar junto à cadeira, deixou-se cair no chão, ao lado dele, pousando a cabeça em seus joelhos. Mario procurou com a mão os cabelos de Rynn, sedosos e brilhantes. A mão de Rynn cobriu a dele.

CAPÍTULO 14

Decorreu uma semana.

No domingo Mario não pôde ir à casa de Rynn, pois, como lhe explicara, esse dia significava missa pela manhã, seguida de um almoço em família, de proporções quase tribais, e visita de inúmeros parentes. Mas durante a semana ele foi duas vezes.

Na segunda-feira comunicou que o Bentley vermelho-escuro havia sido rebocado, trancado ainda, para a garagem de seu pai. Todo o povoado já sabia do desaparecimento da Sra. Hallet. Na estação e nas ruas os moradores do povoado começavam a abordar-se uns aos outros para saber de notícias. Na ausência de uma informação concreta os rumores surgiam. E estes, segundo dissera Mario, vinham provar o quanto os Hallet eram odiados.

Na quinta-feira Mario fez o retrospecto dos acontecimentos da semana. Era voz corrente no povoado que a mulher de Frank Hallet o abandonara, levando consigo os filhos. Para os vizinhos essa deserção punha em evidência aquilo de que desconfiavam. O fato não vinha provar que Hallet estava implicado no desaparecimento de sua mãe? No meio da semana todo mundo compartilhava a opinião de que Frank Hallet sempre detestara a mãe. Na garagem, o pai de Mario confirmava essa convicção ao lembrar a todo freguês que parava para se abastecer de gasolina, óleo, ou fazer uma vistoria, que as relações entre mãe e filho sempre tinham sido tensas. Afinal, a mulher jamais permitira que o filho dirigisse o seu novo Bentley cor de fígado.

Ninguém mais, a não ser Mario, ia à casa do fim da rua, ou melhor, ninguém ia até a porta. Durante a noite Rynn vira o farol do carro de polícia passar rápido em frente à casa. O policial Miglioriti estava atento com relação àquela redondeza. Mesmo assim, a menina tinha o máximo cuidado em trancar janelas e portas todas as noites. Por causa de alguém — e ela não podia ter certeza de que fosse Hallet — que talvez houvesse passado em frente à janela. Ela apenas vira a sombra através

das cortinas.

Nas horas de aula ela não aparecia nas ruas da aldeia, temendo que alguma pessoa adulta a fizesse parar a fim de perguntar-lhe por que razão não estava na escola. Depois das aulas, quando os estudantes andavam livremente pelas ruas, ela não ousava se ausentar de casa, temendo desencontrar-se de Mario. Não se falavam pelo telefone com receio de algum dispositivo para interceptar as linhas telefônicas.

Naquele sábado, como no anterior, Mario pôs a bicicleta no vestíbulo, mas não foi por causa da chuva. Àquela hora o dia estava frio, embora claro. Acharam que não tinha sentido deixá-la do lado de fora, expondo a qualquer pessoa que passasse pela alameda que o rapaz estava na casa.

O dia estava maravilhoso para ficar ao ar livre. Acima da copa das árvores via-se o céu azul pontilhado de nuvens que se moviam, rápidas, ocultando o sol de outono entre reluzentes clarões cor de âmbar.

Embora Rynn compreendesse que caminhar representava um penoso esforço para Mario, sentia-se feliz de tê-lo a seu lado, de mãos dadas, andando por mais de duas horas, pela rua e pela praia onde as pesadas ondas cor de chumbo avolumavam-se para se quebrar logo a seguir. Sob a imensidão do céu estendiam-se as areias desertas — não fossem algumas gaivotas, que pareciam esperar os dois chegarem bem perto, quase sobre elas, para então bater asas, dando guinchos, e sair voando ao impulso do vento.

Sozinhos na praia, Rynn conduziu Mario para onde a areia estava molhada e a arrebenção se elevava, com o vento, para se espriar a seus pés. Pôs alguma coisa na mão dele.

Sem olhar, Mario sabia que eram as chaves da Sra. Hallet. Rynn falou que ele era capaz de atirá-las muito mais longe do que ela.

Quando as chaves desapareceram no mar, começaram a caminhar em silêncio. Não falaram do trabalho que teriam de executar.

Durante a semana planejaram em seus mínimos detalhes o que iriam fazer. Todos permanecem no povoado, esperando que o jogo de futebol comece. A noite em que estivera na casa do fim da rua, Frank Hallet falara sobre isso; e Mario concordou: no sábado todo mundo iria ao jogo.

À uma hora, quando a partida começou, encaminharam-se para a latada e a examinaram em silêncio. Em seguida, Rynn postou-se a um canto da casa, como sentinela em guarda contra qualquer um que porventura se aproximasse pela rua por um lado ou pelo outro. Mario afastou as folhas, empurrando-as para um canto do jardim, por trás da latada, e começou a cavar. O solo do jardim, trabalhado por tantas gerações, não tinha pedras nem raízes e, portanto, cedeu facilmente à enxada. Uma hora depois a menina, recostada num castanheiro, envolta em seu casaco de pelúcia, atenta, observava o trabalho de Mario, ouvindo a enxada tinir de encontro a

uma ou outra pedra; não via outra coisa além da cabeça e dos ombros do rapaz emergindo acima do buraco.

Quando a cova ficou ainda mais profunda, voltaram à casa, onde Rynn fechou muito bem as cortinas.

— Tudo em ordem? — perguntou Mario.

Rynn acenou com a cabeça. Era hora de começar.

Juntos suspenderam a mesa, colocando-a de lado, enrolaram o tapete e levantaram a porta do alçapão até encostá-la na parede.

Quando Rynn correu à cozinha para apanhar dois rolos de plástico, Mario abriu a janela que dava para a latada. À um outro sinal de Rynn ele a acompanhou, descendo até a adega. Apenas um plano estudado em seus pormenores possibilitaria uma ação tão rápida. Subiram penosamente as escadas, carregando o primeiro fardo envolto em plástico.

— Cuidado — sussurrou Rynn. — Não encoste nesses produtos químicos.

— Descanse-o no peitoril da janela — disse Mario com voz rouca. — Muito bem. Agora nós dois vamos empurrar.

Já carregavam o segundo fardo, quando ouviram a buzina de um carro.

Sentiram o coração parar.

— Vem lá de fora, da rua — disse Mario em voz baixa. — E se eles vierem até aqui?

Por um instante Rynn buscou o rosto de Mario antes de lhe fazer sinal em direção à janela aberta.

— Temos que tirar isto daqui, depressa!

Enquanto Mario se agarrava com dificuldade ao parapeito, esperando para seguir seu caminho levando o segundo fardo até a latada, Rynn fechava as janelas, cerrava as cortinas; então correu para a janela da frente para espiar a rua. Depois de esperar mais de um minuto, saiu da janela e foi até o quintal, de onde podia enxergar até o fim da rua. Em seguida, atravessando por entre a latada, contornou a casa para dizer a Mario que vira um cachorro branco correndo à frente de um carro.

Da mesma forma como haviam trabalhado juntos no interior da casa, os dois carregaram os fardos para o buraco.

Tendo apanhado a enxada, Mario começou a cavar a terra. Rynn, a um canto, sentiu a aragem fria bater-lhe no rosto, enquanto recuava até um ponto do qual podia ver tanto o quintal como a rua atrás das árvores.

Ela escutava o ruído das pás deixando cair terra no buraco, e tremia ao ver as nuvens escuras que se avolumavam, espalhando-se pelo céu. Uma garoa fina já brilhava nas folhas e nos galhos das árvores.

Quando a tênue garoa se transformou em chuva grossa, Rynn deixou o seu posto para buscar a capa de chuva de seu pai; ao voltar, o suéter de lã e os *jeans* de

Mario já estavam encharcados. Seus cabelos molhados escorriam pelo rosto franzido. A terra recentemente revolvida se transformou em lama escorregadia, que pingava na enxada tornando-a mais pesada, porém o rapaz continuou trabalhando sem parar.

Rynn correu para dentro de casa, foi à cozinha, esquentou um pouco de sopa de creme de aipo, trazendo, em seguida, a xícara sob uma chuva muito forte. Mario parou o tempo necessário para engolir a sopa fumegante. — Entre — disse. Seus dentes batiam na xícara. — Não tem sentido nós dois ficarmos encharcados.

Rynn pegou a xícara ainda quente e voltou ao seu posto. A xícara esfriou logo e ela puxou até as orelhas o casaco que cheirava a lã molhada. Ficou pensando quanto tempo poderia agüentar ali, tremendo de frio, esperando sob o aguaceiro. Mario pelo menos estava cavando a terra, o que o mantinha em movimento. Resolvida a não abandonar nem Mario nem o seu posto, afastou-se o necessário para se proteger sob um beiral do telhado, onde a água de uma calha jorrava para junto de seus pés.

À medida que se passavam os minutos e ela afastava do rosto as mechas de cabelo molhado, sentia-se cada vez mais inclinada a fazer o que Mario lhe aconselhara, correr para dentro de casa, despir o casaco e preparar um belo fogo na lareira.

— Ei!

Ficou tensa.

Em plena chuva alguém a estava chamando. Não ousava sequer respirar. Para não denunciar sua surpresa, olhou furtivamente na direção da voz. Lá, entre as árvores junto da estrada, um homem caminhava na direção do pátio.

Rynn ficou sem saber se chamaria Mario. O que ele poderia fazer?

À meio caminho diminuiu o passo. O homem usava um blusão comprido, vermelho-vivo, com um capuz. Com suas botas de borracha preta parecia um Papai Noel que, emergindo do meio do arvoredor, viesse ao seu encontro. Febrilmente, Rynn procurava algo para lhe dizer, alguma coisa para fazer, a fim de impedir que o homem se aproximasse da casa. Súbito, saiu ao encontro do homem.

— Viu o meu cachorro?

De onde estava Rynn se certificou de que ele não podia ver o quintal, porém temia que pudesse ouvir o barulho da enxada de Mario batendo na terra molhada.

— O meu cachorro — disse. — Estou procurando o meu cachorro.

— De que raça? — Rynn procurou falar calmamente, esforçando-se para ocultar seu pânico.

— Um *bullterrier* inglês.

— Branco?

— Você o viu?

O homem já se aproximava, mas ela balançou a cabeça apontando para a rua,

bem longe da casa. — Lá, do outro lado.

Ele parou.

— Há uns dez minutos.

— Obrigado. — O homem virou as costas, mas não se moveu.

"Vá embora!"

Que é que ele desejava agora?

— É melhor você entrar. — O hálito do homem formava uma névoa branca. — Aqui fora você vai se molhar.

Rynn ficou olhando o homem de blusão vermelho andando entre as árvores até desaparecer na estrada. Só então foi que, com passos vacilantes, voltou em direção à casa e se dirigiu para o seu canto de observação. Antes de chegar junto à latada já ouvia a batida da enxada na terra molhada. Recuou sob o beiral a fim de acompanhar o trabalho de Mario.

Afinal, quando o rapaz começou a aplainar com as costas da enxada a lama que escorria e espalhar as folhas mortas sobre a terra revolta, Rynn correu para dentro de casa. Quando o rapaz acabou o trabalho ela estava esperando na janela dos fundos com uma toalha de banho nas mãos.

— Jogue a enxada no alpendre.

Ao vê-lo todo sujo de lama, a roupa molhada colada ao corpo, Rynn sentiu o mesmo aperto no coração experimentado quando vira um cãozinho roliço e felpudo horivelmente molhado e tiritando de frio. Também ele era fraco e vulnerável.

O rapaz não obedeceu às suas ordens e atirou a enxada no emaranhado de vegetação rasteira no fundo do jardim. Isto não fazia parte do plano, mas sua idéia era melhor do que a de Rynn.

A menina atraiu Mario para a porta da frente, apressando-se em fechá-la a chave. Quando ele tirou as botas enlameadas, Rynn enrolou na toalha os 'seus cabelos, de onde escorria água.

— Você está molhado até os ossos!

Com a toalha esfregou-lhe com força a cabeça.

— Você precisa se enxugar e se aquecer. *Depressa!* Quando ele procurou a bicicleta para se apoiar, ela pôs

o ombro embaixo de seu braço, suportando assim grande parte de seu peso. Levou-o até a sala. Mario começou a tossir.

Insistindo para que secasse os cabelos, empurrou-o em direção à escada, fazendo-o sentar-se enquanto lhe tirava as meias molhadas.

— Você tinha razão querendo fazer esse trabalho no sábado — disse ela, retirando a lã molhada que se grudara no seu corpo e enxugando-lhe os pés. — Todo mundo estava no jogo.

Os tremores o impediam de respirar. Mario tiritava, batia os dentes, sem poder

falar, de tantos calafrios pelo corpo.

— Quando você despir o resto dessa roupa ensopada, vou lhe preparar um banho quente lá em cima. *Depressa!* — Puxou-o pelo suéter pesado de umidade. Desabotoou a camisa, tirando-a de seus ombros e das costas, brancos e trêmulos.

— Eu devia tê-lo ajudado.

Rynn abriu a fivela do cinto de Mario. Com mãos trêmulas e dormentes ela tateava no zíper para abrir a braguilha e poder tirar-lhe a calça. Sob a toalha, que parecia uma tenda em cima de sua cabeça, os olhos negros de Mario a observavam, e ela sentiu um travo de remorso. Como ele parecia adivinhar exatamente o que ela estava pensando, ao puxar-lhe as calças Rynn desviou o olhar para não ver suas pernas aleijadas. Aparentemente ambas eram iguais, sem pêlos, e ambas tremiam de frio.

— É o mesmo que deixar alguém olhar o seu dente quebrado — disse ele.

Ela o puxou para junto de si, enrolando a toalha ao redor de seu corpo.

— Bem, venha.

Entretanto, ainda não haviam dado um passo, e ela ficou gelada. Mario retirou a toalha da cabeça.

— Está ouvindo alguma coisa?

— Não.

— O que é?

— Nada — disse Rynn. Contudo, ela tremia.

— Não fique tão preocupada. A chuva não vai empurrar toda a terra lá no quintal. — Enlaçou-a com o braço. Agora era ele quem a ajudava a subir as escadas.

— Vamos, não se preocupe. Eu cavei muito fundo. Rynn estava tensa, imóvel. Pior do que o receio de que a terra, ao descer, pusesse à mostra aquilo que estivera na adega, outro medo a assaltava.

Articulou as palavras com dificuldade:

— O guarda-chuva. Esquecemos o guar...

— Ele está *junto* com ela.

Do andar onde estavam, ouviram a campainha do telefone na cozinha, que chamava repetidamente, já ultrapassando os minutos regulares nos quais qualquer pessoa teria desligado. Enxugando os braços com a toalha, Rynn precipitou-se escada abaixo e pegou no fone.

— Alô?

Não havia perdido a chamada, pois quem quer que estivesse do outro lado da linha não disse nada. Silêncio. Com aquele instinto que nos permite chegar a conclusões mais rapidamente do que o exame dos fatos, ela compreendeu que Frank

Hallet se encontrava em algum lugar, naquele sábado chuvoso, e que era sua a respiração que ouvia do outro lado da linha. Controlando-se para tornar a voz clara, falou, e sua voz era calma demais para ser natural.

— Sr. Hallet?

Onde estaria ele? Na agência imobiliária? Em casa? Em um telefone público? Em algum lugar? Não importa. Ele sabia onde ela estava e esperava.

— Eu sei que é o senhor, Sr. Hallet. Agora à tarde todo mundo está no jogo de futebol. — Falou com superioridade, como as senhoras inglesas ao se dirigirem às vendedoras e serventes. — Sr. Hallet, devo lhe dizer que contei a meu pai os acontecimentos do último sábado à noite. Sinto dizer-lhe que ele achou necessário levar o seu comportamento ao conhecimento da polícia. Neste instante a minha casa está sendo vigiada.

Devia ter desligado logo, mas permaneceu na linha, e então compreendeu que havia ficado um segundo além do necessário. Do modo como cortara a ligação, não queria que o homem se certificasse, além do que já o suspeitava, do terror que ela estava experimentando.

No vestibulo apanhou as roupas molhadas de Mario e as levou para a lareira. Deixou cair as botas enlameadas, estendeu a camisa nas costas da cadeira de balanço e colocou as meias no braço da cadeira. Depois sacudiu as calças, colocando-as entre a mesinha e a lareira.

Com o atizador socou pedaços de jornal nas brasas, esperando até que o papel pegasse fogo. Retirou também da caixa de lenha algumas lascas de casca de árvores, colocando-as sobre uma outra acha. Junto ao estéreo apanhou um disco. Com o volume regulado no ponto baixo, o *Concerto para piano* de Liszt ressoou pela sala.

Uma das meias escorregou do braço da cadeira de balanço. Apanhou-a e seu dedo passou por um buraco no calcanhar.

Ao ouvir passos na escada, virou-se.

Naturalmente estava sendo vítima de uma ilusão, mas, por um momento, viu a silhueta de seu pai com o cachimbo na boca.

— É um bonito roupão — disse Mario. — E me assenta bem.

Largando a meia na cadeira, Rynn correu para a escada e viu-se diante do rapaz com uma toalha enrolada no pescoço. Mario tirou o cachimbo da boca, e o entregou a ela.

— Encontrei-o no bolso.

Os dedos de Rynn se fecharam sobre o cachimbo, contornando-o e sentindo sua forma, que lhe era tão familiar. Estendeu a outra mão ao rapaz.

— Venha se aquecer junto ao fogo.

À luz das chamas, ajoelhou-se atrás dele para secar-lhe os cabelos com a toalha.

— Quem chamou?

— Ninguém.

— Rynn?

Continuava esfregando-lhe a cabeça.

— Estou dizendo a verdade. Quem telefonou não disse uma palavra.

— Hallet?

— Naturalmente.

— Patife — disse Mario num acesso de tosse.

— Você ainda está tremendo.

Tirou uma manta de entre as almofadas do divã e o enrolou nela.

— Aqui. Mais perto do fogo. E... por favor, Mario, não fique tremendo desse jeito.

— Está bem — respondeu o rapaz, como se pudesse controlar o frio que o banho quente, o roupão de lã e o cobertor não tinham podido dissipar.

— Você está gelado.

Passou a mão pelos ombros dele, por entre o roupão, até o peito, que ela começou a friccionar.

— Está se sentindo melhor?

Quando o braço de Rynn passou pelo seu rosto, ele o beijou. Era a primeira vez que seus lábios a tocavam. Aquele contato introduziu um silêncio que nenhum dos dois pôde romper.

Com as mãos espalmadas ela lhe acariciou o peito, passando ao torso delgado e aos músculos do estômago, que se retesaram à leve carícia.

— Está escurecendo — disse ele; mas o som de sua voz embargou-se na garganta. Rynn pousou a cabeça em seu peito, as mãos lhe acariciavam as costas, deslizando até os ombros. Quando novamente voltaram ao seu peito, ao torso e ao estômago, fremente, ele abafou um grito.

O hálito de Rynn era quente quando lhe segredou ao ouvido: — Mario... Ele não respondeu.

— Se você quiser... — disse, em voz tão débil que ele não poderia ter ouvido — eu vou para a cama com você.

Sem ousar olhar para ela, Mario pigarreou.

— Ou, se você preferir, ficaremos aqui, junto à lareira. Mudarei o divã.

Levantou-se e começou a empurrar a mesinha para um lado, virando o divã para colocá-lo diante do fogo. Ergueu o braço para apanhar a manta e estendê-la sobre as almofadas, mas Mario a enrolou no corpo. Fez como ela pedira: sentou-se no divã, a cabeça baixa, pendente entre os ombros recurvados. Não a viu retirando o suéter preto e puxando o zíper dos *jeans*, deixando-os escorregar pelas pernas bronzeadas. Deitou-se no divã ao lado dele e puxou o cobertor sobre os dois.

Aconchegou-se a ele, o rosto encostado no seu pescoço. Sentiu-o tenso, aguardando o que ela lhe iria dizer.

— Está melhor?

Balançou afirmativamente a cabeça, mas não falou. Passou o braço ao redor dos ombros dela e os dois ficaram enlaçados, olhando para cima, onde as luzes faziam ondular as sombras das tábuas do teto. O concerto terminou num crescendo, numa explosão de notas tremulantes. O estéreo parou.

Agora o único ruído era o da chuva no telhado.

Mario começou a tossir, tossia sem parar, tapando a boca com a mão. Os dedos de Rynn pousaram em seus lábios.

— Psiu... — disse num sussurro.

Ficaram observando as sombras crescerem no teto à medida que o fogo diminuía.

— E os seus cabelos — disse ela.

— O que têm eles?

— Estão secos?

A pergunta foi um pretexto para passar os dedos pelos seus cabelos emaranhados. A mão se deixou ficar, acariciando-lhe a cabeça. Os músculos do pescoço de Mario estavam rígidos.

— Mario, o Mágico?

— Eu sei o que você vai perguntar.

— Você já fez isso?

— Centenas de vezes.

— Como eu e o haxixe — disse ela, virando-se para beijá-lo no pescoço. Sua mão deslizava pelo rosto dele.

Entretanto Mario não riu. Ela deixou a mão cair em seu ombro.

Conservaram os olhos fitos nas tábuas do teto, agora totalmente na sombra.

Passou-se uma hora? Duas horas? O fogo se extinguiu, e as brasas. Rynn tremia. Um único cobertor não era suficiente para os aquecer.

Sustentando-se no cotovelo, ergueu-se e olhou para Mario. Surpresa, viu que seus olhos estavam marejados de lágrimas.

— Vou buscar um outro cobertor — murmurou Rynn. Mario balançou a cabeça e Rynn se surpreendeu com

seu silêncio. Ficou tanto tempo sem dizer nada, que lhe veio a idéia de que ele desejava, talvez, que ela o deixasse.

— Quando você se aquecer vai se sentir melhor — disse. — Será maravilhoso, realmente, você vai ver...

Quando ela se levantou, ele virou o rosto, os ombros sacudidos pelos soluços.

Voltando ao divã, Rynn ficou completamente imóvel. A última vez que se

aproximara dele, sentira-o recuar. O que podia fazer?

— Mario?

O rapaz se sentou e, curvando o corpo por cima da cadeira de balanço, pegou a camisa ainda molhada.

— Mario?

Não respondeu. Vestiu a camisa. . Foi ela quem procurou uma desculpa. —
Estão esperando por você para jantar?

Abotoando a camisa, ele fez com a cabeça um sinal afirmativo.

Jamais as palavras foram tão impotentes.

— Mario?

O rapaz deixou as pernas muito brancas deslizarem pela borda do sofá.

Não podia deixá-lo partir!

Todos os seus instintos instavam-na a dizer alguma coisa, qualquer coisa, para que ele parasse de abotoar aquela camisa...

— Você não teve culpa — disse Rynn, e logo sentiu que ele ficou tenso ao ouvir aquelas palavras. Desejou ardentemente ter ficado calada. Poderia não ter falado nada, ter contido os seus instintos. Até aquele dia, os instintos não lhe haviam falhado. Agora já começavam a traí-la. O que deveria ter dito? Pelo espaço de uma hora não disse nada, ou quase nada, e isso também não ajudou.

Mario enfiou uma perna na calça, levantando-se para colocar a outra.

Rynn ousou falar mais uma vez, apenas porque não podia suportar o silêncio.

— Seria tão horrível assim se você não se fosse? Quero dizer... se sua família descobrisse tudo a nosso respeito?

Como se estivesse nervoso com a camisa, puxou-a bruscamente até os quadris, suspendendo o zíper da calça.

— Mario!

Calçava a meia molhada e procurava a outra.

— O seu tio Ron sabe...

— Eles iriam querer saber tudo a seu respeito. Tudo! E eu não sei mentir tão bem quanto você.

"Não era sua intenção magoar-me", murmurou Rynn para si mesma.

Ele apanhou os sapatos molhados.

— Como seu pai disse naquela última carta. Quando é que eles vão deixar as crianças fazerem o que desejam?

Ela se levantou. Seus pés nus sentiram a laje da lareira. Enrolou-se no cobertor. Sem uma palavra, seguiu-o quando ele se retirou da sala, impossibilitada de impedir que ele saísse com a bicicleta pelo vestíbulo e abrisse o ferrolho da porta.

Lá fora caía uma chuva miúda, as gotas brilhavam à luz da lanterna. Entregou-lhe o impermeável de seu pai, Mario vestiu-o, levantando a gola até as orelhas para

se proteger da chuva.

— Depois você vai voltar? Será que ele escutara?

Rynn ouviu que ele tossia. Mario montou na bicicleta e desapareceu no meio da noite. A menina fechou a porta e voltou para a sala. Enrolando-se no cobertor, ficou sozinha na penumbra.

CAPÍTULO 15

Mais tarde, naquela mesma noite, a casa estava às escuras, iluminada apenas por uma leve incandescência avermelhada na lareira.

Ninguém respondeu à batida na porta da frente.

Uma mais forte; seguida de outra.

No andar de cima uma luz brilhou e Rynn apareceu na escada, enfiando o suéter pela cabeça e puxando-o por cima dos *jeans*. Correu à sala. Na porta, parou.

— Quem é?

— Ron Miglioriti.

Com a mão na maçaneta, fez uma pausa para olhar a sala. O divã havia sido retirado de junto da lareira, voltando ao seu primitivo lugar. As roupas de Mario não estavam mais ali, mesmo o cobertor havia sido levado para o andar de cima. Nada na sala, absolutamente nada que não pudesse ser visto pelo policial. Portanto, não havia razão para não abrir a porta.

Miglioriti estava em traje civil, o que vestira no sábado anterior. Apenas a camisa era diferente. Devia ser nova, enfeitada de renda na gola e nos punhos.

— Olá! — disse com seu sorriso largo. — Até parece a minha visita habitual aos sábados.

Rynn se afastou da porta, como se quisesse dizer que tudo estava perfeito, que se o policial desejasse entrar na sua casa, seria bem-vindo.

— Você está bem?

— Naturalmente, estou muito bem.

O sorriso de Miglioriti se transformou em um riso amplo e maravilhoso.

— Esta é apenas uma visita de inspeção.

— Eu agradeço, mas... realmente... o que eu quero dizer é que o senhor não devia se incomodar tanto por minha causa. — Ela se perguntava se o policial havia notado como ela falava igual a Mario quando usava sua expressão habitual "Eu quero dizer". Duvidava. O homem estava por demais preocupado em tornar natural,

não oficial, tudo o que ele dizia.

— Eu apenas passava por aqui...

— Aceita uma xícara de chá?

— Não posso ficar.

— Talvez a sua dama das curvas ondulantes esteja esperando. Desculpe-me se estou repetindo as palavras de Mario. Sou muito chata, não é?

— Isto é uma coisa que você nunca será.

O que queria dizer com isso? Será que ele queria dizer que ela era outra coisa? Não, não tinha intenção de dizer isso. Os americanos às vezes falam inglês de uma maneira tão vaga. Nunca se podia saber o que as pessoas realmente queriam dizer. Ela odiava isso.

Miglioriti passava os olhos pela sala. Rynn acendeu as luzes para que o homem pudesse ver que tudo estava em ordem.

— Você está só? — perguntou.

— Meu pai está aqui.

Miglioriti não disse nada, porém continuou examinando a sala, sem responder.

Ela sabia que ele se calara porque a resposta seria o princípio de uma série de perguntas e respostas sobre seu pai, nenhuma das quais ele poderia aceitar como verdadeira. Fizera isso duas vezes. Não se arriscaria a fazer o jogo uma outra vez. Uma terceira vez, jamais.

— Rynn, creio que agora você compreende o fato de eu não acreditar no que você tem dito sobre seu pai.

— Não? — Sua voz era mais do que fria, era quase altiva.

— Ouça, entendo que você queira dar a impressão de que seu pai está em casa quando Mario está presente. Isto é, você não precisa me dizer como se comenta tudo nas pequenas cidades. Mas o que eu não posso compreender é a sua insistência em continuar com essa farsa quando nós dois sabemos que seu pai não está aqui. Seu pai não tem estado aqui...

A menina fitou-o bem nos olhos, com um olhar que o estarreceu. Passou a mão pelos cabelos.

— E não me olhe como se eu tivesse dado um pontapé em Sua Majestade, a rainha, ou coisa parecida. Não acreditei em você na primeira vez que me disse. Olhe, eu esperava que você fosse me ajudar. Tenho esperado que você me diga onde ele está.

Ela continuou olhando para ele, sem responder.

— Agora você vai me ajudar, não?

— Gostaria de saber se você tem consciência do seu ar protetor.

— Desculpe-me se tenho essa aparência, mas você ainda não me falou francamente. — Aproximou-se da porta do escritório. — Se eu tentar abrir esta

porta, você vai me dizer que ele está lá dentro, trabalhando?

— Não, mas ele *estava* trabalhando. Estava traduzindo. A tarde toda.

— Está bem. — Miglioriti não pôde ocultar seu aborrecimento por tê-la deixado retomar o seu jogo. Com uma paciência exagerada, como alguém que já contou uma história mais de uma vez, repetindo-a até ficar enfastiado, disse: — Mas ele não está, não é? Não importa. Não tenho toda a noite diante de mim. Olhe. O que você está fazendo é lá com você, mas...

— Já transgredi alguma lei?

— Que eu saiba, não.

— Fiz algo de errado?

— Rynn, por que você não me diz a verdade sobre seu pai?

— Você não está fazendo sua amiguinha esperar?

— Isso é comigo.

Sacudiu a cabeça com tamanha arrogância, que os cabelos lhe caíram sobre as costas. Uma das mãos alisava a mecha que ficara no ombro.

— O que deseja saber?

— Quero saber onde está seu pai.

— Agora?

— Sim.

— Ele está lá em cima, descansando.

Miglioriti não mais sorria. — Olhe. Já estive nesta casa três vezes e em todas elas fiquei impressionado com sua habilidade em escolher as palavras. Como você é cautelosa para dizer a verdade! A meu ver, cautelosa *demais*.

— Então não acredita que ele esteja lá em cima?

— Sinto dizer que jamais acreditei numa única palavra do que você disse.

A menina correu para o pé da escada.

— Pai? — subiu alguns degraus e repetiu: — Pai? Antes que Miglioriti pudesse se certificar de ter ouvido alguma voz responder, Rynn desceu correndo os degraus e atravessou o vestibulo.

— Ele já vai descer.

— O Sr. Jacobs? — A voz forte de Miglioriti ressoou na casa como um estampido.

Rynn: — O senhor tem toda a razão. Nem sempre tenho dito a verdade. Isto porque. . . — baixou os olhos para o seu suéter preto, ao mesmo tempo que o puxava para cima da calça — a verdade é que meu pai nem sempre está bem. — Parou, como se houvesse outras coisas, muito mais, que ela não pudesse dizer.

O policial declarou que iria esperar, e ouviria tudo o que ela pudesse dizer.

— Como sabe, os poetas não são como as outras pessoas.

— Há precisamente um minuto você *me* acusava de tomar atitudes

condescendentes.

Ela não se desculpou. — Talvez você nem se dê conta. O que eu quero dizer é que Edgar Allan Poe era viciado em bebida, Dylan Thomas morreu de tanto beber, Sylvia Plath se matou.

— Falávamos de seu pai.

— Meu pai — disse Rynn — às vezes vai para o seu escritório, que dá para o vestibulo, e fecha a porta a chave. Ele guarda alguma coisa dentro da gaveta. Não adianta me perguntar o que é, eu não sei; mas quando ele se tranca no quarto é porque não quer que eu o veja no estado em que fica.

Na fisionomia de Miglioriti não transparecia nem crença nem dúvida. A menina caminhou com ele até a porta, mas esta não se abriu.

— Se ele não está lá dentro, por que a porta está fechada?

— Você não acredita em mim quando digo que ele está lá em cima?

— Quero entrar naquele cômodo.

— Será que a polícia na América pode, sem mais nem menos, arrombar as portas? Não precisaria de um mandado judicial, ou algo parecido?

Ele estendeu a mão: — Por favor, dê-me a chave. A menina correu para o pé da escada. — Papai!

— Dê-me a chave! — Miglioriti repetia. Rapidamente, Rynn exclamou: — Está lá em cima. Está com ele!

— Então vá buscá-la!

Raivosa, virou-se e subiu as escadas.

Durante sua ausência Miglioriti inspecionou a sala de estar. Suspendeu as almofadas sobre o divã. Nada encontrando, colocou-as novamente em seus lugares. Abriu a caixa de lenha, fechando-a em seguida. Pegou no livro de poemas sobre o consolo.

— O senhor pediu a chave.

Virou-se e viu Rynn, de pé no vestibulo, com um objeto brilhante na mão.

Colocando o livro no lugar, encaminhou-se em direção à menina, pegou a chave, atravessou o vestibulo e, chegando à porta, meteu-a na fechadura. Estava dando volta na chave quando ouviu uma voz que partia do topo da escada.

— Sim, senhor agente de polícia?

Espantado, Miglioriti se voltou e olhou para cima. Viu, iluminada pela luz da escada, a silhueta de um homem de roupão e calça de flanela cinza. Desceu uns dois degraus, depois se apoiou no corrimão.

— Desculpe-me se não vou até onde o senhor está, mas não me sinto muito bem.

— Papai, este é o agente de polícia Miglioriti, de quem já lhe falei.

— Boa noite, senhor — o policial conseguiu dizer —, sinto incomodá-lo.

— Não se preocupe. Eu é que tenho de pedir desculpas. Era minha intenção agradecer-lhe por ter vindo até aqui, embora, francamente, duvide que minha filha e eu sejamos merecedores de tanta solicitude de sua parte. Rynn, não fique aí sem fazer nada, sirva uma bebida ao nosso amigo.

— Não, muito obrigado, senhor. — Miglioriti foi até a escada e, quando a luz iluminou o rosto de Jacobs, o policial viu seus longos cabelos grisalhos de poeta e a barba cuidadosamente aparada.

— Confesso que estou um pouco cansado. Creio que essa sua cidade de Nova York não é um lugar particularmente tranqüilo. Mas, como dizem, isto é um simples pormenor. Ern que poderíamos ser-lhe útil, minha filha e eu?

— Não há problema, senhor. — Miglioriti passava a mão pelos cabelos, olhando em direção à porta. Rynn percebeu que, por mais que relutasse, o homem não conseguia ocultar seu desejo de sair logo daquela casa.

— Rynn, vá ao meu quarto e me traga um dos meus livros, sim?

A menina empurrou a porta que Miglioriti abrira com a chave.

— E uma caneta — gritou o poeta.

Quando ela voltou com o livro e a caneta, o homem de barba estava na escada apoiando-se na parede. Continuou a falar:

— Tenho de lhe pedir desculpas por nos termos desencontrado. — Estendeu a mão na direção da menina. — Rynn me disse que nós lhe prometemos um exemplar autografado.

— Tossiu.

— Pode fazer-me o favor de soletrar Miglioriti?

— Pode pôr Ron, que ficará bem.

— Pois não.

Jacobs escreveu no livro, entregando-o a Rynn, que o levou ao policial.

— Rynn me disse que há uma moça esperando-o no carro. Será que ela gostaria de um exemplar do meu livro?

— Ela não é exatamente o tipo de pessoa que goste de poesia. — Miglioriti riu.

O homem na escada levou algum tempo para entender o chiste, finalmente começou também a rir. Miglioriti virou as costas, dirigindo-se para a porta. — Muito prazer em conhecê-lo, senhor.

Na escada o homem, levantando a gola de seu roupão, disse-lhe adeus com a mão.

— Tive muito prazer em conhecê-lo, senhor. A menos que tenha de voltar à Inglaterra muito breve para tratar de um negócio, creio que vamos nos encontrar mais vezes...

— disse com um riso abafado — socialmente, quero dizer.

— Boa noite, senhor.

— Boa noite. — Parecia muito cansado, mas sua despedida tinha uma jovial entonação inglesa; voltou-se e, lentamente, subiu as escadas.

Na porta Miglioriti voltou-se para olhar Rynn.

— Creio que tenho de lhe pedir desculpas.

— Por quê? Por cumprir o seu dever?

Ele lhe entregou a chave.

— Boa noite. — Abriu a porta e desapareceu na noite escura.

— Boa noite — respondeu Rynn.

CAPÍTULO 16

Rynn ficou olhando a radiopatrulha desaparecer na rua, fechou a porta devagar, passou a chave e, com uma súbita gargalhada, subiu correndo as escadas de três em três degraus.

— Mario, o Mágico!

Exultante, correu para o seu quarto e parou à porta, determinada a fazer durar sua alegria. Deixou-se ficar encostada na almofada da porta. Seu quarto era branco e amarelo. A madeira esculpida e o teto inclinado eram de um branco imaculado. Cortinas em tom amarelo-vivo estampadas de pequenas rosas brancas refletiam a luz amarelada da lâmpada, alegre como o sol de maio. Na cama a colcha, cujas pontas desciam até o chão, compunha um conjunto fulgurante de cores amarelas e brancas.

Sua cama. Para ela só, sempre só. Mas agora Mario, envergando o roupão de seu pai, estava sentado, à beira da cama, com uma caixa de lenços de papel amarelos no colo.

— Sua voz — disse ela — estava perfeita! Tão profunda.

— É por causa desse maldito resfriado. — Colocou o papel na boca para reter um espirro.

— Eu quero dizer que você falava com um sotaque perfeitamente inglês.

— Os diálogos escritos por você são muito bons. — Voltou para a menina o perfil barbado, pôs o cachimbo na boca e falou como o fizera com Miglioriti: — "Rynn me disse que nós lhe prometemos um exemplar de meu livro".

— Absolutamente sensacional! — Irrompeu em gargalhadas, os olhos brilhantes de felicidade.

— "Como é que se soletra Miglioriti?"

— Essa idéia foi sua! — Riam gostosamente e Rynn quase caiu, eufórica, quando se dirigia para a cama.

— Mais do que extraordinário foi a coincidência de todas as coisas. O seu tio Ron não vai fazer isso, mas se ele levar o livro até o banco ou a agência imobiliária

dos Hallet para comparar a assinatura no cheque ou no contrato de locação, não tem importância, é um exemplar que papai já havia assinado!

Mario tornou a espirrar no Kleenex.

— Pois sim! Você não é apenas excelente ator, mas ainda um maravilhoso falsário.

Devagar, com um cuidado de quem estivesse suspendendo a crosta de uma ferida já cicatrizada, Mario retirou o bigode e a barba.

Rynn despiu o suéter preto, tirou a calça e, arrancando a barba do rapaz, pendurou-a numa das traves da cama. Ao olhar para ela, os dois caíram na risada.

Quando Rynn ficou mais calma e pôde falar, disse: — Se você não tivesse voltado, como é que eu poderia saber que seu tio Ron viria aqui à noite?

— Eu teria telefonado.

— Não. Você não deve. Nunca. Isto já ficou decidido.

Ela desatou o cinto do roupão de Mario, afastando a gola de seu pescoço.

— De qualquer forma eu teria voltado.

— Eu esperava que você voltasse.

— A não ser que...

— Meu querido, eu *sei*!

— Depois do que aconteceu, ou não aconteceu a primeira vez. . . você não sabe como um homem se sente. Meu Deus, eu tive realmente medo de que aquilo recomeçasse.

Rynn beijou-lhe as espáduas brancas.

— Ah! eu teria dito a meu tio o que é que ele estava interrompendo, certo?

Com o rosto junto às costas de Mario, sua voz ficou abafada:

— Um cavalheiro — falou com um exagerado sotaque inglês — não faz confidências, não conta nada. Jamais!

— Talvez na Inglaterra eles não digam, mas aqui os rapazes nunca silenciam sobre isso.

Retirando o rosto das costas de Mario, ficou observando o rapaz despir o roupão e deitar-se de costas no travesseiro; um largo sorriso iluminava-lhe o rosto.

— Aposto que metade... diabos! quase todos os rapazes no time de futebol só falam sobre isso! — Seus olhos encontraram os de Rynn. A luz que filtrava através do abajur amarelo os tornou mais verdes do que jamais havia visto.

Com a mão no rosto de Rynn, começou a contar as sardas com a ponta do dedo.

— Você sabe que eu jamais direi nada.

Com o dedo ela traçou duas linhas no torso nu de Mario.

— Pronto! Você acabou de fazer um juramento.

— O que eu digo é verdade, Rynn.

Ela sorriu, mas sentiu que lágrimas quentes lhe molhavam os olhos:

— Como é que você pode achar que eu não tenho confiança em você?

Enquanto falava com Rynn, os olhos pretos de Mario estavam sérios como nunca. — Eu quis dizer que muitos jamais passaram pelo que nós passamos, nem mesmo durante toda uma existência.

Rynn beijou-lhe de leve a nuca.

— Ninguém saberá nada a nosso respeito.

Moveu-se, mas apenas para puxar os lençóis até os ombros. Apoiou o queixo no peito de Mario para que pudesse ver-lhe o rosto.

— Vê como eu necessito de você?

— A menos... — disse Mario, com um sotaque inglês

— a menos que eu tenha de voltar à Inglaterra a negócios, sem dúvida nos veremos.

— O problema — a voz da menina era distante, hesitante como a voz de alguém formulando o temor que está sentindo — é que eles estarão sempre rondando os lugares onde estivermos.

— Eles quem?

— Você já perguntou isso antes.

— Você não respondeu.

— Todo mundo. Para começar, sua família. O seu tio.

— Os lábios de Rynn mal conseguiram pronunciar: — Hallet.

Mario sabia que ela tinha mais alguma coisa a dizer.

— Eles já perguntam por que razão quase nunca me vêem no povoado. — Sorria para si mesma. — Mas não podemos permitir que façam a mesma indagação a seu respeito.

— Por que está sorrindo?

— Você... eu.

— Não, você estava pensando noutra coisa.

— Emily Dickinson.

— O fato de ela sair de casa só quando a obrigavam.

— A não ser que a necessidade me leve pela mão.

— Você acha que ela tinha um amante escondido no quarto?

— Faço votos que sim — disse rindo, pousando os delicados lábios nos dele.

— Contudo — murmurou —, temos de ser cautelosos.

— Sim.

— Precisamos ser previdentes. Estaremos prontos para enfrentá-los a qualquer momento.

— Rynn?

— Hum?

— Você acha que poderemos?

— Evidente.

— Eu quero dizer... viver sua vida. Lembra-se de quando lhe perguntei se fazer o jogo deles *seria* uma coisa horrível para você?

Afastou os lábios. Agora seus olhos o desafiavam.

— Se fizéssemos o jogo deles, neste minuto você estaria comendo o horrível macarrão da mamãe e assistindo a uma detestável televisão. E eu estaria só.

Mario virou o rosto e ficou olhando para o beiral do telhado.

— Mario?

— Hum?

— Você compreende, não é?

— Sem dúvida.

— Penso que foi por esse motivo que você fez tudo aquilo. Se não continuarmos como estamos agora, ficaremos como todos eles. Você já olhou para eles?... Você olhou realmente? Você não quer ser como eles, não é?

— Creio que não.

Apoiando-se no cotovelo, ergueu-se para olhar o rapaz.

Sem fitá-la nos olhos, Mario disse muito rápido: — Você nunca pensou que talvez eu não estivesse jogando o seu jogo?

— Você o fez porque quis!

— Fiz porque a amo!

Rynn olhou com atenção.

— Você quer saber de uma coisa?

— O quê?

— Você está fazendo tudo para não espirrar. — Estendeu a mão por cima dele e pegou um punhado de lenços de papel.

O rapaz agarrou rápido os lenços de papel antes que o espirro explodisse.

— Você vai apanhar o meu resfriado — disse.

— Seria difícil não pegar. — E para provar que não se importava, beijou-o freneticamente na boca. E era verdade. Sua testa, o rosto inteiro, ferviam.

— De fato você está muito quente.

— Não é para menos! Ambos riram.

— Mario?

— Hum?

Esse "hum?" muito inglês era uma das coisas que aprendera com Rynn.

— Eu estava mentindo quando lhe contei que não me importava de ficar só.

Com mais doçura do que ela, Mario beijou-lhe o rosto, e os olhos, um lugar que até então ela jamais pensara pudesse ser beijado. Sabia que ele sentia o gosto das lágrimas que lhe escorriam, quentes, pelos cílios cerrados, descendo pelas faces.

Rynn se alternava entre lágrimas e risos, porque, diante de tudo quanto estava

acontecendo, seus sentimentos sofriam, em tão pouco tempo, uma alteração tão grande que ela não tinha nem meios nem tempo para refletir sobre a razão das coisas... tanta coisa estava acontecendo.

— Procuro ser corajosa, como meu pai me pediu para ser; mas às vezes fico tão aterrorizada com tudo!...

— Psiu... — Os lábios de Mario a fizeram calar.

— Meu querido, você me promete que jamais irá embora?

O corpo firme de Mario colou-se ao dela, dos pés à cabeça.

Variável como o riso e as lágrimas de Rynn, o corpo de Mario ardia intensamente um minuto, e logo tremia de frio.

Dando-se mútuo reconforto, compartilhavam tudo, até tornar-se impossível saber quem consolava e quem recebia consolo.

CAPÍTULO 17

— Este cheiro de folhas queimadas me faz lembrar de Londres. — Rynn falava com o policial Miglioriti numa tarde de sol, mas tão fria que a menina recorrera ao seu casaco de pelúcia. — Todas essas folhas... na verdade todas as folhas do mundo devem morrer para que no ano que vem a gente possa desfrutar outra vez de um outro mundo cheio de folhas.

O policial Miglioriti não viera falar de folhas de outono e, embora tentasse demonstrar que sua visita não fora planejada, começava a se impacientar.

Rynn podava os crisântemos, cortava galhos secos das zínias e ia empilhando as folhas que logo viravam chama vermelha da qual a fumaça branca escapava em espirais.

Havia visto o carro-patrolha aproximar-se pela rua, através da nuvem de fumaça. Antes que o motorista pudesse avistá-la por trás dos arbustos, correu para dentro de casa e acendeu um cigarro, com a intenção de impregnar o interior com cheiro forte de fumo. Pela janela viu o policial estacionar o carro. Certificando-se de que a sala já estava repassada do cheiro forte do cigarro francês, ela correu para fora a fim de jogá-lo na pequena fogueira de folhas secas antes que Miglioriti aparecesse na calçada.

— Que belo dia — disse o policial.

— Lindo!

— Os ingleses — disse a menina — adoram jardins.

Conversaram banalidades, enquanto ela esperava que Miglioriti lhe dissesse a razão de sua visita. Atirou no fogo as bolotas verdes do carvalho e as castanhas douradas. Por fim o policial falou:

— Enquanto o chão ainda está molhado, seria boa ocasião para dar uma olhada e ver se você e seu pai receberam alguma visita.

— Muito bem — disse ela.

— Não quero incomodá-la.

— Não está me incomodando. Gostaria de acompanhá-lo... isto é, se não se importa. Adoro romances policiais. Já leu Agatha Christie? A maior parte dos assassinatos ocorre na Inglaterra e nas mais antigas e suntuosas mansões... e não nos lugares que realmente existem; porém é muito agradável pensar que poderão existir.

Caminharam juntos para o lado da casa.

— Na Inglaterra sempre tivemos jardins. Mesmo em Londres tínhamos um, pequeno, encantador, no fundo do apartamento; cheio de dalias — pronunciava a palavra dália de modo diferente —, de bocas-de-leão, gladiolos, delfínios. Como é que se deve dizer, delfínias?

Aproximavam-se da latada.

— O que estamos procurando? — disse com um entusiasmo um tanto acentuado, como se estivesse compartilhando do jogo do policial. — Marcas de pés?

Com o pé Miglioriti afastava as folhas do chão. Viu logo que não passaria despercebido para o policial que a terra naquele ponto havia sido recentemente revolvida. Como o policial, ela procurava falar despreocupadamente ao explicar que aquilo era um novo canteiro de tulipas que seu pai e ela tinham preparado. Naquele lugar plantaram uma determinada espécie de tulipas, denominadas tulipas-papagaio.

O policial examinou o chão e as folhas esparsas.

— Você conhece essa espécie de tulipa-papagaio? — prosseguiu, como um perfeito jardineiro inglês mostrando seus canteiros aos visitantes. — Têm pétalas rasgadas e um colorido vivo, realmente maravilhoso. Talvez essa seja a origem do nome que lhes deram.

Correndo pela relva seca que crepitava sob os pés, debruçou-se para dentro da janela que ficava debaixo da latada e gritou:

— Papai, é o policial Miglioriti.

Virou-se para Miglioriti: — Não quer entrar? Ele olhou para os lados, apanhou um punhado de uvas amassadas e atirou-as fora.

— Vim aqui para vê-la.

— Estou muito lisonjeada. — Estava esfuziante de alegria.

Miglioriti apanhou uma maçã que ainda pendia de uma árvore espremida contra a parede da casa.

— Se quiser, pode levá-la — disse.

Mas o policial deixou a fruta cair junto da parede.

— Vim aqui para vê-la.

— Sim, você já disse.

— É melhor dizer-lhe que não a entendo em absoluto. — Seus olhos negros fixaram-se no rosto da menina, até que Rynn, vendo a necessidade de fazer qualquer

movimento, puxou o suéter até os quadris.

— Não sei o que não entende!...

As botinas pesadas do policial afastaram um monte de folhas no chão.

— Olhe!

— Impressões de pés?

— Verifique você mesma.

— Elas lhe dizem alguma coisa? Inconcluso — murmurou, sem imprimir qualquer sentido à palavra; uma palavra, porém, muito empregada no seu trabalho de policial: que não levava a conclusão alguma, era o sentido.

Como estivesse de costas, Rynn não lhe podia ver o rosto, mas percebeu que ele ia repetir a mesma coisa, isto é, que não podia compreendê-la. Precisava ficar alerta. Miglioriti disse: — Você não me perguntou por Mario.

Rynn deixou escapar um soluço. Seus olhos se encheram de lágrimas. Miglioriti quebrara sua defesa e era isso que ele desejava.

— Desde sábado... há três dias que não sei...

— Você não sabia?

— Sabia o quê?

— Ele está no hospital.

Ela fechou os olhos e ficou esperando.

— Pneumonia.

— Eu nem sabia. É grave?

— Se não fossem os antibióticos provavelmente estaria morto.

— *Ninguém me disse!*

— Sinto muito. Pensei que você soubesse.

— Como é que eu podia saber? Você devia ter-me comunicado imediatamente!

A menina não mais lutou para se controlar. Na sua dor, esqueceu o que havia debaixo da terra sobre a qual estava naquele momento.

— Aqui tão longe, nesta rua, você fica muito afastada.

— Preciso vê-lo!

— Você pode ir agora?

Rynn já corria pela rua em direção ao carro policial. Miglioriti andou até a pilha de folhas em combustão pisando-lhes em cima para apagar o fogo.

Rynn já o esperava no carro. — Você o viu? O policial anuiu com a cabeça.

— Como estava ele?

— Delirando. Murmurava coisas. Falando alto.

Rynn estava gelada, sem pensar em nada, o coração batia-lhe em descompasso.

— Falando coisas desconexas.

— Como?

— Sobre vocês dois.

— O quê?

— Dizendo o quanto ama você.

Rynn chorava e as lágrimas molhavam seu rosto, tornando-o brilhante. Pegou um pente, passou-o pelos cabelos, pôs de novo as mãos no bolso.

— Preciso levar minha bolsa. — Voltou correndo para dentro de casa.

Quando descia as escadas, deu com Miglioriti na sala de estar fechando a caixa de papelão onde estavam os potes de geléia.

Esperou-o no vestibulo.

— Estou pronta.

Mas o policial demorou mais tempo com a caixa na mão.

— Ela nunca veio buscá-los?

— Quem?

— A Sra. Hallet.

— Não.

— Ela disse ao filho que viria aqui.

— Nunca veio. Podemos partir para o hospital, agora?

— Ela não deve estar precisando deles. — E, a seguir, acrescentou rápido: — Esta é apenas uma opinião pessoal, compreende?

Rynn manteve a voz firme, mas nos bolsos suas mãos suavam frio.

— Você... a encontrou?

— Ainda não.

— Mas você disse...

Ele empurrou a caixa com o pé. Os potes tilintaram. Depois passou pela mesinha, por cima do tapete.

— Bem, mais uma vez esta é apenas uma opinião pessoal; se você repetir, terei de negar; no entanto, acho que jamais a encontraremos.

— Não? — Ela morria de vontade de perguntar *por quê*, que razão tinha, o que o fazia pensar que ninguém iria encontrar a Sra. Hallet.

— Hoje de manhã avistei Hallet. Ele dirigia o Bentley da mãe.

Em voz bem natural Rynn perguntou: — E por que ele não poderia?

— Bem, vamos. Podemos conversar sobre isso no carro. Está pronta?

Rynn correu para a porta do escritório e bateu.

— Papai, vou ao hospital com o policial Miglioriti para ver Mario. De lá telefonarei para dizer quando estarei de volta. Até logo! — Fechou a porta à chave, desligou a luz de fora e passando pela fumaça da fogueira saiu correndo pela rua.

No carro ouvia-se o ruído do rádio com as notícias: "No centro comercial uma mulher fechou a porta do carro com as chaves do lado de dentro".

— O que acha se deixarmos toda a carne que ela comprou degelar — propôs Miglioriti — e formos primeiro para o hospital?

Rynn jamais entrara num carro de polícia. Silenciosa, ficou sentada esperando que o rádio voltasse novamente a falar.

— Você pode ficar descansada a respeito de Mario, ele está sendo muito bem tratado.

— Isso é muito fácil de dizer.

Sem olhar para ela o policial sorriu: — Espero que em circunstâncias idênticas aquela minha loura robusta diga a mesma coisa.

O carro saiu da rua, entrando por uma rua adjacente para ganhar a estrada principal.

— Quando eu estava em sua casa, falávamos de Frank Hallet dirigindo o carro de sua mãe. Você perguntou como é que ele conseguiu as chaves.

— Não — disse a menina —, o que perguntei foi por que razão ele não poderia dirigi-lo. — Rynn rezava para que o rádio comesse a falar, interrompendo-os com algo mais importante do que uma mulher em dificuldades no estacionamento de um supermercado; algo que necessitasse de uma intervenção mais urgente de Miglioriti.

— Mario não lhe disse que a Sra. Hallet não deixava o filho dirigir o carro?

— Acho que sim.

— Você não sabia que depois do seu desaparecimento o carro tem estado fechado? — Rynn compreendeu que cada uma daquelas perguntas escondia uma cilada. E agora que as perguntas eram mais rápidas do que seu pensamento, sua única defesa era o silêncio.

— Ou que tivemos de rebocá-lo em frente ao seu escritório para conduzi-lo à garagem do pai de Mario? — Miglioriti diminuiu a marcha para deixar passar um carro que saía de um cruzamento em marcha à ré.

A idéia de Mario no leito do hospital não lhe saía da cabeça. Estava doente de tanta preocupação, impossibilitada de pensar sobre o que aquele homem estava dizendo; todavia, achava que precisava ter o espírito alerta. Naquele momento, Miglioriti a estaria interrogando ou apenas pensando alto?

O policial esperou que a menina perguntasse como Hallet fizera para abrir o carro; e como não respondesse, ele mesmo fez a pergunta:

— Como você acha que ele conseguiu entrar no carro?

— Chamou um serralheiro?

— Sim — Miglioriti ficou desapontado com a lógica da menina, que desfez tão bem o seu mistério.

— Bom, não é bem isso o que o senhor faria? — a menina perguntou. — É o que eu faria.

— Eu também. . . se esperasse não ver mais a minha mãe.

— Você perguntou a ele?

— Com os Hallet você nunca pergunta. Você *fala* muito delicadamente e,

mesmo assim, nunca os força. Agora Frank Hallet é um homem rico. Vamos ver muitos Hallet passeando naquele Bentley.

— Você não gosta dele, não é?

— Prefiro dizer que estou esperando o dia em que aquele filho da puta faça algo errado. Até lá você tem que se conformar de vê-lo... percorrendo as ruas no carro de sua mãe.

Miglioriti parou diante de um sinal vermelho. Estendeu a mão e abotoou o casaco de Rynn bem rente ao pescoço. — Não, não gosto dele.

Seguiram em silêncio.

— Você quer apostar como ele vai aparecer hoje à noite na tômbola da polícia?

Miglioriti virou o carro para a auto-estrada, porém do lado oposto do povoado. Percebeu a surpresa de Rynn.

— Mario não está na aldeia. O médico acha que ele deve ficar no hospital da cidade.

Isso dava margem para pensar que o estado de Mario era bem pior.

— Você tem dinheiro para voltar, para tomar o ônibus? JRynn aquiesceu com a cabeça.

Os vidros do carro começaram a ficar tão embaçados, que ele teve de ligar o limpador de pára-brisa. Na rua o tráfego era pesado. No sinal Miglioriti parou junto ao meio-fio. Rynn limpou um dos lados do vidro para olhar o gigantesco edifício cinza. Mario estava lá dentro, em algum lugar. Pegou na maçaneta do carro.

— Antes de ir, há algo que gostaria de dizer a você. Ela continuava a perscrutar o enorme hospital.

— Você notou quando eu disse que gostaria de estar aqui quando Hallet desse qualquer mancada e ficasse preso nas suas próprias malhas? Disse isso porque eu não estarei aqui. Você não vai me ver mais.

Rynn, em sua preocupação com Mario, não compreendeu imediatamente o que ele estava dizendo.

— Vou para a Califórnia.

— Mas você trabalha aqui!

— Não trabalho mais. — Tirou o quepe: — Estou resolvido, pedi demissão.

Um aperto na garganta, causado pelo receio, impediu-a de falar, mas afinal conseguiu articular com voz embargada: — Mas você pode? . . . pode largar tudo?

— Não é assim como você diz. Venho pensando nisso há mais de um ano.

Colocou o quepe no assento entre eles, enquanto corria a mão pelo volante.

— Isso significa que perderei o tempo de serviço aqui. Terei de começar tudo outra vez, em San Francisco; mas, me parece, afinal das contas, que este é o passo certo.

— Não!

— Já decidi.

— É por causa daquela moça?

— Ela gosta da idéia de ir morar lá, também.

— Mas você acabou de dizer que vai perder seu tempo de serviço.

— A verdade é que aqui não vejo muito futuro para mim.

Rynn viu que o espaço claro que fizera no vidro se embaçava novamente.

— Sem entrar em detalhes técnicos, existe um conselho que examina todos os casos de promoção.

— E Hallet faz parte desse conselho?

— Não. Porém não posso esperar para descobrir que ele tem amigos que são...

— Você não pode ir!

— Vou sentir falta de você, Rynn.

Continuou sentada no ambiente fechado do carro, com todo aquele calor, sentindo a testa coberta de suor.

— Uma das minhas maiores preocupações é deixá-la. Isto lhe causa surpresa?

Incapaz de responder, Rynn sacudiu a cabeça.

— Nunca me agradou a idéia de ver você, lá na rua, com Hallet rondando... quando eu imaginava que você estivesse só. — A outra mão também passou pelo volante. — Devo confessar que até o dia em que encontrei seu pai eu achava que você estava completamente só. Escute, o que eu realmente não podia compreender era por que... todas as vezes que eu ia lá... você representava uma perfeita comédia para provar a mim que ele estava em casa. Uma parte ficou esclarecida na noite em que descobri tudo sobre você e Mario. Você queria protegê-lo. Perfeito. O que quero dizer é que vocês dois são muito jovens, mas acredito que o que você está fazendo é assunto seu. Entretanto, só depois que conheci seu pai é que pude me tranquilizar a respeito de Hallet. Ao ir lá hoje quis apenas verificar se Hallet havia cumprido sua palavra. Agora que sei que você não está só, posso partir, seguro de que você não corre nenhum perigo.

Rynn não desejava mais nada senão bradar sua necessidade de ajuda. Engoliu as lágrimas.

— Saber que você está bem significa muito para mim, Rynn.

Ficaram silenciosos.

— Virei aqui para dizer adeus a Mario antes de partir, mas provavelmente não terei outra oportunidade de vê-la...

A menina aguardou.

— Então, penso que este é um adeus...

Encostou a face no rosto de Miglioriti. A batida da porta do carro abafou um soluço.

CAPÍTULO 18

"Não sairei da minha casa, a menos que a necessidade me leve pela mão", Emily Dickinson havia dito.

Rynn conhecia os riscos que corria indo ver Mario. Aquela cidade, o hospital, tudo aquilo era o mundo. Não podia se esconder mais na sua pequena casa naquela rua, entre as árvores, onde ela podia se trancar a chave. Como podia saber quem iria encontrar lá? Como poderia estar pronta para as perguntas que lhe poderiam fazer?

Eles. Certa vez Mario perguntara quem eram *eles*. Esse, o perigo que os ameaçava. *Eles* podia ser qualquer pessoa.

A primeira pessoa que encontrou foi a enfermeira da recepção, toda engomada, uma daquelas mulheres gordas, de voz forte, risada fácil, tão solícita, que Rynn até começou a acreditar que era essa espécie de gente que dirigia a América. Estavam em toda parte, eficientes, afáveis e terrivelmente sufocantes.

— Ele está no primeiro andar, no fim do corredor. No quarto 407. Não há perigo de errar. Basta escutar. É no aposento onde parece estar se realizando um casamento italiano. — Acentuou a palavra "italiano".

— Está com visitas? — perguntou Rynn.

A enfermeira lembrava-lhe uma atriz loura do cinema americano que a menina havia visto uma vez, cujo nome porém esquecera. Olhou para um relógio minúsculo no seu pulso largo:

— Na quinta-feira, à tarde? Duvido. Pode subir. Ah, espere um pouco.

A menina assustou-se. Será que algo sério teria acontecido?

A mulher loura entrou no escritório e voltou com um vaso de crisântemos amarelos que entregou à menina.

— Leve-os. Ele vai gostar.

A enfermeira notou que os olhos verdes da menina se dirigiam atônitos para as flores amarelas.

— Vieram para uma outra pessoa que não está mais aqui.

— Muito obrigada — disse Rynn.

A mulher riu. — Ele é mesmo um amor, não é? Se eu fosse você, subiria logo, antes que a família apareça e comece a gritar.

Em frente ao quarto 407 Rynn nada ouviu, até mesmo quando encostou o ouvido na porta. Estava resolvida a voltar mais tarde caso houvesse visitas. Não escutando nenhum ruído, abriu a porta. Lá dentro, um biombo de plástico em forma de acordeão estava meio aberto. Na cama junto à porta um homem gordo parecido com um buda olhava um filme na televisão com os olhos semicerrados. O som estava desligado. Uma menina de uns doze anos, com ar de quem comeu macarrão demais, estava sentada no chão comendo chocolates, que tirava de uma enorme caixa; espalhava em torno de si as forminhas de papel marrom, como folhas de outono.

Um menino da idade de Rynn, uma versão mais robusta de Mario, estava sentado junto à cama. Não despregava os olhos das páginas coloridas de uma revista de história em quadrinhos. Finalmente avistou Mario, muito pequeno, quase perdido no leito de hospital. O rosto não estava tão branco como os lençóis, mas de um horrível cinzento que afligiu o coração de Rynn. Não poderia estar mais desfigurado se estivesse morto, pensou a menina.

Com as flores na mão Rynn olhava para tudo, consternada, dando-se conta, apenas vagamente, de que a menina que mastigava os chocolates levantara a cabeça a fim de olhar para ela, murmurando qualquer coisa. Tentava dominar o pânico. Mario estivera doente, gravemente doente, ela o sabia, e ainda estava no hospital. Porém o que jamais ela poderia imaginar é que Mario, o seu Mario, o Mágico, pudesse ficar assim...

A menina sentada no chão fazia questão de explicar o que ela estava fazendo.

— O Sr. Pierce, o da outra cama, é surdo, para ele tanto faz o som ligado ou não. — Falava baixo. — Minha mãe diz que não devemos fazer barulho quando a gente estiver aqui com Mario; bem, contanto que ele não deixe de dormir. — Estendeu para Rynn a caixa de chocolates. — Tire um. Um desses bobinhos, companheiros de Mario, os mandou.

Rynn fez um sinal com a cabeça, recusando.

— Eu sou Terry, irmã de Mario. Aquele lá, melhorando seus conhecimentos nas histórias em quadrinhos, é Tom. É o único que está realmente doente.

O menino levantou os olhos por cima das histórias do Homem Aranha.

Terry remexeu os chocolates, experimentou um com recheio de merengue, franziu a testa e jogou-o novamente dentro da caixa.

Se ele estivesse tão mal como parecia, será que o hospital permitiria visitas, mesmo que fossem da sua própria família?

— Lindas flores — disse a menina olhando os crisântemos. — Você já esteve

aqui antes?

Rynn conseguiu menear a cabeça, querendo dizer que ela ainda não estivera naquele quarto, não vira Mario naquele estado.

— Agora ele está muito bem — disse a menina tirando um pedaço de noz do dente com a unha de seu dedinho.

Rynn falou finalmente: — É isso que dizem os médicos?

— Sim, embora ele sempre esteja dormindo — Terry respondeu, e continuou a remexer nas forminhas de papel marrom.

— Você o conhece da escola?

O fato de ver Mario lívido, sem qualquer sinal de vida, não era desculpa para dar respostas sem refletir, de modo que Rynn resolveu pesar suas mínimas palavras. Pensava o que iria responder quando o menino das histórias em quadrinhos disse: — Como é que ela pode estar no colégio com Mario?

Rynn ousou virar-se para o menino antes de olhar outra vez para Mario. O que saberia aquele menino sobre eles dois?

— Quero dizer que ele é muito mais velho do que ela. — Depois, dirigindo-se a Rynn: — Quantos anos você tem?

— Treze.

— Ah, sim? O menino enrolou a revista. — Eu também tenho treze anos. Como é que nunca encontrei você no colégio?

— Talvez não frequentemos o mesmo colégio.

— Eu não vou à escola paroquial, e você?

— Também não — disse Rynn.

— Então, como é possível?...

Ela olhou para Mario e sentiu seu coração partir-se.

Tinha apenas vontade de chorar. As perguntas continuaram, muito rápidas, e ela procurava mostrar, ao olhar intensamente para Mario na cama, que sua mente estava unicamente concentrada nele e não em questões sem importância como idade e escola.

— Em que colégio você estuda? — perguntou o menino.

— Aposto como é um colégio particular — disse a menina gorda. — Lá eles ensinam a falar assim.

— Perto daqui? — perguntou Tom.

Rynn fechou os olhos para apagar de sua frente a máscara sem vida de Mario. Precisava pensar. Viu que aqueles dois não mantinham suspeitas, agiam na maneira natural das crianças. Crianças *eram* assim. Lembrou-se de que não conhecia nenhuma criança. Não. Não era verdade. Não conhecia nenhuma, com exceção de Mario. Mas ele não era criança, era uma pessoa, não era uma dessas criaturas que se lambuzam de chocolate, leitores de histórias em quadrinhos, tão inquiridoras. Será

que as crianças inglesas eram assim, terríveis, dizendo a todo mundo tudo o que pensavam? Ouviu o menino perguntar mais uma vez:

— Eu perguntei — disse em tom acusador: — Perto daqui?

— - Não, não fica perto daqui.

— Você é inglesa, ou coisa parecida? — perguntou Terry jogando dentro da caixa mais um chocolate do qual não gostara.

— Sim.

— De onde conhece Mario? — Tom falava com a voz monocórdia dos americanos, que não era nem amigável nem hostil, que apenas constatava os fatos.

— Na verdade, foi assistindo a um de seus números de magia.

Colocando os crisântemos em cima da mesa, Rynn subitamente desejou gritar para aqueles dois que saíssem, para que ela pudesse ficar a sós com o seu Mario. Contudo, acrescentou: - Eu o conheci nas festas. Sábado passado ele fez um número belíssimo.

— Belíssimo — imitou Terry, fazendo um jeito com a boca num arremedo da gente de sociedade.

— Ele é um perfeito cabotino — disse Tom desenrolando sua revista e voltando ao Homem Aranha.

— Você sabe por que ele gosta tanto de fazer magia?

— perguntou Terry, sem dar tempo a Rynn de responder.

— É uma espécie de compensação por ser aleijado.

— É uma merda! — resmungou a voz atrás da revista.

— Certíssimo, do ponto de vista psicológico. Pode perguntar a qualquer um.

Rynn reprimiu uma vontade louca de correr até onde estava Mario e apertá-lo contra o peito. Em vez disso, perguntou: — Os médicos acham que ele vai ficar bom?

A voz atrás da revista interrogou: — Como é que eles podem saber?

— Ele agora está cheio de antibióticos — disse a menina.

— Drogas — corrigiu o menino.

Rynn pensou que se aqueles dois saíssem do quarto, se ela pudesse ficar só com Mario, conseguiria aquecê-lo e fazer com que aquela palidez mortal desaparecesse de sua pele opaca e delicada.

A contragosto, Terry abandonou sobre a mesa a caixa dourada. — Creio que você deve estar pensando que visitar meu irmão não é assim tão agradável, pois ele está dormindo todo o tempo.

Rynn deu de ombros, deixando-se ficar ali com a mão nos bolsos sem poder fazer nada, esforçando-se para conter as lágrimas.

Pela janela, lá fora ela viu cair a noite e as luzes na rua tremeluzirem. A buzina de um carro estridulou ao longe.

— Estamos só esperando por mamãe — disse Terry.

— Ela está atrasada.

Rynn sentiu um arrepio. A mãe de Mario. Aqui? Haveria mais perguntas. Talvez até se oferecessem para levá-la a casa... Lutou contra o pânico que pouco a pouco a invadia. Tom fechou a revista com um bocejo: — Você pode chegar perto dele, a doença não é contagiosa. Ele só está tão cheio de drogas, que certamente ficará viciado, se conseguir sair daqui. — Rindo do seu próprio humor negro, Tom se levantou da cadeira.

— Vá. Se puder, acorde-o. Provavelmente será bom para ele. Você quer que eu feche este troço? — Tamborilou no biombo de plástico.

Rynn olhou para ele através das lágrimas. O sorriso dele lhe lembrava o de Mario. Ele puxou os lados do biombo, fazendo um recanto privativo, enquanto ela se deixava ficar aos pés da cama, imóvel.

Uma única vez Rynn correu, inclinando-se sobre o travesseiro: — Mario?

O rosto de Mario continuou impassível como uma máscara, e Rynn chorou, entregando-se afinal ao completo desalento que sentira a partir do momento em que vira seu rosto.

— Amo-o — disse, falando consigo própria.

O amor não entrara no plano que seu pai e ela estudaram em todos os seus detalhes.

O amor. No crepúsculo desse dia de novembro, sem Mario, ela não podia continuar sozinha. Não podia fazer tudo quanto tinha de fazer. Se ele jamais houvesse estado com ela, então sim, talvez pudesse, mas agora...

Agora a coisa mais importante do mundo era ver Mario emergir daquela máscara cinzenta.

"*Sobreviva*", seu pai dissera. Ela, como poderia ajudá-lo? Se tinha de sobreviver, o que precisava fazer, disse consigo mesma, era parar, parar para pensar. Até então o irmão e a irmã de Mario acreditavam que ela era apenas uma amiga. A qualquer momento uma mulher afastaria o biombo. A mãe de Mario estaria ali naquele quarto. Iria fazer todas as perguntas que não podiam ser respondidas.

Beijou Mario: — Amo-o — murmurou. Depois afastou o biombo de plástico e saiu correndo.

CAPÍTULO 19

Naquela noite gélida brilhavam as luzes da cidade. Rynn não tinha a mínima idéia da direção que tomava, mas sabia que não podia suportar a idéia de voltar àquela casa soturna e fria onde por todos os cantos se defrontava com o rosto lívido de Mario. Ainda não. Desejava correr para se perder na multidão apressada, entre as luzes brilhantes e cálidas.

Na lanchonete, em nada diferente dos inúmeros locais do gênero, com revestimentos de plástico e espelhos brilhantes, que ela e seu pai haviam visto espalhados pelas estradas e ruas americanas, Rynn sentou-se no banquinho diante do balcão e tentou estudar o cardápio coberto de celofane onde dezenas de hambúrgueres saltavam à vista com seu colorido vivo. A garçonete, pouco mais velha do que Rynn, de uniforme cor de abóbora com uma etiqueta trazendo o nome do bar, de plástico como o pequeno avental que usava, apareceu para tomar o pedido. Em tempo inacreditavelmente curto Rynn viu deslizar sobre a superfície lisa do balcão um creme de tomate muito vermelho e quatro torradas bem acondicionadas num pacote de celofane. Imediatamente seguiu-se um *cheeseburger* com uma fatia de pickles, uma folha de alface e um quarto de tomate.

Rynn fechou os olhos para impedir que as lágrimas lhe escorressem pelo rosto. Seu universo agora consistia no rosto cadavérico de Mario.

Ao seu redor, sob a resplandecente luz fluorescente, as vozes ecoavam muito alto. Aquele lugar estava repleto de jovens mães e pais ocupados em alimentar turbulentas crianças com hambúrgueres e batatas fritas que desapareciam sob montanhas de *ketchup* vermelho-sangue.

A custo Rynn tomou algumas colheres de sopa e comeu uma torrada com uma fatia de pickles.

Apesar do estado em que se encontrava, conseguiu pagar a despesa e sair. Começou a caminhar. As luzes brilhavam mas não aqueciam, e logo ela começou a tremer horivelmente, embora estivesse com as mãos enterradas nos bolsos do

casaco. Andava a esmo, como em transe. Algumas lojas estavam abertas, com suas luzes cintilantes, resplandecendo com as primeiras decorações do Natal. Quando se viu diante de uma livraria fechada, então se deu conta de que era exatamente o que estava procurando. A porta estava trancada.

O que viu refletido nas vitrines não era a sua imagem familiar de casaco de pelúcia e *jeans*, mas sim o silencioso rosto lívido de Mario olhando para ela. Então se afastou.

Mais adiante, a fachada de um cinema ostentava suas luzes claras. Como jamais havia entrado sozinha em um cinema, Rynn novamente seguiu o impulso do momento, sem fazer planos, e tirando dois dólares da carteira aproximou-se da bilheteria.

A moça do guichê abanou a cabeça. A menina não podia entrar. Será que uma menina de treze anos não podia ir ao cinema? A moça da bilheteria bateu no vidro do guichê a fim de chamar a atenção de Rynn para um aviso. O filme era impróprio para menores, até mesmo acompanhados.

No outro cinema, tão cheio de luzes como o primeiro, o nome de Walt Disney a encorajou a fazer nova tentativa. Conquanto não apreciasse o gênero, acreditou que poderia pagar e entrar. Na bilheteria um homem emaciado, com óculos sem aro brilhantes à luz, lhe pediu a carteira de estudante, o que apavorou Rynn, e seu medo só se dissipou quando o homem lhe explicou que a carteira lhe daria direito a uma redução no preço do bilhete. Ela comprou o bilhete inteiro e, momentos depois, se encontrou na penumbra acolhedora que cheirava a pipoca. No escuro sentou-se na primeira cadeira e deixou-se envolver pelas cores claras e pela música.

No entanto, tudo aquilo não podia varrer-lhe da mente a imagem do rosto lívido de Mario.

No bar ficara insensível a tudo o que a rodeava: dentro do cinema, as imagens que se alternavam pareciam-lhe um emaranhado de cores destituído de sentido. Terminado o filme, sob uma luz fraca umas cinquenta pessoas aguardavam enquanto ouviam a música, que parecia ser um disco de Mantovani. Algumas crianças barulhentas transitavam nos corredores atapetados derramando refrigerantes dos copos de plástico e espalhando pipoca das caixas de papelão. Depois começou outro filme, com um cachorro, vários tiros e crianças gritando.

Pensando em Mario, Rynn chorou.

As luzes se acenderam, assustando Rynn, que logo secou os olhos úmidos de lágrimas, enquanto algumas dezenas de pessoas saíam pelos corredores, puxando seus casacos pesados, esforçando-se para não deixar cair suas echarpes e luvas.

Quando se dirigia para a parada de ônibus, o frio da noite não estava muito intenso, mas ao se apagarem as luzes da marquise, deixando a rua às escuras, e quando os últimos espectadores partiram deixando-a só, um vento cortante

atravessou seu casaco de pelúcia e os *jeans*, forçando-a a encolher-se a um canto para se proteger.

Andava cautelosamente pela rua deserta, perguntando-se se o ônibus não ia aparecer, quando ouviu o roncar de motores e um carro diminuiu a marcha e parou ao seu lado. Recuou, afastando-se da sarjeta quando os vidros se baixaram e alguns rapazes, pálidos, com os rostos ponteados de espinhas, começaram a chamá-la com assovios. Um outro fez com a boca um abominável ruído: — Você perdeu o último ônibus. Venha, entre! Nós esquentaremos você! — As risadas irrompiam do carro. Virando-lhes as costas, Rynn ficou olhando a vitrine de uma loja de material fotográfico, onde os olhos frios das câmaras se dirigiam para ela. Pela vitrine, viu que o carro ainda estava parado. Seu coração estacou quando a porta de trás se abriu deixando passar um dos rapazes, de casaco de couro e calça de zuarte com tachinhas de metal. Fez um sinal para os outros.

O rapaz, passando a mão pelos longos cabelos, foi andando pela calçada. Rynn seguia em frente, olhando cautelosamente de um lado para outro. Na noite escura não havia movimento algum.

Um outro rapaz, descendo do carro, fez com os lábios um estalo de beijos e atravessou a calçada para lhe interceptar a passagem.

Apavorada, Rynn os viu, através da vitrine, aproximarem-se dela de ambos os lados. Tarde demais para fugir. Encolheu-se no vão de uma porta.

Os dois rapazes continuavam fazendo com os lábios aquele som repugnante de beijo, quando uma voz que partia do carro os chamou. De repente, pararam, deram meia-volta e fugiram em direção ao carro, que partiu roncando o motor.

Junto à calçada um carro preto e vermelho da polícia diminuiu a marcha e parou.

Um dos policiais no assento da frente bateu no vidro fazendo sinal a Rynn para se aproximar. Baixou o vidro e a menina viu o forte maxilar inferior do homem mascando um chiclete.

— Você mora aqui na cidade? — A voz era surpreendentemente delicada.

Ela sacudiu a cabeça: — Não — acrescentou logo, esperando que essa única palavra fosse uma resposta suficiente. Rynn pensou que devia refletir, não podia responder a esmo.

— Para dizer a verdade, estou de passagem, vim da Inglaterra — disse.

— Na Inglaterra deixam meninas de sua idade andarem sós durante a noite? — Os olhos do policial se detiveram nos da menina e seu maxilar continuou firme, mastigando o chiclete.

— Não, o que aconteceu foi que eu estava com minha prima... no cinema... Walt Disney, mas ela encontrou o namorado e eu... bem, eu não quis incomodá-los.

O policial estendeu o braço e abriu a porta traseira.

— Antes que você morra de frio, entre no carro. Nós a levaremos para casa.

Ela se dirigiu para o carro.

— Os senhores são muito bons, muito obrigada. — Já ia entrando no veículo quando recuou olhando para o policial: — Pode parecer estranho, mas eu não tenho o endereço e não tenho certeza de poder lhes dizer como é que se vai para lá. Sempre vamos de carro ou tomamos o ônibus. — Desorientada, sorriu e ergueu os ombros: — Acho que tudo quanto sei é onde descer do ônibus.

O policial olhou para ela. Seu rosto inexpressivo não demonstrava ter ou não acreditado.

— Imagino — disse ela — que isso pode lhe parecer muito idiota...

— A que distância de sua casa fica a parada de ônibus?

— Apenas uma ruazinha pequena.

O homem não parava de mascar. Virou-se para o outro policial, um rapaz pálido de cabelo cortado rente e um grande pomo-de-adão.

— Quando é que vai passar o próximo ônibus?

— Dentro de dois a três minutos.

Virou-se para Rynn: — De qualquer forma, suba. Você pode esperar conosco até ele chegar.

Nos três minutos que esperou até os policiais fazerem sinal para o ônibus que vinha atrás deles, Rynn conversou alegremente, aceitando uma pastilha de chiclete de menta, dizendo-lhes como estava gostando de sua viagem aos Estados Unidos nas suas férias escolares.

Entrou no ônibus, e ao depositar as moedas na caixa o motorista, um negro com a cabeleira *black power* e bigodes cheios, olhou-a por baixo dos óculos dizendo com um tom deliberadamente natural: — Já é bem tarde, não?

Sem responder, Rynn se afastou dele o mais que pôde, indo sentar-se no banco de trás do ônibus vazio. Embora não pudesse ver realmente os olhos do homem, pois estava de óculos, tinha certeza de que ele a observava pelo retrovisor. Imaginação sua? Não podia desprezar mais nenhum instinto, nenhuma sensação, percepção alguma.

"Bem tarde, não?" A voz macia ecoava-lhe na cabeça como seus discos de linguafone. "Bem tarde, não?" Claro que já era bem tarde! Terrivelmente tarde, e se ela pudesse descobrir algum modo de não precisar voltar à casa daquela rua, naquela noite, se pudesse adiar o momento de passar por aquela ruazinha escura juncada de folhas secas, correndo sozinha para aquela casa sombria, ela não estaria só naquele ônibus, sentada ali com as mãos frias, as pernas sem forças, perseguida por um terrível vazio.

Rynn se aconchegou no casaco de pelúcia, mas continuava a tremer no assento de plástico sob a luz forte e brilhante, enquanto o ônibus corria pela noite afora.

Agora tudo a assustava.

Os óculos escuros do motorista espiavam pelo retrovisor. Ele estava *olhando* para ela.

— Onde é que você quer descer?

— Mais duas paradas adiante.

Levantou-se e andou vagarosamente para a frente, procurando acertar os passos com a velocidade do ônibus, calculando para chegar na frente no momento exato em que surgisse seu ponto de referência, a casa com o veado de ferro no jardim.

— Bem tarde — repetiu o motorista, diminuindo a marcha do ônibus até que as rodas rangeram sobre o saibro da estrada. — É, bem tarde — falou mais uma vez.

Agora que ia descer, que sabia que a conversa não podia durar, Rynn ficou subitamente audaciosa: — O que quer dizer com isso?

— Isso quer dizer, senhorita — falava com uma certa cadência própria —, que é bem tarde.

Com um silvo a porta se dobrou, abrindo-se.

— Senhorita?

— Hum?

— Vai muito longe?

— Não há perigo, vou muito bem.

— Se a senhorita acha, então boa noite.

A porta se fechou ruidosamente atrás dela e os pneus giraram sobre o cascalho. Com o ronco do motor o ônibus partiu, os dois faróis foram se reduzindo até desaparecerem ao longe. Levantando a gola do casaco e enfiando as mãos nos bolsos, Rynn foi correndo pela rua em direção ao mar. Calcando sob os pés o tapete de folhas secas que lhe davam maior elasticidade, correu durante algum tempo sem parar para respirar, já sentindo a cabeça dolorida com a friagem do ar. Afinal alcançou a rua. Os troncos escuros dos olmos gigantesos pareciam pilares de uma catedral gótica, e os galhos secos se juntavam lá em cima como uma abóbada ondulante sob o céu estrelado.

A primeira vez que vira aquela rua, inundavam-na a claridade do verão, as sombras variegadas, os matizes das flores, o zumbido dos insetos, o latido dos cães.

No escuro as folhas mortas passavam diante dela tocadas pelo vento, e acima de sua cabeça os galhos se entrechocavam.

Como uma presença viva, a noite estava em constante movimento, transformando-se, gemendo, respirando. A menina pensou que talvez a noite também estivesse tentando se aquecer.

Armou-se de coragem para passar defronte da casa dos seus vizinhos mais próximos, os mesmos que tinham ido passar o inverno na Flórida. A casa estava às escuras e os vidros das janelas se destacavam na sombra com um brilho claro e

gélido.

Jamais a rua lhe dera aquela sensação de horror. Se corresse, pensou, estaria em casa em poucos minutos. Quase parou. Afastou uma folha que caíra em seu rosto. Percebeu então que já estava quase em casa, e essa idéia a fez tremer. Era só pôr a chave na fechadura, empurrar a porta que dava para o vestíbulo, encaminhar-se para a sala de estar que, sem a lareira para aquecê-la, lhe pareceria mais gélida do que lá fora... Não havia nada, ninguém a esperava. . .

Sacudiu a cabeça e, com os cabelos ao vento, correu. Não devia, não devia se envolver com tais pensamentos. Aquela casa era o seu único refúgio no mundo. De repente avistou o projetor, e seu brilho intenso lhe pareceu um bom presságio, uma prova de que tinha razão pensando daquela forma. Através das árvores, lá estava ele, claro, límpido, na escuridão da noite gélida. Graças a Deus, graças a Deus, ela havia pensado em ligar a luz. Aquela *era* a sua casa, *era* ali que ela vivia.

Correu ao jardim, calcando sob os pés as folhas secas. Virou a chave na fechadura com um movimento rápido, abriu a porta ruidosamente e procurou o comutador. Todas as luzes do vestíbulo e da sala se acenderam. Bateu e trancou a porta contra a noite que prosseguia lá fora. A sala estava vazia e fria, embora inundada de luz. Correu à lareira, onde jaziam as cinzas brancas e frias. Já é muito tarde para acender o fogo, pensou. Estendeu a mão e retirou do consolo o livro de seu pai, deixando-se cair com ele no divã.

Exatamente naquela casa, seu único refúgio, Rynn sentiu um calafrio.

O medo não a largava.

Levantou-se, foi para junto da escada e acendeu as luzes do andar de cima antes de apagar as do térreo.

Sem olhar para trás subiu correndo as escadas.

A luz projetava-se pela escada abaixo, inundando o vestíbulo e a sala de estar. Depois o pálido brilho da luz de cima se extinguiu, as sombras invadiram a casa, mergulhando-a na escuridão. Só brilhavam as cortinas iluminadas pelo projetor.

Uma sombra perpassou diante dessa luz.

Lá fora o projetor apagou-se de repente.

CAPÍTULO 20

Sem crepitar de fogo na lareira, sem as patas de Gordon arranhando a gaiola, nada tinha vida naquela sala fria, nada se movia. Fora a menina que dormia lá em cima, a casa estava negra como uma sombra, tão escura e vazia como a casa do outro lado da rua. Um galho mexido pelo vento raspou no telhado. Lá ao longe, nas trevas da noite, rugia o mar.

Um ruído de chave. A menina lá em cima não ouviu, era como o barulho indiferente de uma folha batendo na janela.

A porta se abriu em silêncio e a luz forte e fria de uma lanterna espalhou-se pelo vestíbulo. Um vulto, apenas mais escuro do que a noite lá fora, entrou na casa, fechou a porta sem ruído e passou a chave.

O raio de luz projetou-se na escuridão da sala de estar, percorrendo a mesinha para depois descer até o tapete debruado. Na mais completa escuridão, rompida apenas pela luz da lanterna, o vulto entrou na sala e, quase sem ruído, arredou a mesa. O tapete foi afastado do alçapão e a luz pousou na alça. O vulto abriu o ferrolho. As dobradiças rangeram, mas o ruído, como os demais, não era suficiente para despertar a menina, não mais forte do que o ruído dos galhos das árvores batendo de encontro ao telhado.

A luz sobre a escada que dava para a adega de repente desviou-se e passou pela sala, indo fixar-se na mesa da cozinha. O telefone ficou visível.

O vulto se adiantou, segurou o aparelho, levando-o, com o longo fio, até a escada do porão; e desceu: a lanterna deslizava seus raios de luz pelos degraus.

A luz fraca que vinha do porão tremulava na sala de estar, quase de novo às escuras. O ruído de passos, de coisas que se arrastam, abafado pelo rugir do vento, teria passado despercebido se o fio do telefone, enrolando-se no alçapão, não fechasse a porta com um estrondo. A porta do alçapão abriu-se, uma luz surgiu, varrendo com seus raios todo o aposento, e lentamente baixou deixando a sala no escuro.

No andar de cima acendeu-se uma luz. A claridade deslizou para a escada onde estava Rynn, vestida de branco, descalça, resplandecente em sua camisola.

Olhou fixamente para a sala escura. O coração batia-lhe descompassadamente, embora ela procurasse se convencer de que, como os outros, o ruído que escutara também fora causado pelo vento. Provavelmente um galho quebrado que batera de encontro às paredes da casa. Era isso. Talvez tivesse esquecido de fechar a porta da frente, aberta pelo vento.

No entanto sabia que tinha fechado a porta. Talvez um quadro que se desprendera da parede. A caixa de lenha! Teria deixado a porta aberta? Mas a pancada de uma caixa que se fecha era diferente. O barulho que ouvira era uma pancada surda. Relutava em aceitar aquilo que as desordenadas pulsações de seu coração já denunciavam. *Aquele barulho*. Jamais poderia esquecer a primeira vez que o ouvira.

Desceu correndo as escadas, em silêncio, e atravessou o vestíbulo para acender as luzes.

Nada estava fora do lugar.

Temia olhar para a sala de estar.

Então deparou com o que mais receava ver neste mundo. A mesa arredada para o lado, o tapete amontoado descobrindo a porta do alçapão.

Seu pensamento era um turbilhão. Se ela pudesse eliminar o terror que a possuía, se pudesse fazer com que os seus joelhos trêmulos se movessem e chegar até a porta do alçapão, conseguiria colocar o ferrolho no lugar e fechar o trinco. Podia prender quem quer que estivesse lá embaixo. *Então* teria tempo para articular seu novo plano de ação. E descobrir quem estava lá!...

Se fosse capaz de mover-se.

Lutou contra o terror que a paralisava. Lutou para se valer de todas as suas forças. *Sobreviva*.

Dominou o medo e deu o primeiro passo.

A esse seguiu-se o segundo. Tarde demais. As dobradiças rangeram quando as tábuas envernizadas da porta do alçapão começaram a se levantar à sua frente.

Ficou petrificada. Toda a casa retiniu com seus gritos lancinantes. A porta abriu-se completamente, mas nenhum rosto apareceu. Sequer a mão de alguém empurrando o alçapão. O que era aquilo? Uma vara? Era uma bengala. Preta.

Quando a porta se ergueu, perpendicular, um chapéu de seda negra emergiu, depois uma capa também preta, um braço levantado segurava um lado da capa para cobrir o rosto.

— *Mario!*

Subitamente liberta, capaz de se mover, Rynn se adiantou, descalça no assoalho.

— Oh! seu velhaco! Você não estava doente! Seu tio, sua irmã, seu irmão ajudaram você a fingir que estava doente! — Lágrimas de dúvida e desafio embargavam-lhe a voz enquanto ela continuava a balbuciar: — E a maquilagem cinza, também? Todo esse trabalho para fazer o seu maior número de mágica?

Riu descontroladamente, mas o riso não tinha a angústia do medo.

— *Como você me assustou!*

Ria silenciosamente, sacudindo os ombros. Com o andar incerto, dirigiu-se para o homem de capa que emergia do porão, exultante por estar livre daquele terror, louca de tanta alegria. Junto da mesa parou, respirando fundo. Ela também sabia fazer esse jogo, também sabia representar o seu papel. Com toda a veemência de que era capaz gritou:

— Você, seu malandro! — Contudo, incapaz de ocultar sua alegria, irrompeu em gargalhadas e correu para adiante.

Com gestos teatrais, inspirados pela capa e pela bengala, o vulto esperou que a menina lhe caísse nos braços antes de se descobrir.

Aquele não era o rosto vivo de Mario, iluminado por olhos pretos e brilhantes e um sorriso radioso: era a cara bovina e vermelha, o sorriso alvar e os lábios grossos de Frank Hallet.

O homem riu: — Aqui está o seu malandro!

A mão de porco puxou a porta do alçapão deixando-a cair com um estampido. A outra segurava o telefone.

— Saia daqui! — Trêmula, mesmo assim conseguiu dar a ordem.

Hallet empurrou-lhe o telefone.

— Chame a polícia. — O riso lhe enrugou a face vermelha. Tirou o fone para dar maior ênfase ao oferecimento. Abanou a cabeça fingindo surpresa, — Não? Não quer usar o telefone? Por que não chama seu pai?

A capa esvoaçante passou pela menina para colocar o telefone na mesa.

Hallet olhou para a cozinha. — Como boa inglesa, não vai me oferecer a indispensável xícara de chá?

— Se você partir imediatamente — disse Rynn, a voz era quase um sussurro — eu não direi uma palavra.

Hallet fez uns floreios com a capa, gozando todas as suas possibilidades como se um número de teatro amador lhe desse oportunidade de desdobrar uma personalidade nova e mais brilhante. A capa caiu de forma admirável quando ele arrepanhou um de seus lados jogando-a sobre os ombros. Com a outra mão batia no chão com a bengala.

— Vesti-me assim, caso aquele calhorda do Miglioriti ou qualquer outra pessoa resolva passar por aqui e me encontre. Assim posso passar pelo seu amiguinho. Até sou capaz de capengar, está vendo? — Dizendo isso, deu uns passos de coxo.

— O policial Miglioriti sabe que Mario está no hospital. Deu de ombros e ajeitou a capa.

— Ah!... cometi uma gafe. Mas felizmente ninguém me viu.

— O policial Miglioriti me trouxe do hospital aqui para casa. Disse-me que ficaria esperando lá fora dentro do carro até eu lhe fazer um sinal de que tudo está bem.

— Basta de mentiras!

— Ele disse. Ele prometeu passar e vigiar a casa.

— O idiota do Miglioriti neste momento está jogando sua estúpida tômbola.

Irritado, Hallet pegou um lado da capa de seda para limpar uma mancha branca. — Aquele porão está cheio de poeira. Não é só poeira. .. o que é isto? Soda cáustica? Eu não sabia bem o que iria encontrar lá embaixo, provavelmente por não saber ao certo o que estava procurando. É evidente que não eram aquelas porcarias de potes. — Hallet jogou para trás os refolhos da capa com um movimento largo, a mão erguida. Entre o indicador e o polegar retinha um pequeno objeto que empurrou no nariz de Rynn.

— Um grampo de cabelo! — Ao pronunciar essas palavras, inclinou-se para a menina, percorrendo com os olhos seus longos cabelos castanho-dourados. — Mas você não usa grampos, não é? Não nesses belos cabelos. — Examinou-o mais uma vez, detidamente. — Um grampo de cabelo!

— Pode ter estado aí por muitos anos — disse a menina.

— Mas estaria enferrujado. — Cheirou o grampo de arame e sorriu. Entregou-o a Rynn para que o examinasse, e não demonstrou surpresa quando ela recuou.

— Ainda conserva o perfume que eu dei a ela no Dia das Mães. — Riu. — Querida mãe! — Abriu a mão descobrindo em sua palma algo ainda menor do que o grampo.

— E isto? Dir-se-ia que é uma unha quebrada? Vermelho vivo. Absolutamente não é a cor da minha querida mãe. E temos aqui também estes punhados de cabelos. De quem pensa que são? — Jamais um usurário manuseou um tesouro com tamanha fascinação, ganância, amor. — No escuro foi tudo quanto pude encontrar. A polícia, com todo o seu equipamento... o que não poderia encontrar! — Não desejando se separar dos seus achados, Hallet colocou-os cuidadosamente em um cinzeiro de vidro. Depois bateu palmas, pronto para a ação.

— Vamos colocar o tapete e a mesa em seus lugares?

Deu um pontapé no tapete, empurrando-o para cima da porta do alçapão. Estendido sobre as tábuas, endireitou-o, alisando as dobras. Estalou os dedos e, docilmente, Rynn levantou um lado da mesa. Juntamente com Hallet carregou a mesa para o seu lugar.

O homem foi para a janela dos fundos, afastou as cortinas e, protegendo os

olhos com a mão, olhou em direção à latada lá fora no escuro da noite.

— E como vai o seu jardim?

Na mesa Rynn colocava em seus lugares os candelabros de estanho.

— Lá fora — disse — a terra foi trabalhada...

— Tulipas — disse a menina.

— Ótimo. Minha querida mãe adora tulipas. — Deixou cair as cortinas. Fingia estar pensando alto, mas Rynn sabia que, como ele sentira prazer na atitude teatral com a capa, o chapéu e a bengala, agora também representava só para ela, o seu público cativo. — Suponhamos que eu deveria fazer um esforço, mas a verdade é que realmente não sinto assim tanta falta dela. Você pensa que isso é muito ruim da minha parte? E com o passar do tempo, sinto dizer que ainda sentirei menos a perda. — Não conseguiu reprimir um sorriso enquanto passava pomada nos lábios: — Não, não sinto falta dela... mas a polícia... — Deixava as palavras em suspenso, pronunciando-as lenta e deliberadamente, como o calor do seu hálito na friagem da noite.

Com a unha Rynn raspava um pedaço da cera da vela que caíra na toalha.

— Lembre-me de pensar nela quando eu estiver aqui... nesta janela... na outra primavera, na estação das tulipas.

Aqui, na outra primavera. As palavras eram ditas lentamente, deliberadamente, enquanto passava para trás de Rynn, que continuava raspando a cera da toalha da mesa.

— Mas não quero, absolutamente, que você se preocupe a respeito dela. Esta a razão pela qual eu me arrastei até aqui. — Como Rynn se recusava a olhar para o seu lado, ele a rodeava, porém Rynn se afastava sempre.

— É verdade, vim a pé. Você não vai me perguntar por que não vim dirigindo o Bentley da minha querida mãe?

Enrolando-se na capa, dirigiu-se para a lareira. Tirou da caixa de lenha alguns jornais, que enrolou e socou contra as achas. Colocou mais alguns gravetos, acendeu os jornais e esperou até que o fogo pegasse, e seu rosto se iluminou com as chamas alaranjadas.

— Ou você não pergunta porque é tão superiormente inteligente que já compreendeu que não quero deixar o carro lá fora na rua à vista de todo mundo? Não estou certo?

Suspendeu os olhos fixos na lareira, onde as chamas subiam queimando os gravetos.

— A propósito, não quero esquecer de lhe agradecer por ter levado o carro para o escritório.

A menina continuava diante da mesa, imóvel, silenciosa.

— Rynn?

— Não sei o que quer dizer.

— Quero dizer que você é brilhante. Entretanto cometeu um erro. Estou me referindo ao famoso sábado em que ela dirigiu seu orgulho e sua alegria, seu Bentley vermelho-escuro, até aqui para apanhar os igualmente famosos potes de geléia. Nunca mais voltou para casa. Mas, não se sabe como, o carro voltou.

— Ela nunca esteve aqui naquele sábado.

— Bem, não diga coisas a esmo.

— *Ela nunca veio!*

— Minha querida, sugiro que você se sente.

Rynn não se moveu. Hallet estalou os dedos em direção ao divã. Com a luz do fogo refletindo em seu rosto, ficou vendo Rynn sentar-se.

— Ela *veio*. Eu sei. Eu a acompanhei.

No silêncio da sala Rynn ouvia-lhe a respiração.

— Está vendo como você não deve fazer essas declarações sem refletir?

— Ela nunca veio.

— Não seja chata. Naquele sábado pensei em visitá-la também.

Quando saímos do escritório menti à minha querida mãe, dizendo que pretendia visitar os seus vizinhos antes de partirem para a Flórida. Quando chegamos à rua, ela soube a razão da minha vinda até aqui. Ela sabia o que eu queria. Quando estacionamos em frente a esta casa, tivemos uma briga terrível. Ela me proibiu de tornar a botar os pés aqui. Disse que ia falar com seu pai, mas ia sozinha. A meu respeito... provavelmente. Você me acha, talvez, terrivelmente paranóico de pensar assim? No entanto, é verdade. Agora não importa. Esperei que ela saísse. Esperei por muito tempo. Na chuva, lembra-se? Vi você sair de casa e voltar. Vi o mágico aleijado chegar na bicicleta, e depois partir, sempre na bicicleta. Àquela altura eu já estava encharcado até a alma, então me arrastei de volta à minha casa...

— Nada disso é verdade.

— Você nunca sabe de nada, não é? Se você fizer a pergunta àquele calhorda do Ron Miglioriti saberá que a polícia encontrou o Bentley — em cujo misterioso reaparecimento eu era o único a acreditar — defronte do escritório, onde ele ficou todo o dia de sábado. Trancado como uma caixa-forte. De vez que minha querida mãe tinha o único molho de chaves, eu não podia abri-lo. Na segunda-feira um reboque o levou para a garagem dos Podesta. Você, que é tão inteligente, diga-me, como é que eu abri o carro e liguei o motor sem as chaves?

— Ela as entregou a você.

— Não, não, não! — disse Hallet, impaciente. Já lhe disse que não a vi. Além disso, ela não me deixaria tocar naquele seu precioso carro.

— Havia duplicatas das chaves?

— Uma vez que minha mãe não queria que eu dirigisse o carro, você está me

perguntando se ela deixara duplicatas das chaves em qualquer lugar, para que eu as encontrasse? Não havia jeito. Minha querida mãe era muito meticulosa. Então...

— Estalou os dedos para chamar a atenção da menina:

— Então, como foi que abri o carro?

— Você chamou um chaveiro?

— *Voilà*

— Sua mãe então ainda tem o outro jogo de chaves.

— Você quer dizer que ela voltou com o carro para o escritório?

— Sim.

— E se não foi ela, quem foi? Bem, uma vez que você é uma menina tão extraordinariamente inteligente, nada me impede de pensar que não foi você. Parece-me que você é capaz de fazer as coisas mais extraordinárias. — Suprimiu uma risada. — Uma vez aberta a porta, dei uma busca minuciosa nos mínimos cantos do carro. Sherlock Holmes, Ellery Queen, Maigret, quem você quiser. Entretanto, não achei nada que provasse que uma menina de catorze anos... ou será treze? tivesse dirigido o carro. Aí olhei outra vez. Você sabe o que encontrei? Sobre o acolchoado de couro das portas havia marcas redondas. Que Deus abençoe o couro verdadeiro. Se fosse de plástico, não estariam ali. Marcas redondas, de quê? Marcas redondas feitas pela ponta de uma bengala que alguém usara como apoio para sair do carro, juntamente com alguma outra coisa também. E no assento de trás? Lá atrás alguma coisa havia arranhado o precioso couro do carro da minha querida mãe. Algo grande demais para caber na mala? E mais algumas marcas de bengala. Por quê? Um apoio? Arranhões... de uma bicicleta, no assento de trás? Marcas redondas feitas com o transporte da bicicleta, para dentro e para fora do carro. O pequeno mágico manco? Quem se livraria de suas mágicas? O fogo crepitava.

— Isso foi no sábado. Lamentavelmente só entrei no carro na terça-feira. O que fez ele? Trouxe-lhe as chaves no sábado à noite. Estão com você? Na corrente ao redor de seu lindo pescoço?

Com o atizador Hallet remexeu o fogo jogando um pedaço de lenha nas chamas.

— Naturalmente tudo isso não me dizia onde estava minha querida mãe. Tinha ainda de descobrir. Nas noites em que vim até aqui, não vim de carro. — Suspirou: — Oh, as vezes que eu me arrastava pela chuva, por cima das folhas secas, só para ver você...

Levantou-se, sacudiu a fuligem das mãos. Com uma elegância exagerada enrolou-se na capa e se acomodou na cadeira de balanço.

— Há ainda alguns detalhes que desejo esclarecer. — Estendeu a mão em direção a Rynn: — Não precisa me dizer, estou me divertindo muito com todas essas descobertas.

Estalou os dedos apontando para o maço de cigarros. Rynn trouxe-lhe o maço

de Gauloise. Tirou um e esperou. Ela riscou um fósforo e acendeu-lhe o cigarro. Aspirando a fumaça, reclinou-se na cadeira e começou a balançar-se.

— Para uma menina de catorze anos — ou serão treze? — você é muitíssimo inteligente. Imaginativa. Cheia de recursos. Em momentos difíceis você é fria. Entretanto, mais cedo ou mais tarde temos que aprender que existem outras pessoas brilhantes no mundo. Sinto dizer que a descoberta dessa verdade faz parte da evolução do adulto. Sim, é triste não ser mais o centro do mundo, não acha?

Uma fumaça azulada espalhava-se pelo rosto vermelho de Hallet.

— Bem, sei que você deu cabo da minha querida mãe. Talvez por causa do que ela viu na adega..., mas, como já disse, prefiro deixar o resto da conversa para as nossas longas noites de inverno.

Inclinou-se e pegou o maço de cigarros que a menina ainda retinha nas mãos.

— Perdão, você quer um cigarro? — Fumava, e mantinha um ar teatral. — Não fique tão solene. Já lhe disse. Não lhe guardo rancor por me ter livrado da minha querida mãe. Foi uma dádiva do céu. Poupança-me o trabalho. Eu detestava aquela mulher. Rezava para que um raio a fulminasse... para que uma salada de caranguejo a envenenasse nos almoços do seu clube de mulheres filantrópicas... para que um bem-vindo acidente na auto-estrada esmagasse aquele Bentley vermelho como uma prensa, espalhando seu sangue azul em todas as direções. Mas não. Cada ano que passava ela ficava mais forte, mais viçosa. Meu Deus, que mulher! A idade não a atingia. Cheguei a desanimar de vê-la morrer um dia.

Ria, balançando-se maquinalmente como uma marionete pintada sobre uma cadeira de brinquedo, pensou Rynn.

— De modo que eu lhe digo. .. *obrigado*.

A campainha do telefone tocou. Sempre sorrindo, o homem levantou mecanicamente a mão, como se fosse uma peça de máquina, e ordenou que Rynn atendesse.

— Alô? Oh! Miglioriti, oh! estou tão contente que você tenha telefonado.

Hallet balançava-se na cadeira, sorrindo, com os lábios brilhantes de pomada.

— Bem, *todo mundo* disse que Mario estava melhor. Mas eu não acho que. . . ah, é verdade? Graças a Deus! Quero dizer, se foi isso que o médico disse à sua família, então penso que não devo me preocupar. Eu? Estou muito bem. Muito bem. Tomei o ônibus, como você disse... Como?

Olhe, se as notícias são más, talvez o momento não seja oportuno para dizê-las...

Ela estava de costas para o homem na cadeira de balanço. A cadeira moveu-se mais lentamente, depois parou.

— Ah, sim — continuou ela no telefone. — Compreendo. É sempre assim, não é? Não. Agora não... não

— E você lhe disse para não o trazer aqui. Muito obrigada pelo telefonema. Desligou.

O homem junto à lareira soprou uma grande baforada de fumaça.

— Regulamento número 1 — disse. — Nada de segredos. Más notícias?

— Ganhei o horrível peru do Dia de Ação de Graças.

— E você lhe disse para não o trazer aqui. Muito sensato.

Hallet começou a balançar-se, como um autômato.

CAPÍTULO 21

— Amanhã passarei pelo distrito policial e apanharei o peru que você ganhou na rifa — disse Hallet, sacudido por uma tosse asmática e roufenha. — Aí transmitirei o seu adeus àquele chato do Ron Miglioriti.

Falava sem tirar os olhos de Rynn.

— Aquele ordinário está nos deixando. Vai para a Califórnia.

Acompanhando com a cabeça o balanço da cadeira, Hallet continuava observando a menina. Ela, porém, não mostrou nenhuma reação.

— É um italiano a menos na polícia, não acha? — A tosse fanhosa se transformou em gostosa gargalhada. Acalmou-se com mais uma baforada do cigarro.

— Quanto ao pequeno mágico, quando ele sair do hospital vamos permitir que você o avise. Você terá a incumbência de lhe dizer para ir-se embora e nunca mais voltar aqui.

Com os braços cruzados sobre o roupão, Rynn esfregava os cotovelos enquanto se afastava do homem.

— Aonde você pensa que vai?

— Você pediu uma xícara de chá.

— Esta é a solução dos ingleses para tudo, não é? Uma boa xícara de chá. — E continuou: — Em primeiro lugar, vamos ouvir música. Ponha um disco e apague as luzes.

Os primeiros acordes de Liszt invadiram a sala.

Refestelado na cadeira de balanço, gozando a comédia que ele próprio havia preparado, Hallet fumava com uma lentidão deliberada, como se o mundo estivesse esperando o seu próprio decreto imperial.

— Gostei do modo como você se portou ao telefone. Demonstrou uma capacidade inata para aprender; exceto... — virou a cara gorda e vermelha para o lado da cozinha — pelo pequeno lapso em relação ao carro, você é... brilhante! Melhor do que isso. Você é astuciosa, esperta. Uma sobrevivente.

Sobreviva!

A menina abriu a torneira e encheu a chaleira com água quente. Não olhou para o homem quando respondeu: — Meu pai diz que a inteligência é a faculdade de apreensão rápida da realidade.

— Ah, ele diz isso? O famoso filósofo americano George Santayana também diz a mesma coisa e, lamentavelmente para seu pai, Santayana o disse primeiro. — Hallet ouvia a menina se movimentando na cozinha. — Cursei filosofia em Harvard, isto é, até o dia em que fui reprovado. Ah, você vai me achar *cheio* de surpresas! — Hallet se levantou, abriu a caixa de lenha e tirou uma acha. — Nada impede que você viva como tem feito até agora. Com a diferença que, a partir de hoje, seremos amigos, você e eu. Só nós dois. Como é mesmo a canção? "Ninguém junto de nós para nos ver nem nos ouvir." — Repetia, quase cantando, as palavras de *Thea for two*: — "Nem amigos nem parentes nos passeios de fim de semana". Minha querida mãe adorava essa canção. — Resmungando as palavras, jogou uma acha na lareira.

— Mario... — disse a menina calmamente.

— Sim?

— Ele sabe.

— Sabe o quê?

— O que aconteceu.

— Como já disse, cabe a você se livrar dele.

— Talvez não seja fácil.

— Talvez ele morra.

— Os médicos dizem que não.

Hallet se recostou na cadeira.

— Então você deve recorrer à inteligência dessa sua cabecinha e pensar num modo de fazê-lo compreender que você não quer mais saber dele.

— Biscoitos?

— O quê?

— Você quer biscoitos?

— Naturalmente que quero, só que aqui nos Estados Unidos nós chamamos de bolinhos. — A chaleira assoviou e a água começou a ferver. Enchia o bule de chá, e continuava falando: — Mario desceu lá embaixo, na adega.

— Pelo que vejo, foi um lugar muito freqüentado.

— Como já disse, ele sabe.

— É um italianinho bem inteligente, hein?

— Muito.

— Pois bem, será bastante inteligente para saber que é cúmplice. Você conhece a palavra?

— Sim. — Pôs novamente a chaleira no fogão.

— *Ele* sabe o que isso quer dizer?

— Deve saber.

— Salvo nós dois, ele é a única pessoa que sabe a respeito da adega?

— Sim.

Hallet examinava o maço de cigarros. Tiraria mais um? Ao ouvir os passos de Rynn, resolveu não tirar, e ficou observando a menina equilibrar a bandeja no canto da mesa e se ajoelhar no chão. Sentou-se sobre os pés nus e arrumava os utensílios do chá. Hallet estava a uma curta distância, não fez menção de ajudá-la.

— Sr. Hallet?

— Que é, minha querida?

— O senhor vai contar à sua mulher? — A menina conhecia o risco daquela pergunta. Se naquele instante o homem lhe desse uma bofetada, ela não se surpreenderia. Mas Hallet ficou imóvel.

Sem qualquer traço de mofa respondeu: — Deixe isso comigo.

Rynn levou para a mesa os pires, as xícaras, o bule de chá e o prato de biscoitos. Hallet estendeu a mão rosada, de porco, e as pontas dos dedos tocaram os fios dourados dos cabelos de Rynn, que resplandeciam ao intenso clarão do fogo.

— Lindos cabelos.

Sem recuar ao toque da mão de Hallet, Rynn porém se valeu do recurso de arrumar a louça do chá para se afastar dele sem chamar atenção. Hallet poderia ter interpretado o gesto como um recuo, mas nada disse. Tinha muito tempo.

— O fogo já pegou, agora o ambiente está muito agradável.

As notas do *Concerto para piano* caíram como uma chuva de prata, os sons vibraram em uníssono como uma preparação do instante em que irromperiam numa torrente de sonoros acordes.

— O que estamos ouvindo? — perguntou Hallet.

— Liszt.

— Lindo. — Seus olhos não se afastavam de Rynn.

— Leite?

— Sim, por favor.

Hallet olhava Rynn servir o chá. Com habilidade ela cortou o filete de leite tão bem que não derramou nem uma gota da leiteira.

— Açúcar?

— Pode servir, quando bastar eu digo.

Rynn pôs na xícara os tabletes de açúcar, até que Hallet, estalando os dedos, a interrompeu.

— Três?

— Espero que você se lembre.

— É fácil — disse a menina. — Eu também gosto de

três.

Hallet tamborilou na mesa exatamente no lugar onde ele queria a xícara, ao alcance de sua mão quando ele se balançasse para a frente.

— Bem aqui.

A seguir, Rynn se serviu da mesma quantidade de leite e três tabletes de açúcar.

— Não há nada — disse o homem — que se compare a uma boa xícara de chá.

Ouviram a música sem tocar nas xícaras.

— Lindo — murmurou o homem.

— Hum.

Passado algum tempo, Hallet quebrou o silêncio:

— Algo a preocupa, minha querida?

— Não.

— Diga a verdade, agora.

— Só acho que é uma pena não aproveitar para tomar o chá enquanto ele está bem quente.

— Em suma, você quer que eu beba?

— Não é exatamente isso.

— É isso que você quer dizer, não é?

— Acho que sim, mas...

— Você também não está tomando o seu.

— Estou esperando. O senhor é o convidado.

O homem sorriu. — Você pôs mais leite no seu. Na verdade, eu gosto com mais leite.

— Olhe — disse a menina, levantando a leiteira, prestes a despejar o conteúdo na xícara. — É fácil de fazer.

— Prefiro que você me dê a sua xícara. — Fixou os olhos em Rynn.

Bateu na mesa. Sua voz era rude.

— Quando falo, você deve olhar para mim.

Rynn ergueu seus olhos verdes, mas logo desviou o olhar.

— Quero a *sua* xícara de chá — disse ele. — Teremos a sensação de estarmos compartilhando de algo, não acha? — Estendeu a mão.

Ao lhe entregar o pires, Rynn se esforçou para não tremer. Por sua vez Hallet empurrou por cima da mesa o seu pires com a xícara.

— Não espere por mim — disse —, as senhoras em primeiro lugar.

Rynn pegou a xícara.

— Espere.

Rynn ficou imóvel.

— Mas que dama inglesa você é! — disse, estendendo para ela o dedo mínimo: — Você não está levantando o dedinho.

— Também não se faz isso na Inglaterra — disse ela.

Observou-a atentamente, esperando que ela tomasse o primeiro gole. Em pequenos goles Rynn tomava o seu chá.

— Está bom?

Ela tomou um grande gole. — Como acabou de dizer, não há nada como uma boa xícara de chá.

Com a outra mão oferecia-lhe o prato de onde ele tirou um biscoito.

Hallet mordeu um dos biscoitos. Rynn esperava enquanto ele saboreava o chá.

— Excelente. — A xícara ficou marcada com a pomada de seus lábios.

— Mais um biscoito? — perguntou ela.

— É bolinho que se diz. Já disse isso a você. — Começou a tossir.

— Os guardanapos... creio que me esqueci deles. Vou buscá-los.

— Sente-se e fique quieta!

— Tem bastante leite?

— Está muito bom. — Tomou mais um gole. — Sabe por que eu fiz você trocar as xícaras comigo?

— Não. — Viu logo que ele não acreditava nela.

— Pense! — Seu olhar reclamava uma resposta.

— É algum teste?

— Eu mudei as xícaras para que você se lembre bem de que, se quiser fazer algum truque, é melhor deixá-lo para o seu pequeno mágico italiano.

Tossiu novamente, mordeu o biscoito, e outro gole de chá.

— O chá tem gosto de amêndoa.

Rynn sentiu na língua a ponta afiada de seu dente quebrado quando mordeu um dos biscoitos.

— Creio que são os biscoitos de amêndoas que dão esse gosto ao chá.

Terminando de tomar o chá, Hallet colocou o pires em cima da mesa.

— Você precisava ver os reflexos do fogo nos seus cabelos. Estão completamente dourados.

Por cima da xícara Rynn viu o homem se inclinar para ela.

— Uns cabelos tão lindos...

Ao clarão do fogo, Hallet estendeu a mão para a menina. Acariciou-lhe os cabelos. Rynn permaneceu fixa, imóvel.

O AUTOR E OBRA

As personagens bem definidas, a linguagem simples e bastante dialogada, a trama sugestivamente visual: esses elementos característicos de "A menina do fim da rua" praticamente definem o estilo de trabalho de Laird Koenig, um desses escritores profissionais que, ao imaginarem uma história, não pensam apenas em termos de sua edição em livro, mas também nas potencialidades de adaptação para cinema e televisão.

De fato, pouco após seu lançamento nos Estados Unidos, "A menina do fim da rua" foi filmado pela Columbia Pictures, com Jodie Foster no papel título.

Laird Koenig nasceu em Seattle, Washington, e cursou as universidades da Califórnia e de Nova York. No início de sua carreira, escreveu para o teatro, o cinema e a televisão. Duas de suas peças — "The dozen" e "California wine" — foram encenadas na Broadway entre 1968 e 1969.

Em 1970, em colaboração com Peter L. Dixon, publicou seu primeiro romance de suspense e mistério: "Cuidado, as crianças estão olhando" ("The children are watching"), que lhe valeu um prêmio de literatura policial em 1972. Este "A menina do fim da rua" foi o segundo êxito do autor, que, atualmente, prepara novos romances, dividindo seu tempo entre Los Angeles e Londres.

Table of Contents

- [Folha de Rosto](#)
- [1](#)
- [2](#)
- [3](#)
- [4](#)
- [5](#)
- [6](#)
- [7](#)
- [8](#)
- [9](#)
- [10](#)
- [11](#)
- [12](#)
- [13](#)
- [14](#)
- [15](#)
- [16](#)
- [17](#)
- [18](#)
- [19](#)
- [20](#)
- [21](#)
- [O AUTOR E SUA OBRA](#)

Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[O AUTOR E SUA OBRA](#)